

3.

A experiência mística de Francisco de Assis: despertar evangélico

Considerações iniciais

Após uma apresentação da temática da mística e um breve relance do seu desenvolvimento teológico e histórico, neste capítulo a pesquisa contempla os aspectos nucleares da vida de Francisco segundo sua relação mística com Deus e suas ações enquanto pessoa que se fez irmão de todas as criaturas. Não nos propomos fazer uma avaliação exaustiva e sim, tão somente, levantar algumas possíveis pistas para ulteriores aprofundamentos, cientes de que estamos fazendo os primeiros esboços desta fisionomia sanfranciscana. O impacto da sua experiência mística, o que permanece novidade em muitos setores da vida cristã, pode contribuir para romper com compreensões unilaterais ou superficialmente aplicadas à compreensão da sua mística. Pretendemos aprofundar a origem que fornece uma base para a assimilação da mística de Francisco que tem sua origem e síntese no Evangelho, para a vivência radical da fraternidade dos irmãos e irmãs no seguimento de Jesus Cristo.

Francisco, filho de um mercador de Assis, se converte, na idade adulta, nos primeiros anos do século XIII e torna-se, depois de alguma hesitação, um seguidor exemplar do Cristo, dedicando e vinculando sua vida à pessoa de Jesus e à causa do Reino. Seus contemporâneos, fascinados por sua personalidade e por sua pregação itinerante, não tardaram a perceber nele um arauto do Evangelho e logo um santo²¹¹.

Possui efetivamente o mérito de operar em sua pessoa a síntese entre as aspirações, às vezes contraditórias, dos movimentos religiosos que tinham marcado as gerações precedentes²¹², e a mais autêntica tradição cristã²¹³. O seu

²¹¹ A vinculação radical à pessoa de Jesus Cristo é caráter distintivo do seguimento. Esta ligação com o Mestre é fundamento também do novo estilo de vida adotado pelos discípulos e da adesão à causa do Reino, incluindo a possibilidade concreta de passar pelo caminho da cruz. Cf. BLANCO, S. Seguimento. Fundamentação bíblica. In.: *DTVC*, p. 1012s.

²¹² Cf. BLASUCCI, A.; CALATI, B.; GRÉGOIRE, R. *Storia della spiritualità. La spiritualità del medioevo*. Roma: Borla, 1988, p. 218-258, com bibliografia imprescindível; BRUNELLI, D.

desejo é permanecer na pobreza mais absoluta e na humildade, o que não exclui uma fidelidade sem falhas à Igreja, enquanto o olhar fundamentalmente benevolente que ele dirige para as pessoas e o universo o deixa seguro quanto às tentações do dualismo²¹⁴.

O tempo de Francisco pertence a um dos períodos mais dinâmicos da história do Ocidente, marcado por grandes e decisivas mudanças nas diferentes áreas do saber, da convivência e da ação humana. Percebe-se, neste período, uma variada riqueza de pessoas e de acontecimentos, uma seiva que jorra por todos os lados, um fervor criativo que torna insuficientes os mais minuciosos quadros cronológicos.

Nesse contexto, os setores mais sensíveis da Igreja sentem-se desafiados a retornar às fontes originais da vida cristã e a expressar a própria fé de uma forma nova. Abre-se, na Igreja ocidental, um novo ‘tempo evangélico’, marcado por duas características fundamentais: a pregação da Palavra e a pobreza que influenciará profundamente a mística de Francisco. A chamada ‘vida apostólica’, entendida nos séculos anteriores a partir da comunidade primitiva de Jerusalém e identificada com a vida monástica, é redefinida a partir do Evangelho e polarizada a busca de uma vivência cristã mais intensa, não só por parte de membros do clero, mas, principalmente, de muitos leigos e leigas²¹⁵.

Poucas pessoas espirituais associaram como ele, em um grau excepcional, o objetivo apostólico e a experiência mística, o evangelismo integral e o espírito de obediência. Se, em certos aspectos, a sua mensagem se situa no prolongamento dos movimentos religiosos do século XII, a vida itinerante, a pobreza, a vida comum, entre outros, não se pode esquecer que sua vida mística é um desses acontecimentos que, sem ser inexplicáveis,

Ele se fez Caminho e Espelho. O seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis. Petrópolis: Vozes/FFB, 1998, p. 25-63, importante pesquisa bibliográfica sobre o despertar evangélico e a

²¹³ Para compreender os contrastes entre o espírito de Francisco de Assis e os cristãos precedentes, especialmente os movimentos do seu tempo, especificamente o dualismo presente nos movimentos de contestação da Igreja e a visão integral, e a fusão efetiva de Francisco na sua mística sem precedentes. Cf. BERNARD, C.A. *Théologie Affective*. Paris: Les Éditions du cerf, 1984, p. 68.

²¹⁴ Cf. VANDENBROUCKE, F. *La Spiritualità del Medioevo*. Storia della spiritualità. Bolonha: EDB, 1991, p. 113-125.

²¹⁵ Cf. BRUNELLI, Delir. *Ele se fez Caminho e Espelho*. O seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis. Petrópolis: Vozes/FFB, 1998, p. 25.

revolucionam o curso da história²¹⁶, é o que passaremos a demonstrar neste segundo capítulo.

3.1.

O Contexto religioso dos séculos XII e XIII: um novo tempo evangélico

A novidade expressa pelos ideais de pobreza e humildade, que está presente na opção de Francisco, significa material rico para a compreensão de um momento crucial da história europeia ocidental²¹⁷. A evolução do contexto religioso em níveis econômico (comércio e artesanato) e religioso (movimento religioso laico e heresias) dos séculos XII-XIII, acabam por oferecer os elementos que permitem o surgimento da vocação de Francisco e o movimento franciscano no início do século XIII. Francisco oferece para as novidades cidadinas uma nova mística, como resposta às necessidades espirituais e sociais decorrentes de todas as transformações que vinham ocorrendo²¹⁸.

Francisco, como personagem social, emerge num momento particularmente privilegiado e, por isso, crítico; compreende o tempo de rupturas; algo de velho começa a morrer e algo de novo nascer²¹⁹. O modo de produção feudal conhece estremecimentos porque sua hegemonia se vê ameaçada pelo emergente modo de produção mercantil da burguesia comunal²²⁰.

²¹⁶ Cf. VAUCHEZ, A. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, 126-127; HOURDIN, G. *Francesco, Chiara e gli altri*. Assisi: Cittadella, 1986, p. 97-104.

²¹⁷ “Francisco cresceu numa época de sublevação cívica e confrontos sanguinários entre famílias e cidades rivais, camponeses e nobres, e sobretudo Igreja e Estado. O Estado não era a Itália dos nossos dias, mas o Sacro Império Romano-Germânico, que mantinha sob rédeas curtas quase toda a região, inclusive a próspera e cada vez mais insurgente Assis. Assis havia sido capturada pelo imperador Frederico Barba-Roxa em 1160, vinte anos antes do nascimento de Francisco, e desde então o povo vinha sendo castigado pelo jugo do poder imperial. Os habitantes ansiavam pela independência e em 1174 haviam se rebelado contra o Império, sem sucesso”. FRANCKE, L.B. *Na estrada com São Francisco de Assis*. Uma viagem pela Úmbria e pela Toscana. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 24.

²¹⁸ Cf. ROSSI, B. *San Francesco e il suo tempo*. Turim: San Paolo, 2003, p. 5-12.

²¹⁹ Uma intensa pesquisa sobre a atuação do laicato e a sociedade da Baixa Idade Média em profunda transformação contemporâneo ao nascimento do franciscanismo leigo: RIVI, P. *Ibid.*

²²⁰ Para o complexo de questões sobre o sistema feudal e o florescimento das comunas: LLORCA, GARCIA-LILLOSLADA, MONTALBAN. *Historia de la Iglesia Católica*. II Edad Media. Madri: BAC, 1976, p. 457-496; DURANT, W. *A Idade da fé*. A história da civilização IV. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.687-699; Importante para compreender o estado atual da

Os movimentos religiosos do tempo imediatamente anterior a Francisco dos Valdenses, Albigenses, Cátaros, Umiliati²²¹, a grande maioria leiga (fora do poder sagrado) enraizados no meio do povo pobre²²², falam a língua popular (não a oficial, o latim), ocorrem nas cidades e apresentam uma resposta à demanda religiosa e social do tempo. Articulam uma temática mordente para a situação²²³. Pregadores ambulantes, clérigos ou leigos, atuam pregando a penitência, criticando a sociedade, a Igreja, o Clero, os monges²²⁴.

A grande ameaça interna ao cristianismo são estas heresias surgidas nesse período, destacam-se os valdenses, estes surgem dentro da Igreja e, não encontrando abertura por parte da hierarquia, acabam deslizando para a heresia. Os cátaros, originados fora da Igreja, são uma ressurreição do antigo dualismo maniqueu. Os valdenses negam os sacramentos, alegando a condição pecaminosa dos clérigos; os cátaros negam-nos mais fundamentalmente por considerarem a matéria como intrinsecamente má:

No vale de Spoleto, nos arredores de Assis, havia uma forte comunidade de heréticos cátaros, com um bispo próprio. Nos Escritos de São Francisco e nas primeiras obras hagiográficas, eles são virtualmente ignorados. Acreditavam eles que o mundo material era totalmente perverso e maligno; a visão que tinham do destino humano era sombria²²⁵.

Os ensinamentos, organização e rituais refinados dos cátaros, e a influência exercida pela humildade e a austeridade pessoal de seus missionários

questão e uma avaliação bibliográfica sobre o tema das heresias medievais: FALBEL, N. *Heresias medievais*. São Paulo: Perspectiva, 2007; Para a espiritualidade dos movimentos espirituais, a ortodoxia e heresia: PERETTO, E. *Movimenti spirituali laicali del medioevo*. Roma: Edizioni Studium, 1985; O'SHEA, S. *A heresia perfeita*. A vida e morte revolucionária dos cátaros na Idade Média. São Paulo: Record, 2005; HERRERO, J.S. *Historia de la Iglesia II*. Edad Media. Madri: BAC, 2005.

²²¹ Para aprofundar a Cristandade contestada pelos grupos que agitaram em meados do século XII e XIII, tais como Arnaldo de Brescia, os cátaros, os valdenses, movimentos que caracterizam-se pela pregação itinerante, pela pobreza evangélica, por admitir como pregadores leigos e mesmo mulheres. Muitos sabiam de cor boa parte da Bíblia: SILVEIRA, I. A sociedade medieval. O mundo de Francisco de Assis. In: MOREIRA, A. da S. (org). *Herança Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996, 38-44.

²²² “É mais no período da Idade Média que começa a haver certa depreciação do leigo, identificado como iletrado, quando passa a vigorar a imposição do monge como ideal de pessoa “espiritual” e “perfeita”, baseando-se essa espiritualidade e perfeição no desapego aos bens terrenos. Nos meios monásticos o leigo passa a ser visto não como membro de pleno direito do Povo de Deus, mas como alguém assimilado aos carnavais, aos mundanos e aos que se ocupam do século”. BINGEMER, M.C.L. *A identidade Crística*. Sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos. São Paulo: Loyola, 1998, p. 55. Toda a obra versa ricamente sobre a mística dos leigos, na perspectiva e experiência cristã.

²²³ Cf. BOFF, L., *São Francisco de Assis: Ternura e Vigor*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 11-112.

²²⁴ Cf. SILVEIRA, I. *Op. Cit.*, p. 38.

²²⁵ LOYN, H.R. Francisco de Assis. In: DIM. *Op. Cit.*, p. 157.

de ambos os sexos, fazem deles o alvo principal da Cruzada Albigense e da subsequente perseguição. O apelo para a prática da pobreza apostólica e para a simplicidade da Igreja primitiva não é menos poderoso na boca de pregadores chamados heréticos como Tanchelmo no Flandres ou Pedro de Bruys na Provença (começo do século XII) do que tinha sido na dos profetas da reforma monástica e papal do século XI. Se o ardor menos fundamentalmente anti-sacerdotal leva ou não à heresia, é em grande parte uma questão de oportunidade e de sensibilidade por parte das autoridades. O grupo dos valdenses, grupo que começa a agir por volta de 1176 com Pedro Valdo (+ 1216) em Lyon para resistir à disseminação do catarismo, são empurrados para a heresia pela insistência episcopal em exercer o controle sobre a pregação deles e, sob a perseguição que lhes é movida, tornam-se cada vez mais radicais e implacavelmente antipapais em sua doutrina (também chamados de Pobres de Lyon); os Umiliati lombardos semelhante aos valdenses em suas crenças e comportamento, são leigos devotos de ambos os sexos, ou em conventos duplos, e distinguem-se por sua austeridade penitencial, pobreza fraterna e trabalho entre os enfermos, os leprosos e indiferentes. São anatematizados em conjunto com eles e outros em 1184 (*Ad Abolendam* do papa Lúcio III), mas reintegrados como ordem religiosa pelo papa Inocêncio III²²⁶.

A austeridade de suas vidas, a eloquência de suas palavras, oferecem a seus seguidores e seguidoras uma lealdade e solidariedade alternativas. Ninguém desafia mais radicalmente essa ordem do que Arnaldo de Brescia (+ 1155), cujos adeptos arrebatam o controle de Roma ao Papa na década de 1140, enfatiza a necessidade absoluta de pobreza clerical e o abandono do poder temporal pela Igreja²²⁷.

Estas forças movimentam as bases da Igreja. Estes grupos leigos vivem a penitência²²⁸ em tal proporção que caracteriza um verdadeiro movimento,

²²⁶ Cf. Heresia. In: DIM. *Op. Cit.*, p. 192; Ainda sobre os dois principais movimentos leigos valdenses e Umiliati e o quanto antecipam várias características da comunidade franciscana: COMPARATO, F.K., *Ética: Direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 125-127; para uma compreensão da história que confere importância à infra-estrutura social no surgimento dos movimentos e dos líderes carismáticos, e as semelhanças entre Francisco: BOFF, L. *São Francisco de Assis: Ternura e Vigor*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 84-85.

²²⁷ Cf. Arnaldo de Brescia. In: DIM. *Op. Cit.* p. 28.

²²⁸ O século XIII é um século de penitentes e o movimento iniciado por Francisco é um movimento de penitência fortemente inserido na sociedade de seu tempo. Cf. LE GOFF. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 231-232.

fenômeno interpretado pelos historiadores como movimento penitencial²²⁹. Homem e mulheres reivindicam para si maior participação na vida e na atividade da Igreja mesmo incompreendida pela hierarquia, essa força revitalizava a Igreja a partir de dentro. Os ideais que formam os pilares do movimento místico penitencial resumem-se nos seguintes pontos: penitência e vida apostólica.

A penitência: a verdadeira vida cristã passa pela penitência, como expiação dos pecados, com formas concretas de penitência, significando antes de tudo uma vida cristã mais intensa e evangélica. Apreço ao Evangelho e a exigência de um retorno aos ideais evangélicos. A vida apostólica dos leigos não era considerada ou admitida, não é considerada vida apostólica. É a partir da reforma gregoriana que se começa a identificar vida apostólica com vida cristã. Estabelecida esta identificação, a vida apostólica é exercida também pelos leigos. Inicialmente, a vida apostólica é interpretada pelos grupos de penitência como uma vida de pregação. Como os apóstolos foram enviados por Cristo por toda parte a pregar, assim todos os que querem levar vida cristã ou apostólica têm o dever e o direito de pregar. A pregação não é apenas um direito do clero. A compreensão de vida apostólica estende-se também a uma vida de pobreza. A imitação da vida dos Apóstolos exclui viver em pobreza radical. Daí resulta que o movimento penitencial é interpretado como movimento pauperístico²³⁰.

Estes dois elementos explicam o caráter reivindicatório e contestatório do movimento penitencial pauperístico: reivindicam a pregação como maior participação na vida e na atividade da Igreja; por sua pobreza contestam o acúmulo de riquezas por parte de certos setores da hierarquia. Toda essa ebulição de ideias e de ideais, heréticos e ortodoxos, faz parte da realidade de Francisco. Tudo isso se discute nas praças, nas feiras, nas estradas, em todo agrupamento de pessoas²³¹.

Francisco, renovador radical, busca somente voltar a seguir a doutrina e as pegadas de Cristo. Leonardo Boff confirma o que São Boaventura e a

²²⁹ Cf. DURANT, W. *A Idade da fé*. A história da civilização. Op. Cit. 687-689; RIVI, P. *Op. Cit.*, p. 34-36; HERRERO, J.S. *Op. Cit.* p. 333-335.

²³⁰ Cf. TEIXEIRA, C.M., *Francisco de Assis: o homem e seu mundo*. *Op. Cit.*, p. 36.

²³¹ Cf. RIVI, P. *Op. Cit.* p. 36-45.

tradição cunha para Francisco: *Repetitor Christi*²³². Também Francisco oferece ao seu tempo uma mística composta com elementos novos, de ruptura, mas a sua proposta é cheia da mística da beleza²³³, do encanto, da estética do bom e belo louvor ao Criador; sua originalidade de pobreza evangélica está encimada sobre a Boa Nova do Reino de Jesus, seu anúncio evangélico.

3.1.1.

Pobreza e solidariedade com os pobres

O movimento franciscano, iniciado em Assis, Itália, é originário do século XIII, momento de grandes transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas. Surge nesse período uma nova concepção de mística religiosa. O ocidente religioso está em profunda transformação. Chegaram as obras de física e de metafísica de Aristóteles; a criação das Universidades; da ascensão da burguesia como uma nova classe social; o surgimento das Comunas como um novo sistema político, e do aparecimento dos grupos religiosos com uma nova mística ligada à pobreza e à itinerância; enfim, é um momento de passagem para um novo tempo. Por isso, novos paradigmas começam a surgir, encarnados em pessoas que fazem experiências de um nova mística, novas mentalidades. É nesta realidade que a mística de Francisco deixará uma contribuição, sua novidade mais original²³⁴.

A partir deste contexto Francisco se transforma numa figura arquetípica da alma popular. Vem representado de muitas formas e empresta seu nome a um sem-número de lugares, de cidades e de igrejas. Nele os cristãos de todos os tempos e realidades, principalmente os pobres, veem principalmente o *Poverello*, aquele que ama os pobres e se fez um deles em aguda

²³² Apud. SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. I – A história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1994, p.90.

²³³ Em Francisco nenhuma repulsa aos instrumentos musicais, à música, ao canto, o santo refugia-se na Escritura sem excluir nenhuma outra manifestação de alegria, escreve, sobre este contexto, Umberto Eco: “Obviamente a Idade Média, ao desconfiar da beleza exterior, refugiava-se na contemplação das Escrituras ou no gozo dos ritmos interiores da alma em estado de graça”. ECO, U. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 27. Se a este propósito, fala-se de uma estética fundada na beleza interior, da beleza da alma, Francisco convida o olhar a recuperar o valor estético até mesmo frente a morte, sem prescindir e sem negar a beleza espiritual contemplada na beleza do seu texto místico que vamos contemplar.

²³⁴ Cf. SILVA, S. N. Cosmologia e antropologia em Boaventura de Bagnoregio. In: *Cadernos da ESTEF* 35 (2005), p. 79.

solidariedade²³⁵. A prática de Francisco animou e anima aqueles e aquelas que disponibilizam suas vidas sob o sopro do Espírito Santo, no seguimento radical de Jesus Cristo.

O fato mesmo da conversão de Francisco²³⁶ e da reviravolta de valores que essa implicou, isto é, o momento determinante para toda a sua vida: a proximidade e o cuidado dos pobres, simbolizado na pessoa do leproso²³⁷, com misericórdia, com piedade amorosa, ninguém poderá demovê-lo de sua radical mudança. O momento central e determinante da conversão não é ‘movimento pauperístico’, mas outro, humanamente bem mais profundo e válido, o da compreensão do sofrimento humano da alma e dor no corpo dos pobres. Aí está, portanto, como momento decisivo da vida de Francisco a passagem de uma condição humana a outra, a aceitação da própria inserção de uma marginalidade, o ingresso entre os excluídos, cuja característica é justamente ser recusado por todos pela sua condição²³⁸.

Naquele momento da conversão, o gatilho que provoca a transformação decisiva não nasce do ideal cristão e ascético da pobreza, mas de uma nascente mais profunda e mais humana e cristãmente significativa. O amor de Francisco para com os pobres, a prontidão em ajudá-los, o querer ser como eles e estar entre eles, tem sua origem, de uma parte, da sua generosidade espontânea e caritativa sem limites, mas também da constatação da piedade que nasce nele por causa da realidade dos pobres, homens e mulheres à margem da sociedade, de multidão recusada pelos outros, exatamente no mesmo plano e na mesma condição dos leprosos. Nossa convicção é de que a opção primeira de

²³⁵ Cf. BOFF, L. *E a Igreja se fez povo*. Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986, p.149.

²³⁶ No Novo Testamento, o anúncio do Reino é seguido pelo convite à metanóia (cf. Mc 1,14). ‘Converter-se’ ou ‘fazer penitência’ é mudar de mentalidade, é realizar uma ‘reviravolta’ que tem consequências em todas as dimensões da vida. É esta ‘reviravolta’ que acontece na vida de Francisco e de Clara. Por isso, ele percebe a própria conversão como o início de uma vida totalmente nova, como se fosse um novo nascimento. Cf. BRUNELLI, D. *Op. Cit.* p. 97.

²³⁷ “São Francisco, em sua profunda intuição como seguidor fiel de Jesus, pedia aos que desejavam ingressar na Ordem que passassem um tempo entre os leprosos (cf. CA 9,2-3; 2EP 44,3-4). Isto servia pra ‘comprovar’ a vocação, fazer a pessoa perceber com mais nitidez em que consistia o chamado e responder com toda convicção, como fizera o próprio Francisco: ‘É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração’ (1Cel 22,3)”. BRUNELLI, D., *Foram e viram!* (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença no processo formativo. In: *Convergência* 425 (2009), p. 607-608.

²³⁸ Devemos, neste ponto, reconhecer que o fato determinante no encontro com o leproso, fato indicado como tal pelo próprio santo, no Test, foi a caridade em vez do horror que sentia antes pelos leprosos. Cf. MANSELLI, R. *Op. Cit.* p. 44. CROCOLI, A., “*Dado por nós e nascido à beira do Caminho*”. A solidariedade na visão cristológica de São Francisco de Assis. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2004, p. 255-256.

Francisco não é pela pobreza, e sim pela fraternidade (solidariedade com os excluídos). Esta, por sua vez, requer a pobreza, mas não é seu eixo central. A opção de Francisco é pela solidariedade fraterna aos pobres: “Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o Altíssimo Pai a enviou do céu, (...) E, ‘sendo rico’ acima de tudo, preferiu, todavia escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a pobreza” (2Fi 4-5).

A ternura de Francisco se mostra especialmente nos relacionamentos humanos. Rompe a rigidez da hierarquia feudal e chama a todos de irmãos e irmãs. Ele mesmo se deixa chamar de irmãozinho (*fratello*) (cf. JJ 17). Ternura particular dedica aos pobres e aos mais pobres entre os pobres, os leprosos. As biografias são unânimes em afirmar que sua primeira conversão foi para os pobres e crucificados e a partir daí para o Cristo pobre, o Crucificado. O pobre e o Cristo pobre constituem para ele uma única paixão (cf. 2Cel 83,175).

Cristo, mais que um Messias dos pobres, ele mesmo é um verdadeiro pobre. Não se pode separar a pobreza da pessoa e da obra salvífica de Cristo. Por este motivo, durante toda a sua vida, segundo o exemplo de Cristo, “o bem-aventurado Francisco, como verdadeiro imitador e discípulo do Salvador, no princípio de sua conversão, se empenhou em buscar a santa pobreza, em descobri-la e conservá-la com todo cuidado e firmeza” (SCom 4)²³⁹.

No final da vida, no meio da crise da Ordem, volta ao serviço afetuoso destes irmãos que lhe atualiza continuamente o Servo sofredor Jesus Cristo (cf. 1Cel 103)²⁴⁰.

Francisco permite perceber claramente que aí há uma opção pela pobreza, por três aspectos diferentes: a) pelo confronto das duas condições de vida (a situação de riqueza²⁴¹ antes da encarnação e de pobreza após); b) mediante o emprego de dois verbos (‘preferir’ e ‘escolher’) que apontam para um ato da vontade e, portanto, para uma atuação do livre arbítrio; e c) por associar nesta opção de Jesus a sua mãe, como para deixar claro que, se

²³⁹ HARDICK, L. Pobreza, pobre. In: *DF*, p. 587-588. Ainda: “Importante mesmo é que os seguidores de Francisco, com todas as possibilidades da vida espiritual concreta, se deixem modelar, como indivíduos e como comunidade, por aquilo que Francisco considerava a altíssima pobreza. Estando bem acesa a espiritualidade da pobreza que, por sua vez, ajudarão a viver concretamente a pobreza, também em comum” p. 598.

²⁴⁰ Cf. BOFF, L. *Op. Cit.* p. 37-39.

²⁴¹ Tanto a Bíblia de Jerusalém quanto a Bíblia do Peregrino fazem a mesma observação ao pé da página: está presente na passagem paulina a dinâmica cristológica de Fl 2,6-11: da glória à humilhação, e desta novamente à glorificação.

enquanto pessoa humana não poderia fazer essa escolha desde o primeiro momento de vida, na prática, o fez através de sua Mãe. A ideia de que o “Verbo de Deus escolheu a pobreza” encontra respaldo nas passagens dos Escritos de Francisco (cf. OfP 15,7; Ad 1,16-18).

3.2.

A originalidade mística de Francisco de Assis

Francisco é universalmente conhecido, dentro e fora do cristianismo, desde os anos de sua vida, no começo do século XIII, até nossos dias, como uma das mais perfeitas encarnações do ideal cristão. A razão de tal reconhecimento é simples. O *Poverello* de Assis reflete em sua pessoa, em sua vida, a pessoa e a vida de Jesus a quem segue radicalmente. Inaugura uma forma de vida cristã plenamente às necessidades e às aspirações mais profundas da sociedade de seu tempo. Graças à sua penetração até às raízes do espírito cristão, reúne em uma síntese admiravelmente simples traços, valores e ideais do cristianismo²⁴² que um olhar superficial considera opostos e inconciliáveis²⁴³.

O caráter *novo* de Francisco impressiona os contemporâneos numa época que se torna sensível ao lado positivo da novidade e em que se esfuma a condenação tradicional da novidade. É o nascimento da mística evangélica, para os movimentos da metade do século XII o passado é abolido nesse movimento de conversão, porque o presente e o passado são antagonistas, enquanto que o presente e o futuro são solidários. Isso é verdadeiro sobretudo no sentido escatológico, mas também no sentido de um progresso como lei da vida espiritual (cf. 1Cel 103,3)²⁴⁴.

O segredo do êxito da originalidade mística de Francisco, como encarnação do Evangelho, está em ter encontrado o centro em torno do qual se articulam diferentes elementos. É este centro que o Evangelho de São João

²⁴² Cristianismo entendido mais do que uma doutrina que somos chamados a aprender ou um conjunto de regras morais que somos levados a seguir, é o encontro pessoal com Jesus, encontro que se dá não em virtude de nossas ideias ou disposições, mas em virtude da presença e da ação em nós do Espírito de Jesus, morto e ressuscitado. Cf. CATÃO, F. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 31.

²⁴³ Cf. VELASCO, J. M. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. Petrópolis: Vozes, 2003, p.60.

²⁴⁴ Cf. LE GOFF, J. *Op. Cit.* p. 193-196.

sublinha de maneira inequívoca: “Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo”(Jo 17,3). O segredo do atrativo da novidade da mística de Francisco é ter realizado uma forma particularmente fiel e adaptada às necessidades de seu tempo da experiência cristã de Deus²⁴⁵, a este propósito evocamos a questão mais evidente, no contexto:

É a influência de grupos e comunidades semelhantes à de Francisco já existentes. Tinham se inspirado na busca de vida apostólica, em imitação aos primeiros discípulos de Jesus; no sentimento de que a pobreza era parte da convocação para o serviço de Deus, assim como parte da face mais dura e sofrida do mundo; no impulso irrefreável para formar fraternidades de pregadores evangélicos que realizassem o trabalho pastoral que muitos consideravam estar sendo negligenciado pelo clero paroquial. Essas ideias faziam parte do ar que um homem sensível da idade de Francisco devia respirar. Não é fácil determinar onde reside a originalidade de Francisco; havia, porém, a marca de uma personalidade e de uma inspiração muito individuais em tudo o que disse e fez, e o seu sucesso foi espetacular. Levou a recusa de propriedade a um ponto extremo e proibiu até seus discípulos de manusearem moedas; treinou pregadores, mas esperava que a maioria de seus seguidores fossem leigos provenientes do povo comum, ensinando pelo exemplo e merecendo o respeito e as esmolas pelo trabalho árduo; dava ênfase particular ao respeito pelo clero²⁴⁶.

Francisco ao inaugurar em sua experiência de vida religiosa a decisão de viver ‘sem nada de próprio’, sua vida de pobreza individual e comunitária, tem um sentido preciso enquanto é participação voluntária na pobreza de Cristo e dos apóstolos. Ela é, antes de mais nada uma pobreza material, real, incentivada e sustentada por um acento místico evangélico, fiel à compreensão literal da Escritura redescoberta na sua vida.

O proselitismo inicial de Francisco, cuja vocação pauperística afluera exatamente da forma ‘*sancti Evangelii*’²⁴⁷, revela seguramente precisos pontos de contato com o proselitismo dos movimentos heterodoxos, que se compunha prevalentemente de membros vindos de classes inferiores, pobres trabalhadores e artesãos itinerantes. Mas a diferença entre sua atitude pauperística e aquela

²⁴⁵ Cf. VELASCO, J.M. *Op. Cit.* p. 60-61. Para uma abordagem bastante completa da originalidade, a novidade da experiência mística de Francisco: CAMPAGNOLA, S. *L’Angelo del sesto sigillo e L’Alter Cristus*. Roma: Antonianum, 1971, p. 56-80; MATANIC, A., *Francesco d’Assisi. Fattori causali della sua spiritualità*. Roma: Antonianum, 1984, p. 107-126.

²⁴⁶ LOYN, H. R. *Op. Cit.*, p. 158.

²⁴⁷ RB 2, 5: “*Dicant illis verbum sancti Evangelii*, (cf Mt 19,21 par), *quod vadant et vendant omnia sua et ea studeant pauperibus erogare*”(cf. Mt 19,21)”(Digam-lhe as palavras do Santo Evangelho que vão e vendam todos os seus bens e procurem distribuí-los aos pobres); “*Vivere secundum formam sancti Evangelii*” (“Viver segundo a forma do santo Evangelho” (Test. 14).

dos movimentos heterodoxos²⁴⁸ é, desde o início, muito clara: seja pela ausência de qualquer manifesto polêmico, seja pela profunda veneração pela hierarquia eclesiástica, que revela um claro propósito de distinguir-se de quantos, precisamente sob este ponto decisivo, haviam entrado em conflito com a Igreja até se verem levados a posições heréticas²⁴⁹:

A vivência de uma *imitatio Christi* nasce do fervor evangélico que precedera a experiência de Francisco ao longo de todo um século ou o acompanha no seu desenvolvimento, isso não significa que a figura do *Poverello* de Assis perca seu brilho límpido e claro na sucessão e no desenvolvimento das experiências pauperísticas.

Serve como exemplo o caso de Francisco de Assis, cuja espiritualidade guarda certo parentesco com a tradição cisterciense e se apresenta, ao mesmo tempo, como grande novidade em relação ao monarquismo, mas uma novidade em continuidade, pela radicalidade na ruptura com o mundo burguês a que pertencia. De fato, Francisco está na origem de uma nova orientação espiritual, fundada num ideal vigoroso e radical de ruptura com a forma habitual de se viver cristamente no mundo e há de ter um papel decisivo numa nova definição da relação da Igreja com o mundo, que prevalece até os nossos dias²⁵⁰.

A novidade de Francisco, ao mesmo tempo em que vive e se alimenta das palavras evangélicas, se realiza e se exprime numa dimensão psicológica e humana de exceção e num clima histórico preciso. As duas componentes são inseparáveis, se quisermos compreender esta novidade na biografia de Francisco²⁵¹. A conversão que tem origem numa inquietação espiritual que se exprime na revolução de valores representada pelo encontro com os leprosos e pelo horror transformado em compaixão²⁵². E neste clima se insere no Cristo crucificado, Cristo pobre, Cristo desprezado e para quem o segue, a alegria

²⁴⁸ Para um estudo bastante abrangente, se não completo, sobre os movimentos anti-eclesiásticos e heterodoxos, antes e contemporâneos a Francisco, cf. PAZZELLI, R. *San Francesco e il Terz'Ordine*. Il movimento penitenziale pre-francescano e francescano. Pádua: EM, 1982, p. 107-128.

²⁴⁹ Cf. ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de Santa Clara*. Estudo Psicológico. Petrópolis: FFB, 1993, p.43.

²⁵⁰ CATÃO, F. *Op. Cit.* p. 74.

²⁵¹ Sobre os traços deste perfil psicológico e humano ver: ZAVALLONI, R. *A personalidade de Francisco de Assis* – Estudo psicológico. Petrópolis: Cefepal, 1993, todo o primeiro capítulo, p.12-31, com notas correspondentes às FF.

²⁵² Recorda o próprio santo no seu último texto, Testamento: “Como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo” Test. 1-3. Tomás de Celano comenta: “Em seguida, o santo amante de toda humildade transfere-se para junto dos leprosos e permanecia com eles, servindo

infinita e imensa de lhe estar em tudo isso estreitamente próximo²⁵³. Francisco quer ser radicalmente pobre para ser plenamente irmão. O seu projeto é *in plano subsistere*, quer dizer, viver no plano onde todos se encontram e se confraternizam (cf. 2Cel 148)²⁵⁴.

A semelhança entre a experiência de Francisco e os movimentos pauperísticos e penitentes, de origem total ou parcialmente leiga, é um dado inegável, mas o que determina a ortodoxia de Francisco e a heterodoxia dos outros penitentes não é o rigor com que se olha para o modelo evangélico, nem a dureza que se impunha à própria forma de vida. A questão é disciplinar: consiste totalmente na aceitação da autoridade hierárquica da Igreja, e, portanto, na escolha entre uma pregação prevalentemente acusatória, de certa forma alternativo-institucional, e uma pregação fundada na *metanoia* e, portanto, no aperfeiçoamento interior e pessoal. Aqui temos a chave da questão – sob uma transparente simplicidade – que: Francisco jamais critica nada e ninguém, jamais ataca nada e ninguém: nem mesmo a corrupção da Igreja que sem dúvida percebera, e que não pode lhe agradar; nem os hereges com os quais por certo não concorda²⁵⁵.

Quando se confronta o respeito de Francisco pelos sacerdotes (Cf. Test. 6-10); o desprezo pela Eucaristia ostentado pelos cátaros ou então com a dúvida posta por grupos heterodoxos sobre se os sacramentos administrados pelas mãos de um sacerdote moralmente indigno são válidos, perceber-se-á a distância que separa Francisco de todos eles; além do aspecto exterior, do gênero de vida e até da concordância de gestos e temas que pudessem parecer

com o maior cuidado a todos por amor de Deus e, lavando deles toda a podridão, limpava também a secreção purulenta das úlceras, como ele próprio fala em seu Testamento” 1Cel 17.

²⁵³ Cf. ZAVALLONI, R. *Op. Cit.* p. 44.

²⁵⁴ Com propriedade José Maria Castillo afirma: “O centro e a chave da espiritualidade cristã é o seguimento de Cristo”. CASTILLO, J. M. *El seguimiento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1987, p. 9.

²⁵⁵ Cf. CARDINI, F., *São Francisco de Assis*. Lisboa: EP, 1993, p. 158-159. “O pequeno Francisco não pregou contra os cátaros e albigenses que ele conheceu. Não pregou contra o imperador ou contra o partido imperial – os gibelinos – que em seu tempo lutava asperamente pelo domínio na Itália. Foi testemunha silencioso dos conflitos do Papa com Assis em 1204. Não pregou contra o Papa mas submeteu-se humildemente a ele, bem como a todos os bispos e padres. S. Francisco não conheceu “contra”, nem fronteiras. São Francisco não criticou com palavras os de fora. Ele tinha medo das palavras, preferia a ação. Não era temperamento intelectual, e sim místico” SILVEIRA, Ildefonso. São Francisco e a burguesia. In: NEOTTI, C. (Org.) *Nosso Irmão Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.13; 46.

um parentesco de um com os outros. Percebe-se então que a *novitas* do franciscanismo é muito mais que aparente²⁵⁶.

Toda grande mística está ligada aos grandes movimentos históricos de sua época e com Francisco não é diferente. Este é o caso da mística mendicante que nasce quando incubam-se os primeiros germes de uma crise da cristandade. Tal caminho místico continua estreitamente vinculado aos movimentos dos pobres, que representam uma reação social e evangélica frente à riqueza e ao poder alcançados pela Igreja da época. Este cume de força política e de opulência se expressa, claramente, durante o pontificado de Inocêncio III (1198-1216). Fora do contexto histórico no qual Francisco desenvolve suas obras e dá testemunho evangélico não é possível compreender toda a significação da sua experiência mística, nem, tampouco, entender a receptividade e a resistência que ele encontra²⁵⁷.

Merece nossa atenção a novidade desta originalidade do itinerário de Francisco. Para se encontrar com Deus, para radicalmente seguir a Jesus, o caminho na sua época é retirar-se ao mosteiro, ele acaba de inaugurar uma nova forma de vida cristã: a dos irmãos mendicantes que vão fazer uma experiência de Deus no meio das cidades, pelos caminhos que as pessoas percorrem, na companhia dos mais pobres, junto às criaturas de toda natureza.

3.2.1.

Conversão como mudança de classe social

Francisco pertence à classe burguesa emergente da crise feudal com seu modo de produção servil. Já adulto, exerce a profissão do pai, “como na juventude tivesse sido educado em coisas vãs entre os frívolos filhos dos homens... destinado aos negócios lucrativos do comércio” (LM 1,1). Francisco “começou a desprezar-se mais e mais até chegar, pela misericórdia do Redentor, à perfeita vitória sobre si mesmo” (1Cel 17). Simultaneamente dá mostras de “suave mansidão, uma generosa comiseração para com os pobres... lhe encheira o coração com tanta benignidade” (Lm 1,2;cf 1Cel 17). Abandona o seu lugar social e identifica-se com o lugar social dos pobres, será o homem

²⁵⁶ Cf. ZAVOLLONI, R. *A personalidade de Santa Clara*. Estudo Psicológico. Petrópolis: FFB, 1993, p.36-37.

²⁵⁷ Cf. JOERGENSEN, J. *São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1957, p. 81-102; ENGLEBERT, O. *Vida de São Francisco de Assis*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 65-79.

de outra classe social, como deixa bem claro o biógrafo e confrade desde as origens, Tomás de Celano²⁵⁸ (cf. 1 Cel 17). Sua posição diante da realidade, perante a sua classe e o mundo a sua volta, realidades conflitivas, sua concepção é reflexo das concepções de seu tempo, que perpassam a época, em tempos de mudanças. A partir de sua conversão²⁵⁹, o santo de Assis adota práticas conhecidas no meio religioso, assimilando comportamentos referentes ao novo estado de vida que pertenciam à tradição penitencial cristã²⁶⁰.

Ao escutar o Evangelho do envio dos discípulos a pregar (cf. Mt 10,7-13; Mc 6,7-11; Lc 10,3-12; cf. 9,1-6)²⁶¹, Francisco radicaliza sua opção; já não vive para, nem com, mas como os pobres, identifica-se com eles. Tomás de Celano é contundente: “O pobre Francisco, pai dos pobres, conformando-se a todos os pobres, sofria ao ver alguém mais pobre do que ele... pelo afeto de compaixão” (1Cel 76. cf. 51;55;119;135). Acontece uma mudança de classe social, tão bem expressa no seu Testamento, 4²⁶² pela fórmula *exivi de*

²⁵⁸ Para conhecer a importante participação na vida franciscana e a riqueza da vida deste frade historiador, poeta e santo companheiro de Francisco, é indispensável a publicação dos professores da Faculdade Seraphicum em Roma: PETRONE, N., (Org.) *Fra Tommaso da Celano*. Storico-poeta e Santo. Tagliacozzo: Biblioteca Tommasiana, 1992.

²⁵⁹ A graça divina da sua conversão é o início da vida. Francisco percebe esta graça através do leproso. Isto é algo extraordinário. O impulso para a conversão vem de fora, dos leprosos, dos excluídos. Eles fazem parte da história de cada época. Conversão não consiste, pois em nenhum êxodo apocalíptico da história, mas sim num novo começo a partir da margem, onde a história é condensada e mutável. Conversão não é, portanto, somente um impulso operante que vem de fora; ela também conduz para fora. Conversão é um permanente ir-para-o outro e um vir-para-si mesmo. Francisco experimenta este outro em todas as criaturas que estão do lado de fora dos respectivos sistemas, são sinais-sujeitos do tempo, sinais de Deus no cosmos. Cf. SUESS, P. Proposta missionária de Francisco de Assis. Em comunidade a caminho para a salvação de muitos. In: *REB* 219 (1995), p. 535-536.

²⁶⁰ Cf. VISALLI, A. M. *O corpo no pensamento de Francisco de Assis*. Bragança Paulista: IFAN/São Boaventura/EDUSF, 2003, p. 35.

²⁶¹ Voltaremos aos textos bíblicos mais adiante quando falarmos da missão apostólica de Francisco e sua proposta

para a fraternidade franciscana e também quando considerarmos os textos bíblicos que inspiraram Francisco no Cântico das Criaturas. Para os textos, do Novo Testamento, particularmente caros a Francisco, ver IRIARTE, Lazaro. *Temi di vita Francescana*. Roma: Collegio S. Lorenzo da Brindisi, 1987, p. 51-67.

²⁶² O Testamento foi ditado por Francisco nos últimos dias de sua vida (1226). Do século XIII ao século XVIII, o este texto foi o instrumento, o meio para cada indivíduo exprimir, sob a iminência da morte, frequentemente de modo muito pessoal, seus pensamentos profundos, sua fé religiosa, seu apego às coisas, aos seres que amava, a Deus, bem como as decisões que havia tomado para assegurar a salvação de sua alma e o repouso de seu corpo. Para uma compreensão mística e estudo rigoroso do Testamento de Francisco é primoroso o estudo: LAZZARI, F. *Il Testamento di S. Francesco*. Meditazioni. Assis: EP, 1988. O testamento era, então, mais que um simples ato de direito privado para a transmissão de uma herança, um meio para cada um afirmar seus pensamentos profundos e suas convicções. Cf. ARIÈS, P. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 68-69

*saeculo*²⁶³: *saí do mundo*. Francisco se retira do sistema estabelecido da sua época, tanto social como religioso, não o faz mediante uma estratégia teórica e prática da consciência, da crítica institucional, formulando verbalmente uma alternativa, pondo em marcha um modelo novo. Este tipo de procedimento é próprio da nossa epocalidade, não do tempo de Francisco²⁶⁴. Importa captar o significado desta saída do sistema. Em termos de nossa linguagem analítica, tal atitude corresponde à do revolucionário e não do reformador e do agente do sistema vigente. O reformador reproduz o sistema, introduzindo apenas correções aos abusos por meio de reformas. O sentido analítico (não o da linguagem vulgar) de revolucionário implica uma fantasia criadora para projetar e viver algo ainda não ensaiado. Sair do mundo, portanto, para Francisco, significa reconciliar-se com este rompendo com as estruturas de pecado que o impede de viver harmoniosamente com o mundo na globalidade com toda a criação²⁶⁵.

²⁶³ Para um estudo mais agudo e completo do tema: MASSACESI, L. *L'esodo della Fraternità Francescana*. Pádua: EM, 2008, especialmente p. 130-138, sobre a *fuga mundi* nos séculos XII-XIII e o sair do mundo (cf. Test. 4). "Francisco não se apresenta como um agente do sistema daquele tempo seja social ou religioso. Isso é bem expresso em seu Testamento com a palavra *exivi de saeculo*; não abandona o mundo, mas aquele mundo, isto é, aquele tipo de relações e de interesses desumanos. Face ao sistema feudal centrado nos 'maiores' Francisco se apresenta como 'minor' e quer que sua Ordem se chame dos frades menores, sujeitos a toda humana criatura". BOFF, L. São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.*, p. 113-114, cf. 155-154; Cf. IRIARTE, L. Temi di Vita Francescana. *Op. Cit.* p. 133-141; DEL ZOTTO, C.B., Século, sair do século, homem do outro século. In: *DF*, p. 701-705.

²⁶⁴ "O desnudamento de Francisco diante de toda Assis, encontra a sua plenitude e complemento na escolha que o santo faz de vestir um hábito de eremita, que na intenção exprimia seguramente a vontade decisiva de "sair do mundo" (Test 3), pois de fato Francisco interpreta a sua condição nova não saindo da cidade, mais procurando viver nessa o seu serviço ao Senhor de forma totalmente nova, uma nova convivência fraterna, o louvor a Deus, o esforço real e concreto para os lugares de culto: LTC 21". PAOLAZZI, C. *Francesco in cammino*. Testimonianza cristiana e "Lodi di Dio Altissimo". Villa Verucchio: Passini Editore, 2003, p. 14 "Aqui mundo não tem sentido cosmológico ou moral, mas social: o conjunto de relações que constituem uma sociedade concreta" BOFF, L., *E a Igreja se fez povo*. *Op. Cit.* p. 155, com nota correspondente "para os vários sentidos de mundo em São Francisco". Sobre o tema "fuga do mundo" completo o estudo MORAL, C. T., Fuga do Mundo In *DTVC*, p. 483-492, onde se lê: "A partir do IV Concílio de Latrão (1215) o mundo é mais bem considerado como criatura de Deus do que como meio ambiente no qual se desenvolve a vida do homem de natureza corrompida pelo pecado original. Por sua vez, a renúncia aos valores terrenos tampouco é uma fuga quanto à prática da pobreza ou qualquer outra virtude. Naturalmente não tem valor de preceito a frase: *exi cum Abraham de terra tua nudus, nudum Christum sequens*, nem para Francisco de Assis a perfeição consiste em abandonar o mundo, mas antes põe o acento na segunda parte da frase" p. 486.

²⁶⁵ Cf. CREMASCOLI, G., *Exire de Saeculo*. Exame di alcuni testi della spiritualità benedettina e francescana (séc. XIII-XIV). Roma: Edizioni Rari Nantes, 1982, p. 53-58; HERRERO, J. S., *Historia de la Iglesia*. II. Edad Media. Madri: BAC, 2005. p. 338. O autor aprofunda largamente a contribuição original da mística de Francisco, sua 'medida anárquica', ao mesmo tempo doce e humilde, destaca por fim, a simplicidade e determinação nas atitudes, seu

A diferença entre Francisco e as experiências místicas religiosas reconhecidas na vida monástica é que ele não deixa fisicamente o mundo. Para ele, aquilo que caracteriza a separação do mundo não é um espaço físico, mas a penitência como tensão permanente à conversão pessoal. Assim é que a vida de Francisco é marcada por várias rupturas de conversão consequente²⁶⁶.

Francisco sempre nos surpreende. Ele não é um poderoso inovador, mas antes fiel seguidor de Jesus. Nele a história entra na realização definitiva do amor na força da Palavra de Deus que liberta de todo condicionamento terreno. Esta história é introduzida na nova ordem de salvação de Jesus Cristo que é Senhor do tempo e da história: “O tempo retoma seu direito e retomando-o com Francisco faz aparecer diante dos seres humanos o poder criativo inerente à sua liberdade e retoma mais ainda o Espírito que vem do Evangelho”²⁶⁷.

Começa a fazer o seu próprio caminho, expresso no Testamento²⁶⁸: “Ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho” (Test.14). O que representa uma crítica radical às forças dominantes do tempo. A realidade que Francisco idealiza e vive com os seus irmãos e irmãs, não procura impingir, ao clero, aos religiosos, aos leigos, aos burgueses, aos nobres, enfim à sociedade civil e eclesiástica, com poucos senões, é um silencioso “não”, um apelo ao exame de consciência. Escreve frei Ildefonso Silveira: “Não temos dificuldade em chamar São Francisco de contestador social e religioso. Como o inocente que, sem palavras, mas apenas com sua inocência, contesta a injustiça do outro, convidando-o, silenciosamente, à conversão”²⁶⁹.

‘contraditório’ comportamento de ‘reformador’ religioso, humano e social num contexto histórico conflitivo, p. 399-401.

²⁶⁶ Cf. BARTOLI, M. *Le origini del francescanesimo*: Francesco, uomo libero. In: Atti della Settimana di francescanesimo. Palermo-Baida, 28 agosto-2 settembre 2006. Palermo-Roma: Antonianum, 2007, p. 57.

²⁶⁷ DUQUOC, C. A propósito de Francisco: o valor teológico da lenda. In: *Concilium* 169 (1981), p. 100-109.

²⁶⁸ Poucos escritos de Francisco foram transcritos em tão grande número de manuscritos e – contra a sua expressa vontade – tão comentados como o seu Testamento. Foi mencionado pela primeira vez na Bula de Canonização pelo Papa Gregório IX, aos 28 de setembro de 1226, dois anos após a morte de Francisco. Cf. DOORNIK, N.G.V. *Francisco de Assis, Profeta de nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 196; Para o Testamento de Francisco como sumário e reproposição de sua experiência religiosa, Cf. MICCOLI, G. *Francisco de Assis. Realidade e memória de uma experiência cristã*. Petrópolis: FFB 2004, p. 52-73

²⁶⁹ SILVEIRA, I., São Francisco e a burguesia. *Op. Cit.* p. 47. Francisco vive uma experiência mística onde opera um encontro com o Senhor. Compreende que se faz necessário “deixar as

Dentro do sistema feudal centralizado nos “maiores”, Francisco se apresenta e propõe o ideal do “menor”²⁷⁰. Diante da burguesia organizada sob o eixo da mais-valia, Francisco se propõe o ideal da pobreza evangélica, portanto radical, e da renúncia total ao uso do dinheiro²⁷¹.

Frente à Igreja, sob a hegemonia do sacerdócio (clericalismo), ele se apresenta como leigo²⁷²; embora sendo mais tarde diácono, não estava ligado a nenhum benefício, pois se considerava *frater* sem qualquer título hierárquico²⁷³.

Francisco não opta simplesmente pelos pobres, mas pelos mais pobres entre os pobres, inicialmente os leprosos aos quais chama carinhosamente “os irmãos cristãos” (2EP 58), os frades “devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua”(RNB 9 ,2). Ele representa uma resposta de Deus há um tempo em evolução.

redes” (Mc 1,18), e a casa familiar, deixar tudo, romper com a vida anterior. Romper com as garantias sociais e com a tradição, com o mundo da segurança. O discípulo é aquele que realiza este corte completo das raízes do antigo mundo. O momento da conversão constitui o ponto de partida de todo caminho espiritual. Implica ruptura com a vida levada até então e supõe, sobretudo, uma decisão de empreender um novo caminho, o caminho da cruz, movido pelo Espírito do Senhor. Cf. TEIXEIRA, F.L.C., Espiritualidade do seguimento. *Op. Cit.* p. 16-17.

²⁷⁰ No ambiente familiar de Francisco foi aquele típico da classe média da sociedade italiana da época, em escalada civil e política, ávida de bem-estar e liberdade, até a conquista de um título de nobreza para equiparar-se aos “maiores”, que pairavam acima da massa dos pobres e “menores”. Cf. Di FONZO, L. São Francisco de Assis: Síntese biográfica. In.: POMPEI, A.,- ODOARDI, J.,- DI FONZO, L. *Frade Menres Conventuais*. História e Vida. Brasília: edições Kolbe, 1997, p. 17

²⁷¹ Francisco recomenda: não receber, nem portar, nem tocar em dinheiro: Cf. RB 4,1-4; 5,3; RNB 2,6.7; 7,7; 8,3.7-8; 14,1. Kajetan Esser analisa a compreensão desta radicalidade de Francisco quanto ao seu objetivo da perfeição evangélica: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres” (Mt 19,21), conforme 2Cel 15; RNB 1. Compreendeu literalmente a Palavra do Senhor e buscou atualizá-la com grande simplicidade. Tal pobreza Francisco a reforça com uma série de proibições: antes de tudo, o impedimento absoluto de usar dinheiro, que representava fonte de segurança em todas as circunstâncias da vida. Uma vez que o seu empenho maior foi sempre viver uma vida verdadeiramente pobre”. ESSER, K., *Mysterium paupertatis*, In: *Temí Spirituali*. Milão: EBF, 1973, p. 69-70.

²⁷² “Francisco foi leigo e quis permanecer leigo para evangelizar os leigos abandonados pastoralmente, especialmente os pobres. Se mais tarde foi ordenado diácono, foi, certamente, para mais livremente poder pregar, já que havia uma proibição conciliar contra a pregação dos leigos sobre assuntos doutrinários. O penetrante historiador Eduardo Hoornaert chama atenção contra o erro de perspectiva, ao se considerar Francisco como um homem de Igreja, isto é, um clérigo com penetração popular. Ele tinha alma de leigo e criou um cristianismo popular”. BOFF, L. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 138. Sobre a realidade histórica do laicato na Baixa Idade Média, especificamente no tempo de Francisco, ver: MARIANI, E. Leigos, laicato, irmãos leigos. In: *DF*, p. 371-375.

²⁷³ Cf. BOFF, L. E a Igreja se fez povo. *Op. Cit.* p.155-157.

3.2.2.

A resposta de Deus a uma sociedade em evolução

Numa prospectiva bíblica da história da salvação, Jacques de Vitry apresenta Francisco e a sua Ordem, na carta escreve em Gênova, em outubro de 1216, assim ele se expressa: “creio que o Senhor quer salvar muitas almas por meio destes homens simples e pobres, para envergonhar os preladados, que se tornaram como cães mudos incapazes de latir (cf. Is 56,10)”²⁷⁴.

Francisco age no contexto da sua realidade, nas cidades, fora das cidades sob a vulnerabilidade das situações de pobreza vivendo itinerante. E para dentro da Igreja a sua experiência de fé ganha confiança eclesial. O papa Inocêncio III (1198-1216) reconhece nele o homem novo enviado por Deus à sua Igreja, o qual traz em si mesmo as aspirações mais vivas e profundas da sua gente e está em condições de interpretá-la. A nova *institutio religiosa*, e capaz de satisfazer e de responder às exigências dos tempos, é a apostólica. Aprovada por Inocêncio III em 1209 para vir ao encontro dos pedidos de Francisco e dos seus companheiros, a *institutio apostolica* da pregação itinerante se acrescenta às três preexistentes (eremítica, monástica, canonical), e é ratificada e confirmada pelo Concílio Lateranense IV de 1215. Aprovada a Regra (RB de 1223) e conferindo-lhes o *mandatum de poenitentia praedicanda* (o mandato de pregar a penitência)²⁷⁵ (cf. LM 3,10; 1Cel 33; 2Cel 17; LTC 51; AP 36), Inocêncio III reconhece em Francisco e na sua Fraternidade um ‘dom’ dado pelo Senhor à sua Igreja para prover a reanimação evangélica do povo de Deus²⁷⁶.

Vivendo no contexto multi-religioso e as intolerâncias com os novos movimentos, Francisco, como cristão e místico, não fica indiferente aos desafios que aquela realidade símbolo suscita. Sua observação da realidade religiosa da sua época o leva a compreender que a predominância de conflitos violentos com motivação religiosa não representaria a impossibilidade de uma convivência harmoniosa entre os diferentes movimentos religiosos. A

²⁷⁴ VITRY, Jacques. “Lettera scritssa nell’ottobre 1216, da Genova”. In: *FF*, n. 2208, p. 1908.

²⁷⁵ Para uma compreensão da evolução da Regra de Vida de Francisco deixada aos seus seguidores, primorosa pesquisa e elaboração primorosa com bibliografia essencial ver TEIXEIRA, C.M. *Regra franciscana: evolução, mitos, história*. Petrópolis: Cefepal, 1994.

²⁷⁶ Cf. CONTI, M. *Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens*. Petrópolis: Vozes,/FFB, 2004, p.42.

convivialidade entre as diferentes expressões religiosas é algo plausível. Francisco trabalha esta realidade não suprimindo simplesmente as diferenças, mas ao contrário, buscando descobrir e preservar o irreduzível em cada criatura e suas expressões. Há algo de enigmático que envolve as criaturas e que faz com que elas não sejam plenamente decifráveis no âmbito de nossa compreensão, cada ser carrega em si algo singular, e esta é a sua contribuição mais singular.

Conduzido da vida eremítica, Francisco, como a um novo apóstolo, é lançado pobre nas estradas do mundo ao encontro dos seres humanos, irmãos e irmãs, em mística contemplação do Bem, o Sumo Bem e a fazer experiência inaudita da sua presença em todas as criaturas, para anunciar-lhes os valores do Reino, convida à conversão e leva os seres humanos, os seres da criação, ao dom da paz-salvação. A marca da sua fisionomia amorosa porque evangélica, sob uma resposta permanente de Deus à sua época. Como veremos a seguir.

3.2.3.

Fisionomia evangélica de Francisco de Assis

Francisco, tomando o Evangelho ao pé da letra, tem por ideal uma vida na mais estrita proximidade e semelhança, tal como lhe parece e fora a vida de Jesus. Por propensão adquirida tende para a contemplação, em lugares retirados, mas por consciência senti-se obrigado a unir à contemplação a pregação da Palavra divina. Sua existência é marcada pela tensão entre estes dois pólos, e, se dedica à pregação, defende, contudo, o ponto de vista de que, esta, mais do que através de longos sermões e de palavras eruditas, deve realizar-se pela irradiação da vida interior.

Neste ponto, ainda partilha ao menos de modo material, da visão dos movimentos evangélicos de pobreza de seu tempo. Num segundo ponto, porém, distancia-se deles: no modo de chegar à contemplação divina. Escreve Luis Alberto De Boni:

A água do riacho, a humilde cotovia, as árvores do bosque, o cordeiro inocente, o sol radiante eram outras tantas formas, pelas quais a natureza possibilitava ao homem chegar até Deus. Não se tratava, pois de um culto à natureza, enquanto

tal, mas de uma veneração por ela, enquanto obra, na qual, de forma velada, o Criador se deixa entrever²⁷⁷.

Pelo exercício das virtudes, Francisco parte das coisas sensíveis para, por meio delas e nelas, como que por degraus, chegar ao Autor das mesmas. No mundo em que se encontra Francisco, as coisas aparecem-lhe, então, sob uma luz diferente, como sombras, alegorias e pegadas daquele que as criara, e para o qual tendem. Daí o seu amor às criaturas, como a um espelho, no qual se refletem, embora de forma imperfeita, a grandeza, a bondade, a beleza do Criador.

A fisionomia mística evangélica de Francisco, que faz da evangelização itinerante a sua razão de ser, é compreendida na linha do exercício do *mandatum de poenitentia praedicanda*. Atendendo a este ministério e refletindo sobre a Palavra de Deus que o ilumina, Francisco adquire as virtudes específicas da evangelização itinerante que o torna em meio a tantos outros e que facilitam o cumprimento do seu ministério específico.

Dos Escritos podem-se colher elementos objetivos suficientes para determinar a fisionomia mística, adquirida pela contemplação do Senhor e sua Boa Nova, de Francisco, seja como evangelizador seja como pedagogo da fraternidade mórítica, a fraternidade cósmica. Ele é o irmão de todos e todas (cf. Test 1.14; 2Ct 1; 2Fi 1; Le 1; Ord 3; Gv 1).

A fé na fraternidade universal, fundada sobre a paternidade de Deus e sobre Cristo, leva Francisco a nutrir um profundo respeito pelo ser humano e, com o ser humano, por toda a criação animada e inanimada. A sua caridade fraterna se estende não somente às pessoas (cf. Ad 5,1), mas também aos animais e a todas as criaturas, seus irmãos e irmãs.

A razão do modo de Francisco relacionar-se com as criaturas deve ser buscada na *metánoia* evangélica que fez dele uma pessoa livre. Em Francisco livre, também a criação é libertada da escravidão da corrupção e volta a ser capaz de exprimir-se a si mesma segundo o projeto de Deus (cf. Rm 8,19-22). A sua teologia do simbolismo bíblico permitiu a Francisco, que já tinha chegado à liberdade dos filhos de Deus, colher a voz da criação, ver em todas as criaturas irmãos e irmãs a respeitar e associá-las a si ao cantar os louvores de Deus Altíssimo²⁷⁸.

²⁷⁷ DE BONI, L. A. Introdução. In.: BAGNOREGIO, B. de. *Escritos Filosófico-Teológicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS/USF, 1999, p. 56

²⁷⁸ CONTI, M. *L'esegesi letterale-esistenziale di San Francesco d'Assisi*. Il Cosmo nella Bibbia. Nápoles: EA, 1982, p. 603-604.

Um dos aspectos mais evidentes da fisionomia de Francisco é constituído pelo binômio pobreza-humildade. Duas virtudes que nos seus Escritos aparecem conjugadas (cf. SV 2), e que visam a libertar o servo de Deus das preocupações terrenas e plinificar o seu coração de alegria e de paz (cf. SV 11-12). Francisco ao seguir a via da humildade contempla Cristo que, sendo submisso à vontade do Pai, declara: “Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29); e, ao mesmo tempo, olha para os exemplos deixados por Ele na Encarnação e no mistério da Eucaristia (cf. Ad 1,15-18; Ord 27-28).

Francisco descobre na pobreza humilde e na humildade pobre uma fonte de paciência e de alegria, além da vida real para submeter-se a Deus e para colocar-se a serviço dos irmãos e irmãs mais pobres, que ele considera superiores a si e dignos de toda estima (cf. Ad 27,2-3).

Outros títulos que caracterizam e qualificam a fisionomia de Francisco místico, sua vocação-missão são os de menor e servo. Menor para melhor servir, com reverência, como condição ao serviço ao mandato-missão recebidos de Cristo (cf. Mn 9; Test 14). Nos Escritos de Francisco o apelativo servo está em estreita relação com a missão de servir e de administrar as odoríferas Palavras do Senhor (cf. 2Fi 1-3). Idêntica atitude ele mantém com os seus irmãos. Embora homem *vilis et despectus* (cf. Ord 3), Francisco está consciente de ter recebido do Senhor o *ministerium fratrum* (cf. RNB 17,4)²⁷⁹.

Francisco fala de si mesmo como simples e iletrado (cf. Ord 39; Tes 19. 29), é conhecido como o pobre que canta alegre no Senhor, eco e modelo da alegre esperança que ilumina o mistério da alegria cristã, exorta os frades à alegria: “E mais devemos alegrar-nos, quando formos submetidos a diversas provações e quando suportarmos quaisquer angústias da alma e do corpo ou tribulações neste mundo por causa da vida eterna” (RNB 17,8).

A alegria de Francisco, uma característica da sua fisionomia mais marcante que chegou até nós, emerge do dito sobre a Perfeita Alegria, é uma alegria pascal²⁸⁰ nasce do sentir-se livre em Cristo e não é sufocada pelas provas da vida, pois “Este é o dia que o Senhor fez, exultemos e alegremo-nos

²⁷⁹ Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 68-70.

²⁸⁰ Cf. MOTTE, I-É.- HÉGO, G., *A páscoa de São Francisco*. Braga: EF, 1972, p. 200, acrescentamos ainda: “Sinal de que a vida de Cristo se realiza em nós, sinal duma vitória alcançada pela libertação de Jesus. É a alegria daquele que é salvo e que, por conseguinte, vai

Nele (cf. Sl 117,24)”(ExL 8). Expressões semelhantes de alegria e de júbilo se encontram espalhadas no Ofício da Paixão (OP), voltaremos ao tema.

Para Francisco, toda criatura é absolutamente uma palavra de Deus, faz-lhe compreender o Criador; quando ele sente a solidez inabalável e a potência das rochas, logo sente e reconhece, a um tempo, o quanto Deus é forte: “Vós sois Forte, vós sois grande” (LD 2) e que apoio nos oferece²⁸¹. E este sentimento provoca Francisco a uma alegria contínua à vista e ao pensamento de Deus Criador, como também o invade de um incessante desejo de agradecer-lhe. Assume o Evangelho da pregação, alegria, agradecimento, fraternidade, pobreza, humildade... próprios da sua fisionomia mística evangélica.

3.3.

Desdobramentos essenciais da experiência mística de Francisco de Assis

Seguindo uma ordem temática da mística de Francisco o acento prioritário é posto sobre quatro características coordenadas, que estão no vértice desta mística cristocêntrica como via ao teocentrismo espiritual, enquanto reconhecido como o santo da humanidade de Jesus: A encarnação de Jesus, o seguimento de Cristo pobre e obediente. A devoção eucarística e à paixão de Jesus Cristo. E por fim a sua forma itinerante da vida apostólica²⁸².

Para a reconstrução mais integral da experiência mística de Francisco, devemos fazer recurso, além do patrimônio autêntico dos seus Escritos, também à abundante coletânea dos seus ditos, exortações, pensamentos expressos contidos nas várias Fontes da sua vida e à literatura espiritual dos mestres franciscanos²⁸³.

pelo mundo como peregrino, com um ar de libertado e de resgatado. É, sem dúvida, uma alegria pascal” p. 201.

²⁸¹ Cf. JOERGENSEN, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 335-336.

²⁸² Cf. BLASUCCI, A.; CALATI, B.; GRÉGOIRE, R., Storia della spiritualità. *Op. Cit.* p. 272.

²⁸³ Destas Fontes temos a edição, muito integral, em versão italiana, com um aparato crítico, introdução de Stanislao da Campagnola e, índice analítico: FONTI FRANCESCANE (FF). Pádua: EM, 1977; Extremamente rigorosa é a versão espanhola dos Escritos da Biblioteca de Autores Cristianos (BAC): San Francisco de Asis. Sus Escritos. Madrid: BAC, 1965. Temos duas valiosíssimas traduções brasileiras: FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS (FFC). Petrópolis: Vozes/FFB, 2004, com introdução muito apurada a todos os textos e, as FONTES FRANCISCANAS (FFs). Santo André: O Mensageiro de S. Antônio, 2004. São muitos os estudos especializados, optamos por duas obras indispensáveis para verificação crítica dos

A experiência de Deus para Francisco tem origem em por Jesus Cristo, dele recebe a intensidade, a profundidade e a riqueza significativa que guarda como um tesouro no seu coração. Com místicos sentimentos, expressa na Segunda Carta aos Fiéis, toda a sua relação afetiva com Jesus Cristo, sua experiência próxima de Deus:

E são esposos, irmãos e mães (cf. Mt 12,50) de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando a alma fiel se une pelo Espírito Santo a Jesus Cristo. Somos seus irmãos, quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus; somos mães, quando o trazemos em nosso coração e nosso corpo (cf. 1Cor 6,20) através do amor e da consciência pura e sincera; damos à luz por santa operação que deve brilhar (cf. Mt 5,16) como exemplo para os outros (2Fi 52).

A encarnação, o seguimento de Jesus Cristo pobre e obediente; a Eucaristia, a paixão e a forma de vida apostólica, expressam a sensibilidade e o conhecimento do Senhor de Francisco como experiência mística pessoal, para cumprir o santo e verdadeiro mandamento, desde o início da conversão sob a oração diante do Crucifixo da capela de São Damião²⁸⁴ (cf. OC), para cumprir a Regra: “Observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade” (RB 1).

Esta experiência próxima de Jesus revela os tesouros da sabedoria de Deus, porque contempla Jesus Cristo e os mistérios de sua vida à luz fascinante do mistério de Deus. Seu cristocentrismo está por sua vez impregnado do mesmo teocentrismo que a pessoa de Cristo revela. Esta inevitável referência a Cristo e sua humanidade, da experiência que Francisco faz de Deus suscita uma série de traços, indicaremos alguns a seguir, que caracterizam toda experiência cristã de Deus e que o santo de Assis realiza de forma eminente²⁸⁵.

O Crucificado ferido e pobre, olhando-o, suscitando-lhe amor e mandando-o continuar sua própria missão, e isso justamente a partir de São Damião²⁸⁶, daquela pequena igreja tão amada em ruínas. Lá, da pintura do

Escritos originais de Francisco: ESSER, K. *Gli Scritti di S. Francesco d'Assisi*. Nuova edizione critica e versione italiana. Pádua: EM, 1982; PAOLAZZI, C. *Lettura degli "Scritti" di Francesco d'Assisi*. Milão: EBF, 2002.

²⁸⁴ “O abraço do leproso, o despojamento de tudo diante do seu pai, do bispo Guido e a eloquência da cruz compõem, na vida de Francisco, feixes luminosos de todo um viver, capaz de desembocar na perfeita alegria” AGOSTINI, N. A crise ecológica: o ser humano em questão. Atualidade da proposta franciscana. In: MOREIRA, A. da S. (Org.). *Herança Franciscana*. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: USF, 1996, p. 244.

²⁸⁵ Cf. VELASCO, Juan Martín. Doze místicos cristãos. *Op. Cit.* p. 62-63.

²⁸⁶ São Damião é onde Francisco vive esta experiência definitiva de encontro com o Crucificado-Ressuscitado. Um lugar rico em acontecimentos ligados à memória de Francisco; Foi ali que durante a oração na igreja o jovem Francisco recebeu do Crucificado o convite

Crucificado-Ressuscitado, Cristo se mostra, fala e ordena. Na sombra da pintura não é a cruz que emoldura o Cristo; é seu corpo de ressuscitado que determina, como que alargando a moldura da cruz, contem as figuras humanas e angélicas que, extáticas, festejam-no ressuscitado que se encaminha para a glorificação. A cruz que circunda o Cristo, nascendo também ela dos íferos, esta ornada com um colar de conchas, as quais, brotando em volta, se abrem em leque para o infinito. Francisco percebe, pois, e vê a crueldade da crucifixão; o crucificado está sangrando para exprimir a glória daquele sangue derramado por todos e para sempre²⁸⁷.

Depois de ter visto, ele ouve o Crucificado, Francisco certamente continua a contemplá-lo e a ouvi-lo, pondo no coração o que vinha fazendo para obedecer às suas palavras. E, com Francisco, os seus seguidores e seguidoras. No Crucificado-ressuscitado que vê, ele se inspira por toda a vida. A glória daquela pobreza ensanguentada o estimula, a continuar a ouvir: “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída” (2Cel 10,4. cf. LM 2,1a; Lm 1,5; LTC 13cd).²⁸⁸.

Depois da libertação do pai Pedro Bernardone, faz-se encontrar o Pai que está no céu, Francisco passa a ter por casa o mundo, e por veste aquela pobre túnica cingida com uma corda. A nova forma de vida dele e dos imediatos companheiros é o espelho exato do programa de vida evangélica em pobreza total. Uma manhã, ouvindo a leitura do Evangelho, durante a Missa, intui com

para reparar a sua igreja. Na segunda metade do ano de 1211, Francisco obtém do Bispo Guido de Assis o lugar de São Damião para Clara Favarone, sua irmã Inês e suas primeiras companheiras: LSC 5. Em São Damião Francisco encerrado numa pequena cela de cabana, doente dos olhos e enfraquecido no seu corpo compõe o Cântico das Criaturas, propicia a reconciliação entre o Bispo de Assis e o “podestà” de Assis. Cf. CA 83-84; EP 100-101; 2 Cel 213, sobre este tema retomaremos. Para um estudo mais completo da relevância de São Damião na vida de Francisco e seus companheiros ver: URIBE, F., Pelos Caminhos de Francisco de Assis. Petrópolis: FFB, 1997, p.125-135; BOCCALI, Giovanni. São Damião, In *DF*, p. 682-690.

²⁸⁷ Francisco, trabalhando com as próprias mãos na restauração das igrejas com as pedras, e nos lugares com material pobre, ele aprofunda a leitura das palavras de Cristo e compreende que a casa que lhe é indicada é o lugar, que ainda devia ser preparado, para aqueles primeiros grupos de irmãos e irmãs que Cristo lhe dava. Ele continuou assim a olhar aquele sangue gotejante do Cristo glorioso como o caminho escolhido por Cristo para a sua Igreja, confiada também a ele. Cf. BATTAGLIOLI, V., Francisco de Assis. In: *DM*, p. 442.

²⁸⁸ O Crucifixo de São Damião é uma escola de alegria que nos revela a pedagogia de Deus. Não se trata de eliminar a cruz, que está de fato bem representada no crucifixo, de modo igual nas chagas das mãos e dos pés de Jesus, sinal a revelar a meta que conduz à *sequela Christi*. Este aspecto Francisco não esqueceu em nenhum momento e que ensinou com seu exemplo, sua palavra e seus escritos, como nos recorda MANDELLI, Sor Maria. El Crucifijo Gozoso, In: *SF* 51 (1988), p. 428.

clareza o que Cristo pede a ele e aos seus, enviando-os: inaugura para eles a novidade de uma vida evangélica vivida em pobreza total (cf. 1Cel 53; 2Cel 12; LM 2,4,6,11; LTC 19-20; AP 8; Fior 3,29,30)²⁸⁹.

Francisco encontra-se no caminho da mística evangélica e envolve em sua novidade os mais atentos que o seguem para ouvi-lo, para ficarem com ele. A sua palavra muitas vezes é precedida de um cântico. Volta frequentemente e com ímpeto natural o canto e também o pranto, em oração, comunicação contínua com Deus com intimidade orante. Com suas missões contínuas, que se realizam sempre mais de modo vertical, isto é, missões como quaresmas nas quais se entrega à penitência solitária e que o elevam em seu realismo místico, no Monte Alverne, lugar por excelência destes exercícios de íntima experiência de solidão²⁹⁰.

A piedade popular no período central da Idade Média coloca em destaque a imagem de Jesus Senhor glorioso, o juiz universal, o Deus transcendente diante do qual todos são convidados a se prostrar para adorar e implorar misericórdia. A partir de São Bernardo (1090-1154) e, mais tarde, com Francisco, é resgatada a imagem de Jesus Cristo em sua humanidade, em sua vida histórica. O IV Concílio do Latrão, em 1215, também contribui neste sentido, ao ressaltar a humanidade de Jesus contra o docetismo²⁹¹ dos cátaros e de outros grupos da época²⁹².

²⁸⁹ É o Evangelho do Envio (cf. Mt 10,7-10; Mc 6,8-9; Lc 9,1-6): 1cel 22; LM 3,1-2; LTC 25,2. A professora Lina Boff, aprofunda este contexto evangélico: “O movimento inaugurado por Jesus se destina a ultrapassar sua própria pessoa e ministério. Por isso ele precisa cercar-se de pessoas capazes de compartilhar a sua missão e continuá-la depois dele. Os Doze são convocados por Jesus, isto é, são chamados para o seu projeto e são enviados para praticar este projeto. A convocação para o envio é o elemento que fundamenta a missão do apóstolo, pois sem a convocação não há mandato missionário de Jesus, e sem este não há missão, não há anúncio. A pessoa convocada a anunciar a Boa Nova da salvação não o faz por própria autoridade, mas sob a autoridade de quem a envia. A simples forma verbal *apésteilen*, que traduz o *sheliha* aramaico, “aquele que é enviado”, designa uma pessoa credenciada a representar quem o enviou. Nesta forma verbal, também está contida a instituição da missão apostólica”. BOFF, Lina. Espírito e missão na obra de Lucas-Atos. *Op. Cit.*, p.70-71. Francisco é, nesta perspectiva, mensageiro que se empenha em partilhar o destino de Jesus e prolongar a sua missão, corre os riscos de rejeição e insegurança que o próprio Jesus correu.

²⁹⁰ Cf. BATTAGLIOLI, V., Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 443.

²⁹¹ Concepção antiga e moderna segundo a qual o corpo de Cristo é apenas aparente, mero fantasma, e, caso real de origem celeste, de maneira que não passaram de aparências o seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição. O lendário judaico e a mitologia pagã tornam muito compreensível que o docetismo tenha sido a primeira heresia a surgir no seio do cristianismo. O Evangelho de João rejeita o docetismo: “E o Verbo se fez carne” (Jo 1,14). Paulo cita um texto que fala de Cristo como “manifestado na carne” (1Tm 3,16). Contra o docetismo dos gnósticos, com o seu desprezo dualista da matéria, escreve João: “Nisto

Jesus Cristo é amado e vivido por Francisco, como o Homem-Deus: “verdadeiro Deus e verdadeiro homem” (RNB 23,2); “este homem que todos viam, era o Filho de Deus e quem não o reconheceu na fé, veio a se condenar” (Adm 1). Embora o *Poverello* de Assis não se atenha a longas reflexões teológicas a respeito da união hipostática²⁹³, em seus Escritos, no entanto, refere-se ao Cristo com atributos que exprimem sua transcendência e sua humildade, sua função salvífica universal, de sua pobreza, de sua condição absolutamente humana, do ser servo de todos, Cristo Jesus constitui o fundamento da doutrina mística de Francisco²⁹⁴.

reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (1Jo 4m2). Cf. SCHULER, A., Docetismo. In: *DET*, p.162-163.

²⁹² O Concílio afirma: “Enfim, o Filho unigênito de Deus, Jesus Cristo, encarnado por obra comum de toda a Trindade, concebido de Maria sempre virgem com a cooperação do Espírito Santo, tornou-se verdadeiro homem, composto de alma racional e corpo humano, uma só pessoa em duas naturezas, e manifestou mais claramente o caminho da vida. Imortal e incapaz de sofrer segundo a divindade, ele mesmo se fez passível e mortal segundo a humanidade; depois de ter sofrido na cruz e de ser morto pela salvação do gênero humano, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos e subiu ao céu; mas desceu em alma e ressuscitou em carne, subiu igualmente com uma e outra” Definição contra os albigenses e cátaros. Cf. DH 801.

²⁹³ Literalmente, união segundo a *hipóstase*/pessoa. É a expressão teológica e magisterial, surgida na época patrística, com a qual se indica a união profunda da realidade divina e da humana na pessoa/sujeito do Filho/Verbo eterno de Deus em Jesus Cristo. Mesmo não aparecendo nas fontes neotestamentárias, contudo, nela se encontram diversas fórmulas de confissão referentes a Jesus, fundamento da explicitação: o objeto central do anúncio de fé do NT é o homem Jesus de Nazaré, confessado Senhor, Cristo, Filho de Deus, Deus (cf. Mt 16,16; Mc 1,1; Jo 1,14;20,28; At 2,32.36; Fl 2,6-11; Rm 1,3; 10,9 etc). O NT afirma claramente, portanto, a identidade de um sujeito que pertence a duas esferas de existência, a humana e a divina, e viveu o humano na humilhação/Kénosis e o vive atualmente na glória/foxa. Três Concílios ecumênicos, convocados para dirimir controvérsias surgidas no interior da teologia, estabeleceram os marcos no caminho da compreensão correta do mistério da unidade de Cristo. O Concílio de Éfeso (431) definiu que em Jesus Cristo se dá a unidade do divino e do humano “segundo a hipótese” e não apenas por pura vontade. O Concílio de Calcedônia (451) afirma que no Verbo Encarnado a natureza divina e a humana, unidas, mas não confundidas, “concorrem” para a constituição de uma única hipóstase ou pessoa. Mas foi por fim o II Concílio de Constantinopla (553) que esclareceu que a união das duas naturezas em Cristo não ocorreu “segundo a hipótese” do Verbo divino, ou “por composição”, de modo que desde o momento da encarnação em Jesus Cristo se dá uma única hipóstase/pessoa (sujeito, autòs), tanto da natureza divina como da humana, que permaneceu íntegra e distinta da natureza divina na “síntese” ou “Composição”. Esta visão da união de divindade e humanidade em Cristo foi propagada na Igreja, tanto nos documentos do Magistério como na tradição teológica (Cf, DH 250; 426; 428; 430; 431). IAMMARRONE, G., União Hipostática In *DTE*, p. 772-773. LANGEVIN, G., Hipostática In *DCT*, p. 833-834.

²⁹⁴ Cf. POMPEI, A., Jesus Cristo. In: DF, p. 360. “Antes de tudo, escreve Reffaele Pazzelli, a fé e o estilo de vida, ou *Forma Vitae*, de Francisco é anti-Cátaros e Anti-Valdensis, isto é correspondem ao princípio basilar de Francisco, uma completa adesão ao catalicismo e uma fidelidade absoluta à Igreja... contra as ideias docetistas dos Cátaros sobre a Encarnação do Verbo, Francisco sublinha a realidade física da pessoa de Jesus. Francisco rejeita o docetismo dos Cátaros sobre a paixão de Jesus, recordando-nos a frase realista de Lc 22,44: “Tomado de angústia, ele rezava mais instantemente, e o seu suor se tornou como coágulos de sangue que caíam por terra”. PAZZELLI, R., San Francesco e il Terz’Ordine. *Op. Cit.*, p. 215-216.

O místico Francisco é compreendido em uma extrema adesão ao Cristo Jesus num total e radical seguimento²⁹⁵ dos mistérios da vida pública de Cristo. Os franciscanos (as) não devem distinguir-se dos outros cristãos se não por uma maior adesão à vida do Senhor, tanto que desde Bartolomeu de Pisa (c.1401), não se fala de uma imitação, mas de um seguimento à conformidade²⁹⁶. O santo de Assis vive a experiência da gratuidade de Deus e compreende que²⁹⁷, assumir esta adesão é compreender que deriva espontaneamente da vida orante, de uma prática de penitência, e por fim, do desejo de adesão à iniciativa da graça de Deus²⁹⁸.

A humanidade de Jesus refletida a partir do seguimento do Cristo encarnado na realidade dos pobres, sua obediência até a paixão, em intimidade, entre Francisco e Aquele que ele segue²⁹⁹. O que não significa experiência de Deus como conhecimento puramente emocional de sua natureza, como bem sublinha Juan Martín Velasco:

Pela imitação de Jesus Cristo, Francisco se tornou a cópia e a imagem mais perfeita que jamais houve de Jesus Cristo Nosso Senhor”, escreveu Bento XV. Mais ingênuo, porém mais vivamente, escreveu Tomás de Celano: ‘Francisco levava Jesus no coração, Jesus nos lábios, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus presente em todos os seus membros’³⁰⁰.

²⁹⁵ Especificamente sobre o seguimento de Cristo vivido por Francisco: DOZZI, D. La seqüela di Cristo negli scritti di Francesco. In: *Santuario della Verna: QSF XIV. La seqüela di Cristo. Incontri di spiritualità francescana*. 1992, p. 87-96; IAMMARRONE, G., La “Seqüela di Cristo” nelle Fonti Francescane, in.: *MF* 82 (1982), p. 417-461; Id., La testimonianza francescana nel mondo contemporaneo. Pádua: EM, 1988, principalmente o primeiro capítulo.

²⁹⁶ O livro das Conformidades, ao qual Bartolomeu de Pisa dedicou mais de quinze anos de sua vida, parece ter sido lido apenas superficialmente pela maioria dos autores que dele falaram. Partindo da idéia de que a vida de Francisco fora um seguimento perfeito da vida de Jesus, Bartolomeu de Pisa quis reunir, sem perder nenhum, todos os traços da vida do *Poverello*, espalhadas nas diferentes lendas conhecidas de seu tempo. Ao estudar os fragmentos que o autor conservou, vê-se, de imediato, que essa coleção pertencia à tendência dos zelantes da pobreza. Paul Sabatier afirma: “Não hesito, em ver nele a obra mais importante que foi escrita sobre a vida de São Francisco. O autor não se coloca no ponto de vista da crítica histórica como é compreendida hoje, contudo, se é necessário renunciar em ver nele um historiador, mas sim compilador”. Vida de São Francisco de Assis. Bragança Paulista: EUSF, 2006, p. 89.

²⁹⁷ O olhar dos cristãos atinge, em bem outra profundidade, o carisma deste homem que foi sublimado pela graça. O que comove em Francisco é seu amor seráfico, o ela de sua integral doação, o heroísmo da renúncia, os estigmas em sua carne. Numa palavra: a conformidade com Cristo, conformidade essa que, entre os membros da legião dos santos, o coloca entre os mais puros. Cf. ZAVALLONI, R. A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 15-16.

²⁹⁸ Importante a análise do seguimento como radical conformidade no estudo: GEMELLI, A., Il francescanesimo. *Op. Cit.* p. 442-445.

²⁹⁹ Cf. BRUNELLI, D., Ele se fez caminho e espelho. O seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis. *Op. Cit.* p. 121.

³⁰⁰ VELASCO, J. M., Doze místicos cristãos. *Op. Cit.* p. 64.

Esta experiência remete a conhecimento ‘prático’, que não é apenas objeto do pensamento, mas é também vivido no exercício profundo da vida, por experiências cotidianas inesgotáveis. A mística não consiste em aplicar todas as energias do pensamento para esquadrihar o significado da palavra Deus. Nem é uma pretensa visão de Deus que ocorra em algum momento privilegiado e num lugar recôndito da vida mesmo pontuada mais fortemente em São Damião ou no Monte Alverne. Francisco como a um novo apóstolo vive a experiência do Deus de Jesus Cristo seguindo seus passos com a maior e absoluta e resoluta fidelidade.

3.3.1.

Francisco de Assis e o seguimento do Cristo pobre

O primeiro versículo da RNB diz expressamente: “A Regra e vida destes irmãos é (...) seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo” (RNB 1). Seguem-se as citações evangélicas da renúncia dos bens, da família, da própria vida e assumir a cruz (cf. Mt 16,24;19,21.29; Lc 14,26;18,22.29; Mc 10,29). A decisão pelo seguimento de Cristo, na mesma Regra, é retomada explicitamente nos capítulos 9 e 22, e em mais outras 11 passagens de seus Escritos. Igualmente as fontes biográficas reportam inúmeras referências ao seguimento de Jesus Cristo como centralidade da vida (cf. 1Cel 84, 86; LTC 22,25; CA 57;74;79;114; 2Cel 56,59,70,71,72,74,83,85,105,199,200 e muitos outros)³⁰¹.

Como já acentuamos, o seguimento de Cristo é o elemento essencial do ideal de Francisco³⁰². A pobreza³⁰³ mais absoluta, deriva desta fonte pura de

³⁰¹ Cf. CROCOLI, A., “Dado e nascido por nós à beira do caminho” (OfP 17,7). *Op. Cit.*, p.255-156.

³⁰² Recorda com propriedade Stanislao da Campagnola: “O movimento que o santo desejou iniciar é muito mais um movimento de imitadores de Cristo que um movimento de pregadores; e também por isso desejou que os seus frades não abandonassem jamais o gênero simples e popular da pregação da penitência e a pregação do bom exemplo, a imitação de Cristo” CAMPAGNOLA, S., *L’angelo del sesto sigillo e l’ “alter Christus”*. *Op. Cit.*, p.69. Clara de Assis, no seu Testamento (1247-1253), reconhece este seguimento de Francisco, se percebe seguidora deste Caminho e o aponta às Irmãs: “O Filho de Deus fez-se para nós o Caminho, que nosso bem-aventurado pai Francisco, que o amou e seguiu de verdade, nos mostrou e ensinou por palavras e exemplo” (TestC. 5). Sobre o seguimento de Clara de Assis veja: BRUNELLI, D. Ele se fez caminho e espelho. *Op. Cit.* A autora afirma: “O seguimento de Jesus Cristo é tema central nos Escritos de Clara” p. 96, ver ainda no estudo, p. 94-97.

³⁰³ “No século XII a pobreza é o aguilhão, o estímulo de toda a vida religiosa. Quer se parta e se tenha presente a assim chamada crise do cenobismo, quer se olhe a mística dos cônegos,

seguimento de Cristo, e não tem o fim em si mesma, mas sim um meio para ser mais conforme o Mestre e ao seu ensinamento evangélico.³⁰⁴

A pobreza tem sua feição específica e precisa: nunca é pensada sozinha, autossuficiente, mas sempre colocada em estreita conexão com a “*vita Christi*”. Francisco não quer apenas ser pobre, mas Cristiforme; para ele a “*sequela Christi*” não é somente despojar-se dos bens, mas renúncia a toda e qualquer posse, guardando uma posição de distância e de toda recusa à posse³⁰⁵. Francisco “quis certamente ser em tudo conforme ao Cristo crucificado que, pobre, sofredor e nu, pendeu na cruz” (LM 14,4).

A renúncia à apropriação de bens e a expropriação estão a serviço do ideal de identificação com os pobres reais e com o Cristo pobre. Todas as formas de propriedades são negadas por Francisco³⁰⁶. Os frades devem viver como menores, renunciando a todo tipo de poder, de utilização de talentos ou cargos para autopromoção, superando todo tipo de farisaísmo que essencialmente significa arrogância à base de virtudes conquistadas. Os irmãos devem reconhecer:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo... que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo Altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos. E ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores...ele, de quem é todo o bem, o único que é bom³⁰⁷.

quer se leiam as páginas dos clérigos mais profundamente ligados à experiência da vida religiosa, por toda parte, a pobreza está no centro. Emergindo dos mesmos problemas da vida da época, entrelaçando-se com a já viva economia urbana, a pobreza assume um significado novo e diferente”. Cf. BIFFI, I., *Aspetti dell’imitazione di Cristo nella letteratura monastica del sec. XII*. In: *Scuola catt.* 96 (1969), p. 451-490 apud: ZAVALLONI, R., *A personalidade de Santa Clara de Assis. Op. Cit.* p. 45. Para Francisco era a pobreza derivava da pura fonte da evangélica: seguir o Cristo. A fidelidade ao Evangelho se torna para Francisco um imperativo, como nota justamente o autor da *Legenda Antiqua Perusina* 4: “Nesse tempo, quando o bem-aventurado Francisco estava com seus irmãos que tinha na época, ele era de tão grande pureza que, desde a hora em que o Senhor lhe revelou que devia viver –ele e seus irmãos – segundo a forma do santo Evangelho, quis e esforçou-se por observá-lo literalmente por todo o tempo de sua vida” CA 52; Cf. 2EP 19.

³⁰⁵ “Estão entre as palavras mais duras de Jesus nos sinóticos as críticas que faz àqueles que depositam nas riquezas sua confiança. Isso quer dizer que Deus e Mamom são dois valores inconciliáveis. A própria riqueza como tal, de maneira geral é claro, está qualificada como iníqua, fruto da injustiça (cf. Lc 16,9-12); ela afasta o coração de Deus, colocando a razão da existência inteiramente neste mundo (cf. Mt 6,19-21)” CAVALCANTE, R., *Espiritualidade cristã na história. Op. Cit.* p.75.

³⁰⁶ Cf. ESSER, K., *Mysterium Paupertatis. Op. Cit.* p. 69-91.

³⁰⁷ RNB XVII, 17-19. “Apesar deste radicalismo, a pobreza jamais se constitui num valor absoluto. Ela se relativiza quando se apresenta uma necessidade vital. A pobreza tem como base a fraternidade com os pobres e com o seguimento de Cristo e da Virgem, que foram pobres neste mundo” BOFF, L., *E a Igreja se fez povo. Op. Cit.* p. 157

O Senhor foi trabalhando de tal forma a pessoa de Francisco que ele passou a reconhecer a imagem de Jesus Cristo Crucificado nos pobres e nos aflitos³⁰⁸. No pobre, que certa vez havia indelicadamente despedido (Francisco jamais esquecerá disto), no leproso e em todas as criaturas desventuradas que encontra em seu caminho, intui Jesus Cristo pobre, desprezado e frágil em sua nudez, o Jesus chagado sobre a cruz feito um leproso³⁰⁹.

O pobre de Assis exclui da sua vida particularmente o dinheiro, no qual via a raiz das discórdias e do ódio. Além disso, os Irmãos devem situar-se em igualdade com os mais deserdados, à imagem do Cristo “que não tinha onde repousar a cabeça” (Mt 8,20). Assim, eles não devem reter nem reservas, nem provisões, subtraindo-se tanto quanto possível ao mundo da compra e da venda. Para obter o indispensável à vida, confiam na Providência e trabalham com as próprias mãos. O recurso à mendicância, é considerado, nas origens da fraternidade, como um complemento³¹⁰.

Esta visão se expressa de modo mais denso no Capítulo 9 da RNB, que se necessário os “irmãos mendicantes” recorrem à “mesa do Senhor” pedindo esmolas³¹¹. Este mesmo capítulo 9 afirma: “Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo”. E fornece o motivo que sustenta a opção por um novo lugar social: “Recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo Onipotente, não se envergonhou; e, ele foi pobre e hóspede

³⁰⁸ “A verdadeira Igreja tem origem no ‘exemplo dos Apóstolos’ e isto significa fundamentalmente deixar os bens terrenos em seguimento de Cristo. A pobreza cristã, portanto evangélica, quer dizer, aquela vivida por Cristo e a comunidade apostólica é o ponto focal da concepção do cristianismo da teologia leiga dos séculos XII e XIII”: BÓRMIDA, J. *Datos históricos para una Ecclesiologia Franciscana*. Buenos Aires: Mensajero, 1998, p. 142.

³⁰⁹ BOUGEROL, Jacques Guy. Conversão. In: *DF*, 103 descreve o início do seguimento do Cristo pobre quando Francisco começa seu processo de Conversão, o encontro com a pessoa do leproso, o símbolo do pobre por excelência, é fundamental para Francisco, neste processo de despertar e tomar decisão evangélica de vida radical à semelhança com o Senhor, como podemos verificar no seu Testamento 1-3. Cf. LAZZARI, F.de. *Il Testamento di San Francesco*. *Op. Cit.*, p. 35-45, apurado comentário do Testamento de Francisco.

³¹⁰ Cf. VAUCHEZ, A. A espiritualidade na Idade Média Ocidental. *Op. Cit.*, p. 128.

³¹¹ O termo “Irmãos Mendicantes” pode parecer estranho, mas não se tratava de associações de mendigos ou para trabalhar com mendigos. Eram ordens religiosas fundadas para trabalhar na vinha do Senhor. Viviam do próprio fruto do trabalho e não, por exemplo, da exploração econômica de propriedades, nem de prebendas dadas pela Igreja. Entre os meios de subsistência colocaram também um direito dos pobres, o recurso à mendicância na falta de recursos advindos do trabalho. São Francisco chama de “mesa do Senhor” a esmola de que vive o pobre, e encoraja seus discípulos com o exemplo do Evangelho quando diz que Jesus viveu de esmolas, ele, sua mãe e os apóstolos. Não é o mendigo que o provoca, mas o próprio Jesus. Cf. SILVEIRA, I. *Senhora Pobreza*. *Op. Cit.*, p. 24.

e viveu de esmolas, ele e a Bem-Aventurada Virgem e seus discípulos” (RNB 9,4-5)³¹².

Esta compreensão do Cristo no meio dos pobres, vivendo como pobre e excluído do sistema, inspira e determina o estilo de mística, a experiência da vida religiosa de Francisco e seus companheiros: a mística do seguimento de Cristo que os leva ao despojamento mais absoluto de toda propriedade (cf. RNB 1,7,8,9,17; RB 4,5,6; Test 16,19-22) e de todo privilégio social ou eclesiástico (cf. Test. 25-26)³¹³.

A fraternidade responde ao convite para estar com Cristo, recebe o mandato a pregar, com sua profissão religiosa. Com sua profissão religiosa os frades contraem um pacto com Cristo: conformarem à sua vida casta, pobre e obediente, para consagrar-se totalmente ao serviço de Deus (1 Tm 5,11)³¹⁴.

Desde o momento do encontro com o Crucificado na capela de São Damião à sua estigmatização no Monte Alverne, e no momento do seu trânsito, deitado (“*adagiato*”: abandonado) sobre a nua terra da capela de Santa Maria dos Anjos, Francisco não pensa outra coisa a não ser aderir a Cristo, seguindo-o totalmente através da ‘conformidade’³¹⁵, segundo a radicalidade da letra possui a realidade do Evangelho³¹⁶.

Assim se faz pobre para poder acolher todas as criaturas como presentes de Deus, porque reconhece em todas as criaturas um generoso presente de seu amor. Significa um contínuo e puro louvor glorificador da bondade, da graça e

³¹² Cf. CRÓCOLLI, A.; PILONETTO, A. Intuições cristológicas de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 45-55.

³¹³ Muito iluminador o texto dos frades Aldir Crócolli e Adelino Pilonetto: “Esta opção social, livremente abraçada, tem a força de lembrar ao mundo que só existe um Senhor (Cf. Ct Ord 9), ao qual todas as coisas pertencem (RNB 17,17), e que, por sua bondade, sustenta as criaturas com igual amor, a ninguém excluindo. O que faz sentido nesta pobreza é que ela gera fraternidade e a fraternidade cria as excelências. Daí o lema de sabor nitidamente franciscano: pobres para ser fraternos. A compreensão de Cristo como peregrino e pobre teve força inspiradora entre os franciscanos para criar um sistema de vida fraterno, sem classes, e solidário com os que não têm vez nem voz no mundo”. CRÓCOLLI, A.; PILONETTO, A., Intuições cristológicas de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 55.

³¹⁴ Cf. BONI, A., Fraternidade, irmão, In: *DF*, p. 276.

³¹⁵ Pela obediência de Cristo, a natureza humana foi completamente refundida no cadinho do sofrimento, de conformidade com a vontade de Deus (cf. Hb 10,9-10).

³¹⁶ Cf. BLASUCCI, A.; CALATI, B.; GRÉGOIRE, R.; *Storia della Spiritualità. Op. Cit.* p. 274. Leonardo Boff, em longo capítulo, no contexto da pobreza do Terceiro Mundo, apresenta Francisco como solidário patrono da opção pelos pobres, citamos: “O *Poverello*, aquele que amava os pobres e se fez um deles. Na verdade, S. Francisco de Assis se apresenta como patrono da opção preferencial pelos pobres. Nunca alguém na história da Igreja tomou tão a sério a solidariedade, mais ainda, a identificação com os pobres e com o Cristo pobre” BOFF, L. E a Igreja se fez povo. *Eclesiogênese. Op. Cit.* p.149.

do amor de Deus que se fez pobre em Jesus, obediente no anúncio “do Reinado de Deus, pois é para isso que fui enviado” (Lc 4,43), na condição de servo até a morte³¹⁷, “ele se rebaixou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”. (At 2,8; cf. Hb 10, 5,10)³¹⁸.

A Legenda dos Três Companheiros³¹⁹ destaca a alegria e o louvor no seguimento radical do Cristo pobre:

O bem-aventurado Francisco, tomando consigo frei Egídio³²⁰, dirigiu-se à Marca de Ancona... era tão grande neles a alegria que parecia terem encontrado um grande tesouro no campo evangélico da senhora pobreza, por amor da qual eles haviam desprezado generosamente e de bom grado todos os bens temporais como se fossem esterco (LTC 33; cf. 1Cel 29;LM 3,7;AP 15).

A mística adesão evangélica de Francisco manifesta expressão do seguimento de Cristo pobre, é concebida como estar nu de corpo e de coração para revestir-se da única riqueza que é o Senhor. É não dividir o ideal evangélico com nada para não perder a unidade da busca³²¹.

Escreve Dom Aloísio Lorscheider:

Não pode, o franciscano, esquecer a alegria da mística da pobreza, tão profundamente vivida por Francisco. E aqui temos uma indicação bem concreta dada por Puebla (n.1268), quando trata da evangélica opção preferencial pelos pobres. A vida das pessoas de hoje deve ser simples, sóbria e austera³²².

Não se trata de ferir ou humilhar as pessoas, quaisquer sejam elas, mas se trata de convertê-las, como Francisco propôs com sua vida mística de seguimento do Cristo pobre, também ele solidário na pobreza e engajado profeta, o menor entre os menores.

³¹⁷ Conforme em Paulo lemos “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelos próprios sofrimentos, e, levado até a própria consumação, veio a ser, para quantos lhe obedecem, causa de salvação eterna” (Hb 5,8-9).

³¹⁸ Cf. DEL ZOTTO, C.B., Criado, In.: *DF*, p. 124.

³¹⁹ Entre as Fontes Biográficas Franciscanas as Legendas possuem um caráter mais rígido de narrativa biográfica cronologicamente disposta, por exemplo, a obra de Tomás de Celano: - A Vida primeira (1Cel) e a Vida segunda (2Cel) - ; O Tratados dos Milagres (3Cel); a obra de São Boaventura:- a Legenda Maior (LM) e a Legenda menor (Lm) - ; a Legenda dos Três Companheiros (LTC); o Anônimo Perusino (AP); o Livro dos Louvores de Bernardo de Bessa (LL); a Vida de São Francisco escrita por Juliano de Espira (JJ). Cf. Introdução das FFC, p. 20-42.

³²⁰ Para a histórica participação de frei Egídio no nascimento da Fraternidade franciscana e sua íntima e dedicada relação a Francisco, chamado de o humilíssimo: SIDNEY, W., *San Francesco e i suoi amici*. Milão: EBF, 1981, p. 98-96.

³²¹ No início da sua conversão, Francisco tem a coragem de se despir diante de toda Assis para mostrar desde o início as razões de sua verdadeira escolha (cf. 1Cel 6,13-15).

³²² LORSCHIEDER, Dom Aloísio. O franciscano e o engajamento político. In: *CF* 10 (1996), p. 19.

A consciência da pobreza, por causa do Cristo pobre, é entrar no movimento de uma conversão libertadora; deixar a glória do mundo e assumir a fraternidade dos humildes, mesmo indo contra as paixões dominantes de seu tempo. É ter a coragem de ser anti-histórico quando a história exige publicidade, consumo, quantidade. A coragem de ser anti-etiqueta, de não ficar emperrado nas próprias medidas. Vencer a vontade de possuir: “Fazer a experiência de pedir esmolas por amor de Deus” (LTC 3,10; cf. SP 22; LM 7,10; 2Cel 47)³²³.

Francisco responde ao chamado divino, consagra-se mais intimamente ao culto de Deus e faz da *pietas* evangélica a sua primeira e principal atividade. Uma *pietas* que, segundo a tradição bíblica e patrística, ele expressa na oração, no jejum e na esmola (cf. Mt 6,1-18)³²⁴.

Concedendo-lhe viver na penitência, Deus concede a Francisco o dom de uma mente nova, de um coração novo e de uma consciência nova, dom que lhe permite seguir em tudo as palavras, a vida, o ensinamento e o santo Evangelho de Jesus Cristo (cf. RNB 22,41). Renovado interiormente pelo dom da conversão, Francisco torna-se capaz de ler os sinais que Deus coloca no caminho da vida humana e cristã, sem deixar-se condicionar pelos limites e pela pobreza expressiva dos mesmos, além dos sinais colhe a realidade teológica mística que os mesmos sinais, exprimem (cf. Test 4-13).

Francisco nutre uma profunda contemplação assídua à palavra de Deus, profunda fé e devoção que chega a ele na meditação dos teólogos, isto é, dos bispos e sacerdotes, aqueles que anunciam as santíssimas palavras divinas, que nos dão “espírito e vida” (Jo 6,63) (cf. Test 13). A necessidade de colocar-se na escuta de Deus que fala, impele Francisco na busca de lugares solitários, adequados à contemplação. O eremitério-deserto é para ele um lugar privilegiado de revelação e de salvação (cf. RE 2-3). Desenvolve um intenso e prolongado colóquio com o Senhor. Um eco desta experiência pessoal instituída entre Francisco e o Pai celeste, por meio de Cristo no Espírito Santo, ora nas igrejas pobres e abandonadas (cf. Test 19), ora nas grutas ou nos bosques, encontra-se no grupo de Escritos que os estudiosos atribuem a

³²³ Cf. MAZZUCO, Vitório. *Francisco de Assis e o modelo de amor cortês-cavaleiresco*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 121-122.

³²⁴ Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 46.

Francisco cantor e orante (Louvores e Orações)³²⁵. Trata-se de orações que revelam a profundidade da experiência mística contemplativa desenvolvida por Francisco³²⁶.

Francisco contempla o mistério e as obras da Trindade e eleva ao Altíssimo o seu louvor, o seu agradecimento: “O tema do louvor a Deus e o tema do louvor às criaturas se entrelaçam”³²⁷. Na consciência de que não há ser humano digno de nomear a Deus como convém a ele (cf. RNB 23,5; Cn 2) e de que é necessário rezar sempre a ele *puro corde* (de coração puro) (cf. RB 10,9), Dirige-se ao Senhor Jesus, para que seja ele mesmo juntamente com o Espírito Santo a render graças a Deus Pai como lhe convém e contempla (cf. RNB 23,5-6), enfim, com uma oração em forma de *Lauda*, dando voz a cada criatura, ele próprio louva a Deus *com e por* (por causa de) todas as criaturas, no seu Cântico³²⁸.

3.3.2.

Francisco de Assis e o seguimento de Cristo obediente

Para Francisco, todos os discípulos e discípulas de Cristo devem viver na “verdadeira obediência”, observando os mandamentos, expressos no Evangelho, a Forma de Vida.³²⁹ Francisco expressa mais uma vez tal obediência na Carta enviada a toda a Ordem:

Ele enviou por todo o mundo, para que, por palavras e obras, deis testemunho de sua voz e anunciem a todos que não há ninguém onipotente além dele. Perseverai na disciplina e na santa obediência e cumpri, com propósito bom e

³²⁵ Para as orações nos Escritos de Francisco, cf. Quaderni di Spiritualità Francescana 15 (1967). ESSER, K – GRAU, E. Risposta all’amore. Milão: EBF, 1978, p. 253-285; MARIANI, E., Oração. In *DF*, p. 500-508;

³²⁶ Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 50

³²⁷ SOUZA, V.K.B., Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica: São Francisco de Assis e Iacopone da Todi. In: LUPI, J.-JÚNIOR, A.D.R. (Org). *Humanismo medieval*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 402.

³²⁸ Cf. CONTI, M., L’esegesi letterale-esistenziale. *Op. Cit.* p. 602-609.

³²⁹ O santo, no contexto da correção fraterna deixa claro que “nenhum irmão faça mal a outro ou diga mal dele; muito pelo contrário, através da caridade do espírito, sirvam e obedeçam uns aos outros de boa vontade. E esta é a verdadeira e santa obediência de Nosso Senhor Jesus Cristo. E todos os irmãos, cada vez que se desviarem dos mandamentos do Senhor e vagarem fora da obediência, como diz o profeta, saibam que fora da obediência são amaldiçoados. E à medida que perseverarem nos mandamentos do Senhor, que prometeram pelo santo Evangelho e por sua própria vida, saibam que estão na verdadeira obediência e sejam abençoados pelos Senhor” *RNB* 5, 13-17.

firme, o que lhe prometestes. O Senhor Deus se oferece a nós como a seus filhos (Ord. 9-11).

A verdadeira obediência é trabalhar livremente, segundo a vontade do Senhor, a obediência caritativa (cf. Ad 3,6), é não querer impor as próprias opiniões como os “maiores”, a obediência perfeita é ‘desobediência’ para ser fiel à própria consciência (“alma”: RB 10,3), ao mandato evangélico e à própria vocação, e, não obstante permanecer dentro em comunhão fraterna³³⁰: “Se o prelado, porém, ordena algo contra sua alma, conquanto não lhe obedeça, não o abandone” (Ad 3, 7).³³¹

A obediência consiste em desobedecer para permanecer dentro. Dentro da fraternidade, dentro da Igreja. Esta foi a obediência heróica de um homem que desobedece e muito radicalmente a quem impunha as Cruzadas³³², não assume nenhuma Regra existente, de São Bento, de Santo Agostinho. E desobedece ao princípio do direito à propriedade. Entende a obediência como seguir a vontade do Senhor e o seu santo modo de operar, na liberdade permanecendo fielmente unido em comunhão fraterna: “Muitos são os religiosos que, sob pretexto de ver coisas melhores do que as que seus prelados ordenam, olham para trás, voltam ao vômito da própria vontade; são homicidas e causam a perdição de muitas almas por causa de seus maus exemplos” (Ad 3,10-11).

Francisco se identifica com um máximo de Espírito e um mínimo de normas legais. É o máximo de busca em liberdade e o mínimo de segurança³³³. O Testamento (1226) de Francisco faz memória desta perspectiva:

Mando firmemente por obediência a todos os irmãos, onde quer que estejam que não ousem pedir à Cúria Romana qualquer tipo de carta, nem por si nem por pessoa intermediária, nem em favor de igreja nem em favor de outro lugar sob pretexto da pregação nem por perseguição de seus corpos; mas, se em algum lugar não forem aceitos, fujam pra outra terra para fazer penitência com a bênção de Deus (Test.25-26).

³³⁰ Um exemplo claro temos na Carta a um Ministro: “Digo-te, da maneira como posso: aquelas coisas que te impedem de amar o Senhor Deus, bem como aquelas que te opuserem obstáculos, irmãos ou outros, tudo deve ter como graça, até mesmo se te açoitarem. E queiras que seja desta maneira e não de outra. Tenhas isto como verdadeira obediência do Senhor Deus e minha, pois sei firmemente que esta é a verdadeira obediência” Mn 1-4.

³³¹ Para Francisco e para o movimento franciscano primitivo, o discipulado de Jesus se supõem uma série de tensões vitais pois o seguidor de Jesus é um herdeiro da liberdade de Cristo. Cf. BÓRMIDA, J., Datos históricos para una Ecclesiologia Franciscana. *Op. Cit.* 176.

³³²Cf. In.: *DIM*, p. 110; para uma abordagem das Cruzadas no contexto de Francisco, Franco Cardini faz uma abordagem bastante abrangente, In.: *DTOM*, Guerra e Cruzada, p. 473-487.

³³³ Cf. BÓRMIDA, J., Datos históricos para una Ecclesiologia Franciscana. *Op. Cit.* p. 175.

A regra de ouro desta mística da obediência evangélica é o que Francisco escreve na carta frei Leão: “Qualquer que seja o modo que te pareça melhor agradar ao Senhor Deus e seguir suas pegadas e sua pobreza, faze-o com a bênção do Senhor Deus e com minha obediência” (Le 3-4). Francisco não exige a observância literal que faz o ser humano escravo de regras. Os preceitos do Evangelho somente podem ser cumpridos na liberdade do Espírito: diz o Apóstolo “a letra mata, mas o Espírito vivifica” (2 Cor 3,6)³³⁴.

No texto do Capítulo III das suas Admoestações, Francisco sintetiza bem o tipo de obediência a ser vivida pelos seus frades, propõe: aquela que ajuda a fluir mais perfeitamente dentro da vontade do Senhor. Obedecer é captar o desejo do Senhor:

Diz o Senhor no Evangelho: quem não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo (Lc 14,33); e, quem quiser salvar sua vida, perdê-la-a (Lc 9,24). Pois, quem prefere sofrer perseguições a separar-se de seus irmãos permanece verdadeiramente na perfeita obediência, porque expõe a sua vida (cf. Jo 15,13) em favor dos seus irmãos (Adm 3,1-9).

O texto inicia com a expressão: “Diz o Senhor”. É uma fórmula muito comum presente nos textos medievais. Francisco apropria-se desta expressão por estar todo na escuta de seu Senhor. A fala do Senhor é o momento de inspiração. É mais do que uma fórmula que toma conta de toda uma fraternidade que se coloca à disposição para obedecer a seu Senhor porque vê em sua vontade uma convocação grandiosa. Está obediência implica renúncia radical, por isso Francisco inclui o texto evangélico: “Quem não renuncia a todos os seus bens” (Lc 14,33). Não se pode viver a obediência, sem libertar-se de tudo aquilo que nos amarra. É não ter nada, não estar apegado a nada, que impeça a ação de obedecer³³⁵.

Este seguimento de Francisco pobre e obediente, faz do santo de Assis o humilde repetidor de Jesus e, o converte em *Christus totus conrucifixus et configuratus*, na expressão de Juan Martín Velasco, e o leva, pois à plena transparência de Deus na qual consiste a contemplação³³⁶.

³³⁴ Escreve Francisco: “São mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito da divina escritura, mas apenas desejam conhecer as palavras e interpreta-las aos outros” Ad 7,3.

³³⁵ Cf. MAZZUCO, Vitorio. Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p.120-121.

³³⁶ Cf. VELASCO, Juan Martín. Doze místicos cristãos. *Op. Cit.* p. 64.

3.3.3.

Francisco de Assis e a Encarnação de Jesus

A encarnação que não é nenhum mito, mas um fato histórico atingido pela fé, quando Deus na pessoa de Jesus, é inserido dentro da humanidade, se relaciona com nosso mundo em cosmogênese. Jesus-homem resulta de um longo processo de evolução cósmica. Como corpo-espírito Jesus de Nazaré é também um nó de relações para com a totalidade da realidade humana e cósmica que o cerca. Ele vive, para usar a linguagem semita da Revelação, de forma sárquica: limitado pelo espaço da Galiléia, na Palestina, e pelo tempo, dentro da cultura judaica, sob a dominação dos romanos, numa sociedade sacral, agrária e de relações primárias, dentro de uma compreensão pré-científica do mundo, sujeito às fragilidades humanas da dor e da morte³³⁷.

Partindo do primado absoluto de Deus Criador, cuja amorosa paternidade está na origem de todas as coisas criadas, Francisco dilata sua “inteligência espiritual”³³⁸ e toda afetividade às dimensões de uma fraternidade universal, que tem o centro em Cristo, o Filho unigênito do Pai, a sua imagem e sua expressão perfeita. Deseja participar da humildade e da pobreza da encarnação de Cristo, e seguindo seu ensinamento e seu exemplo (cf. RNB 1,3-5) sua vida se transforma num canto de louvor e de glória³³⁹.

Com a encarnação, entrada de Deus no âmago do mundo, da vida, da história, as criaturas e os fatos refletem algo de sua presença e de seu mistério. A encarnação inaugura a definitiva e permanente fraternidade de Deus encarnado na vida e no mundo do seu povo, até à morte do Filho³⁴⁰.

³³⁷ Cf. WERBICK, J. Prolegômenos. In: SCHNEIDER, T. (org). Manual de dogmática. V. I., *Op. Cit.* p. 18-21. BOFF, L. *Ecologia: teologia e espiritualidade*. In: Curso de Verão ano XX: *Ecologia: Cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 160.

³³⁸ Cf. MASSACESI, L. L'Esodo della fraternità francescana. *Op. Cit.*, p. 182-183.

³³⁹ O programa de vida de Francisco é “penetrar Cristo” nos seus mistérios, da encarnação do Verbo, de onde o título “o místico da encarnação”, à natividade (ardia de ternura amorosa pelo “Menino de Belém”), à sua paixão e morte, à sua ressurreição e ascensão, à realeza. Cf. BLASUCCI, A.; CALATI, B.; GRÉGOIRE, R., *Storia della spiritualità. Op. Cit.* p.274; LONGPRÈ, E. *Francesco d'Assisi e la sua esperienza spirituale*. Milão: EBF, 1979, 45-47

³⁴⁰ “O mistério da encarnação pressupõe da parte de Deus a vontade de se submeter às leis da história e de aceitar, portanto, as decisões dos sujeitos humanos responsáveis pela condenação à morte do seu Filho unigênito” TAVARES, s.s. Trindade e Criação. *Op. Cit.* p. 27.

Com Francisco o horizonte da mística da encarnação de Cristo conduz a uma valorização objetiva do mundo e do corpo dos seres humanos³⁴¹: “Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio do trono real (Sb 18,15) ao útero da Virgem... e, desta maneira, o Senhor está sempre com seus fiéis, como ele mesmo diz: “Eis que estou convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Quando se trata da encarnação do ‘bom Senhor’, o Verbo, Francisco usa uma linguagem enfaticamente realista; a encarnação deu-se no útero da Virgem Maria; esta linguagem é importante, pois se compreende dentro de um contexto influenciado pela doutrina cátara que nega a encarnação real do Verbo; para os cátaros, o útero está vinculado ao pecado; assim sendo, o Filho de Deus não pode de forma alguma estar ligado ao pecado; por isso, eles afirmam apenas uma encarnação aparente do Verbo; Francisco, em contraposição a esta doutrina, afirma da maneira mais realista que, como todo ser humano, o Verbo “recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade no útero da Virgem Maria” (cf. 2Fi; Ord 21)³⁴².

Os biógrafos narram detalhadamente a forma e o empenho que o Santo coloca na memória celebrativa da encarnação da vida do Senhor. Ao fazê-lo, como descreve Tomás de Celano, constitui a mais sublime vontade, no contexto da última liturgia natalina vivida por Francisco:

O principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda a vigilância, com todo o empenho, com todo o desejo da mente e com todo o fervor do coração (1Cel 84).

Para além da memória do nascimento do Senhor, Francisco vive, vibra e atualiza, com sua celebração, a relação de comunhão mais intensa com Cristo. Desta forma, não se trata apenas de uma celebração no sentido em que nós a entendemos hoje. Essa representa, para o *Poverello*, um vínculo de comunhão que atualiza a Palavra de Deus na vivência do acontecimento. O Santo não se contenta apenas com a ‘memória auditiva’ do texto: quer que este se converta em realidade viva conferindo assim à celebração uma re-atualização do próprio mistério da encarnação de Cristo.

³⁴¹ “Se a criação está intrinsecamente orientada para a Encarnação, na Encarnação do Verbo, o ser humano visualizou o seu caminho” COSTA, P.C. Eu vim para que todos tenham vida. In: *AT* 30 (2008), p. 389.

³⁴² Cf. Nota 3. In: FFC, p. 96. Para aprofundar esta questão: cf. MICCOLI, G., Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 71-108.

A sensibilidade de Francisco concretiza em si o mistério do amor infinito do Pai de que o Menino de Greccio³⁴³ se torna Sacramento, sinal sensível. Celebrando o mistério do amor infinito na Encarnação atualiza uma outra perspectiva que está no âmago do seu pensamento e que ele vive com grande paixão: a paternidade divina. A celebração do presépio³⁴⁴ do Senhor desencadeia nele todo um dinamismo novo que o leva a procurar uma identificação muito próxima com Cristo que se consuma na parte final da sua caminhada terrestre, nas suas chagas e na litúrgica celebração pascal da sua morte³⁴⁵.

A Encarnação como mistério condensado na celebração do Natal, abarcando toda a existência de Cristo, perpassa e impregna toda a realidade cósmica e humana, tornando-a como que “grávida de Cristo”. Esta convicção repercute na missão, no modo de evangelizar, inspirando respeito pelas diferentes culturas e religiões, reverência diante das pessoas e para com todo o criado, sensibilidade e reverência ecológica³⁴⁶.

O Espírito do Senhor abre a realidade do cosmos divinizado pela Encarnação, enquanto a fraternidade de Francisco se abre ao universo³⁴⁷, não permanece fechada nos pequenos litígios intra-eclesiais, nem se bloqueia ante as limitações que podem impor uma hierarquia. A mística que Francisco vive

³⁴³ Três anos antes de sua morte, Francisco celebra no santuário de Greccio, de forma inusitada, o Natal e, com grande fervor; prepara um presépio ao vivo: 1 Cel 84-87; LM 10,7. “A celebração do Natal que Francisco fez em Greccio não pode ser tomada como um episódio de sua vida e, menos ainda, como o resultado de um trivial sentimentalismo. Ocorreu depois de uma forte tribulação interior de mais de três anos que o fez padecer humilhações e advertir-se de suas limitações. Esta experiência de vida o fez compreender melhor a encarnação de Jesus Cristo. O presépio de Greccio enquadra-se dentro da mística cristológica de Francisco, na qual “a humildade da encarnação e a caridade da paixão” (1 Cel 84) constituem o tema primordial” URIBE, F., Pelos caminhos de Francisco de Assis. Op. Cit. p. 227.

³⁴⁴ Na Idade Média, os herdeiros do monaquismo oriental colocaram Jesus no centro de sua oração, vindo a ser conhecidos como os que viviam da oração de Jesus. São Bernardo, no século XII, e mais tarde São Francisco difundiram em toda a cristandade uma nova forma, pessoal e cordial, de se unir a Jesus como homem, invocando o seu nome, celebrando-lhe o nascimento no presépio e fazendo de sua pobreza o parâmetro da mística cristã. Cf. CATÃO, F., Espiritualidade Cristã. Op. Cit. p. 26.

³⁴⁵ Cf. LOURENÇO, J. D. Francisco e a Palavra de Deus. Contributo franciscano para uma leitura atual da Escritura. Em: VV. AA. *Francisco de Assis nosso irmão*. Problemas de Ontem e de hoje. Braga: editorial Franciscana, 1995, p. 254-255.

³⁴⁶ Cf. CRÓCOLLI, A. – PILONETTO, A. *Intuições cristológicas de São Francisco de Assis*, 59.

³⁴⁷ São Boaventura descreve a origem desta abertura: “Assistiam ao seu servo Francisco aquele Espírito do Senhor que o ungira e o próprio Cristo, virtude e sabedoria de Deus, em cuja virtude e graça acontecia que não só lhe eram reveladas coisas incertas e ocultas, mas também lhe obedeciam as criaturas deste mundo” Lm 5,1.

na perspectiva da encarnação revela um Espírito de Deus sem limites³⁴⁸. Faz reconhecer que a atuação de Deus ultrapassa o âmbito limitado da Igreja institucional. Lembra à Igreja que ela está convocada para a colaboração com todos os movimentos, religiosos ou leigos, que promovem a libertação da humanidade³⁴⁹.

Francisco celebra o mistério do aniquilamento (*kénosis*) de Cristo, que por amor assume nossa pequenez escolhe o caminho da pobreza. “Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo” (RNB 9,1). O seguimento de Cristo pobre e humilde por Francisco, é descrito e sintetizado no próprio nome dado aos seus seguidores frades menores, chamados a ser tais em seu relacionamento com Deus, com as criaturas e consigo mesmo. De fato, Francisco ensina aos seus frades a menoridade como forma de presença no mundo: fazerem-se irmãos de todos, servos dos pequenos e dos pobres, na partilha e na solidariedade.

Meditando continuamente as palavras do Senhor, que são “espírito e vida” (RNB 22), Francisco começou a compreender vida e a missão do Senhor à luz do mistério de seu esvaziamento (*Kénosis*). A humildade da encarnação lhe ensinou a grandeza do amor do Deus-Homem que se dignou tornar-se um de nós e quis colocar-se na condição do mais pobre entre os pobres (DF 6).

Esta opção de Francisco convida-nos a rever as motivações cristológicas de nossa vocação e, acima de tudo, as consequências concretas da mesma³⁵⁰.

Na humildade da Encarnação Francisco contempla em adoração mística a entrega à humanidade sem reservas do Filho de Deus. Na humildade do Filho de Deus descobre Francisco o esplendor oculto do Altíssimo, o esplendor dum amor que, sem mérito algum da nossa parte, vem até nós e nos alcança no abismo da maior humilhação. O olhar maravilhado de Francisco para Deus

³⁴⁸ Cf. BÓRMIDA, J. Datos históricos para una Eclesiología Franciscana. *Op. Cit.* p. 180

³⁴⁹ Cf. CRÓCOLLI, A. – PILONETTO, A. *Intuições cristológicas de São Francisco de Assis*, 57. Nesta perspectiva escreve Alexandre Otten: “Encarnação é o termo teológico que corresponde a prática da opção pelos pobres. Nela a opção preferencial pelos pobres e a evangelização inculturada encontram o seu fundamento. Encarnação significa a saída de Deus de si mesmo para ir ao encontro com o outro, o ser humano. É o mistério da *Kénosis* divina, do despojamento por amor e misericórdia. Como cristãos acreditamos que o mistério divino chegou ao seu auge na vida e na pessoa de Jesus de Nazaré” O mistério da encarnação e a opção pelos pobres, em *Convergência*, 304 (1997), p. 339.

³⁵⁰ “A encarnação é um dos mistérios centrais de nossa fé. No decorrer da história do cristianismo, desde as primeiras comunidades cristãs até nossos dias, a pergunta pelo sentido da encarnação sempre desafiou os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo” FERRARO, B., *Cristologia. Iniciação à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 32. Cf. Para o tema, do mesmo autor: *Encarnação. Questão de gênero?* São Paulo: Paulus, 2004.

despoja-o de si mesmo e predispõe-no a louvar e a bendizer (cf. Ad 1 16-18; 2Fi 4-5)³⁵¹.

A Encarnação é a nova criação e a salvação, que acontece hoje, sinal do Reino entre nós em tensão que se estabelece, com a esperança. A esperança é o desejo ardente de realizar, hoje, a vontade de Deus, o Reino de Deus que já está acontecendo. É a sedução do bem, da vida da comunhão com Deus, da solidariedade, da fraternidade, da partilha, da alegria, pois “Nasceu-vos hoje, na casa de David, um Salvador” (Lc 2,11). Lemos ainda em Lucas:

E Jesus contou-lhes uma parábola: ‘Olhai a figueira e todas as árvores. Quando começam a brotar, basta olhá-las para saber que o verão está perto. Vós, do mesmo modo, quando virdes acontecer essas coisas, ficai sabendo que o Reino de Deus está perto’” (Lc 21,29-32).

Palavras de confiança e alegria. E a Eucaristia é a causa e a expressão da fraternidade mística, passaremos a expor a vivência eucarística na mística de vida de Francisco.

A Encarnação do Filho de Deus vem afirmar que toda a matéria continua intrinsecamente boa, tal como saiu das mãos do Criador³⁵². A Encarnação destarte aparece como um processo ainda em curso. O Verbo continua emergindo da matéria do mundo e da massa humana até verificar o inteiro universo e introduzi-lo no Reino da Trindade. A Encarnação, amada por Francisco, na imagem do presépio, na festa do Natal, enraíza Jesus no cosmos, contempla assim a mística que emana da sua experiência mística devocional ao Menino Deus³⁵³.

A encarnação de Jesus é causa e expressão da fraternidade enquanto à luz plena da ressurreição realiza a total abertura do homem-Jesus às proporções do Deus-Jesus. Pela glorificação e transfiguração de sua condição sárquica, Ele

³⁵¹ Cf. LECLERC, E. *O Cântico das Fontes*. O universo fraterno de Francisco de Assis. Braga: EF, 1979, p.32.

³⁵² Para a compreensão da criação como evento de uma liberdade criadora saída das mãos de Deus, libertador, criação como revelação de Deus, na perspectiva bíblica, imprescindível estudo: GANOCZY, A. *Homme créateur Dieu Créateur*, Paris: Les Éditions du CERF, 1979, especialmente às p. 113-130. .

³⁵³ Cf. NGUYEN-VAN-KHANH, N. *Gesù Cristo nel pensiero di San Francesco secondo i suoi Scritti*. Milão: EBFP, 1984, p. 146-147. Certamente Francisco impulsiona consideravelmente a teologia mística para com a humanidade de Cristo, cf. VAN HULST, C. Natal. In: DF, p. 468-475; VALTORTA, A.E. Il senso dell’incarnazione negli Scritti di s. Francesco d’Assisi. In: BATTAGLIA, V. (org). *L’Incarnazione. Attualità di un messaggio*. Milão: Ed. O.R., 1985, p. 99-205.

não abandona o mundo e o corpo: assume-o de forma mais plena e profunda. Com sua capacidade de comunhão e comunicação com a matéria totalmente realizada, de tal forma que agora não está presente somente ao espaço e ao tempo palestinense, mas à globalidade do espaço e do tempo (cf. 2Cor 3,17-18; 1Cor 6,27; 15,45; Rm 8,9). Com a Ressurreição torna patente o que estava latente: Cristo-Espírito já está agindo no mundo desde o início (cf. Gn 1,2)³⁵⁴: como a força criadora na natureza (cf. Jó 37,10; Gn 2,7). A sua presença continua alimentando e recriando a vida dos irmãos e irmãs, no seguimento de Jesus Cristo e Francisco já saboreia na sua intuição e participação mística do corpo e sangue do Senhor, a realização de uma utopia do seu coração humano de total libertação da realidade humana e cósmica, repleto de Deus e reconciliado consigo mesmo.

Veremos, a seguir que num lugar, numa comunidade celebrativa e nos elementos do pão e do vinho, se nos é dado a contemplar Cristo no coração da matéria, no coração da vida³⁵⁵. A Eucaristia prolonga a Encarnação do Verbo, e o pereniza na sua ligação aos elementos dentro de nosso cosmos.

3.3.4.

Francisco de Assis e a Eucaristia: “O Corpo do Senhor”

A Eucaristia³⁵⁶ é para Francisco a presença de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. E para mostrar que na Eucaristia está presente o mesmo Cristo historicamente encarnado, ele faz um paralelo entre a Eucaristia e a Encarnação:

³⁵⁴ Cf. KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (org). Manual de Dogmática I., *Op. Cit.* p. 283-379.

³⁵⁵ Cf. CHARDIN, P. T. de. *Himno del Universo La Misa sobre el Mundo*. Madri: Taurus, 1967, p. 17-35; BOFF, L. *O Evangelho do Cristo Cósmico*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 17-40.

³⁵⁶ É intensa a bibliografia sobre a vida eucarística de Francisco. A complexidade do conteúdo pode ser constatada na diversidade do tratamento do tema, em síntese de resumo, nas seguintes obras e verbetes: FELDER, H. Os Ideais de S. Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1953, p. 56-72; VV. AA. QSF. *L'Eucaristia nella spiritualità francescana*. Assis: TP, v. 3 (1972); KOSER, C. O pensamento franciscano. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 149-158; ARMELLADA, B., Sacramentalidade na salvação do homem. In: MERINO, J.A.; FRESNEDA, F.M. (org). *Manual de Teologia Franciscana*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2005, p. 343-351. FALSINI, R., Eucaristia. In: *DF*, p. 224-235; NGUYEN-VAN-KHANH, N. Gesù Cristo nel pensiero di san Francesco secondo i suoi scritti. *Op. Cit.* p. 218-254; IRIARTE, L. *Vocação Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 27-47; ESSER, K. La dottrina eucaristica di san Francesco d'Assisi. In: *Temi spirituali*, Milano: EBF, 1973, p. 231-284; FRANCESCHINI, E. L'Eucarestia negli scritti di san Francesco. In: *QSF* 3, p. 28-49, todo o número é dedicado à mística eucarística franciscana; IAMMARRONE, G. *La spiritualità francescana*. Anima e contenuti fondamentali. Pádua: EM, 1993, p. 88-94.

Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio *do trono real* (Sb 18,15) ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde; diariamente ele desce do seio do Pai (cf. Jo 6,38; 1,18) sobre o altar nas mãos do sacerdote (Ad 1,16-18).

Na Eucaristia Francisco contempla a presença de Jesus Cristo³⁵⁷ que continua tornando acessível aos homens e mulheres a inacessibilidade do Altíssimo Pai³⁵⁸.

Ele é tocado profundamente, cheio de admiração o seu pensamento, pelo Filho de Deus que se humilha sob a espécie do pão: “Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de pão” (Ord 27). E ainda admoesta: “Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio do trono real (Sb 18,15) ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde” (Ad 1, 16-17)”.

Para Francisco é Cristo que reduz as distâncias no mistério do *Deus absconditus*. O lugar do Cristo eucarístico na vida de Francisco é polivalente e indescritível na sua riqueza de aspectos sublimes, profundos, fortes, vivenciais. Demos atenção, por esta vez, de preferência a este muito especial e muito original, formulado nas suas palavras da Admoestação ao unir na sua experiência mística³⁵⁹ o mistério da encarnação ao da Eucaristia, numa dimensão surpreendente, reveladora da sua alma sensível à liturgia da presença do Verbo Encarnado:

Assim como Ele se manifestou aos santos apóstolos na verdadeira carne, do mesmo modo Ele se manifesta a nós no pão sagrado. E assim como eles com a visão do seu corpo só viam a carne Dele, mas contemplando-o com olhos espirituais criam que Ele é Deus, do mesmo modo também nós, vendo o pão e o vinho com os olhos do corpo, vejamos e creiamos firmemente que é vivo e verdadeiro o seu santíssimo corpo e sangue. E, desta maneira, o Senhor está

³⁵⁷ A intuição de Francisco é que a primeira tarefa da Igreja é celebrar com alegria o dom da ação salvífica de Deus à humanidade, realizada pela morte e ressurreição do Cristo. É isso a Eucaristia: memorial e ação de graças. Celebrar a memória de Cristo é mais que realizar um ato cultural: é aceitar viver sob o signo da cruz e na esperança da ressurreição. É aceitar o sentido de uma vida que vá até a morte, por amor aos demais. Cf. FRANCESCHINI, E. *L'Eucarestia negli scritti di san Francesco*. *Op. cit.* p. 45-46.

³⁵⁸ Cf. TEIXEIRA, C. M. Deus na experiência de São Francisco de Assis. In: VV. AA. *L'Esperienza di Dio in Francesco d'Assisi*. Roma: Laurentianum, 1982, p. 200.

³⁵⁹ “Estudar a mística eucarística do santo de Assis, escreve Giovanni Iammarrone, significa mostrar não tanto os elementos de uma doutrina, quanto os componentes da experiência mística vivida por ele, aquilo que para Francisco é o ‘bem da sua alma’. IAMMARRONE, G. *La spiritualità francescana*. *Op. cit.* p. 88.

sempre com seus fiéis, como Ele mesmo diz: Eis que estou convosco até o fim dos tempos (cf. Mt 28,20) (Ad 19-22)

É surpreendente que um homem como Francisco, em quem supomos sem mais o acesso radical e imediato a Deus, tenha vivido a experiência mística, do mistério eucarístico com tal realismo e profundidade evangélica, tenha compreendido Cristo e a Eucaristia assim, tenha tido este pensamento que certamente reflete uma sua necessidade na vida com Deus³⁶⁰: Cristo e a Eucaristia como apoio sensível, perceptível para a afirmação de Deus e o acesso a Ele. É na Encarnação e na Eucaristia que Francisco franqueia o itinerário para chegar ao *Deus absconditus*. E o seu pensamento místico aflora jubiloso ainda no Testamento, nos últimos dias de sua vida, sua adesão ao mistério de amor: “E ajo desta maneira, porque nada vejo corporalmente neste mundo do mesmo altíssimo Filho de Deus, a não ser o seu santíssimo corpo e seu santíssimo sangue” (Test. 10³⁶¹).

Diante deste mistério de amor, suplica aos seus frades (cf. RNB 20), a todos os fiéis (cf. 1Fi 4) e por fim exorta aos governantes dos povos “Aconselho-vos firmemente que deixeis de lado todo o cuidado e preocupação e recebais benignamente, em sua santa memória, o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”(Gv 6).

Sobretudo Francisco vive a devoção ao Corpo do Senhor, em entrega necessária com premente urgência à participação ao santo sacrifício eucarístico, como descreve Tomás de Celano:

Abrasava-se com o fervor de todas as medulas para com o sacramento do Corpo do Senhor, considerando com a maior estupefação aquela amável dignidade e digníssima caridade. Considerava ao pequeno desprezo não ouvir pelo menos uma missa a cada dia, quando se lhe permitia. Comungava muitas vezes e tão devotamente que tornava devotos também os outros. Tratava com toda reverência o que deve ser reverenciado, oferecia o sacrifício de seus membros e, ao receber o Cordeiro imolado (cf. 1Pd 1,19), imolava o espírito com aquele fogo que sempre ardia no altar do coração (2 Cel 201).

Francisco faz da Celebração da Eucaristia o centro da vida da sua fraternidade e sinal visível da humildade e unidade fraterna:

³⁶⁰ É na vida com Deus que nos fazemos mais humanos, mais fraternos e em que conseguimos a verdadeira dimensão, a máxima, do amor ao ser humano e às criaturas. No amor de Deus e de Cristo, Filho de Deus, homem, menino, crucificado, nosso pão na Eucaristia. Cf. MATANIC, A. Francesco d'Assisi. Fattori causali della sua spiritualità. *Op. Cit.* p. 62-64

³⁶¹ Cf. KOSER, C., Vida com Deus no mundo de hoje. *Op. Cit.* p. 97-98

Admoesto e exorto no senhor a que, nos lugares onde moram os irmãos, seja celebrada apenas uma missa por dia, segundo a forma da santa Igreja. Se, porém, houver muitos sacerdotes no lugar, por amor da caridade, contente-se um em ouvir a celebração do outro sacerdote; porque o Senhor Jesus Cristo sacia os presentes e ausentes que são dignos dele. Ele, embora pareça estar em muitos lugares, permanece, contudo, indivisível e não conhece qualquer tipo de detrimento, mas, em todo lugar, como lhe agrada, opera em unidade com o Senhor Deus Pai e com o Espírito Santo Paráclito pelos séculos dos séculos. Amém (cf. Ap 1,6)” (Ord 30-33). “E, desta maneira, o Senhor está sempre com seus fiéis, como ele mesmo diz: Eis que estou convosco até o fim dos tempos (cf. Mt 28,20) (Ad 1,22).

A Eucaristia transforma-se para Francisco num Sol, que o atrai de contínuo com as mais possantes energias. É esta a terrena liturgia que já experimenta e vive verdadeiramente como a eterna liturgia dos bem-aventurados. Esta é a forma de oração que Francisco propõe para os seus frades, oração que abraça todas as criaturas, que se concentra na visão de Cristo e antecipa, na espera, sob a tensão escatológica, o eterno hino de glória que a Igreja elevará no momento em que o Cristo entregará o mundo ao Pai e Deus será tudo em todas as coisas³⁶².

Francisco compreende que o amor condescendente de Deus faz-se presente continuamente em cada celebração eucarística, onde o Senhor do universo se esconde e se revela sob a humildade do pão oferecido para a nossa salvação. Conforta-nos saber e viver mais pelo Senhor, como realiza Francisco a sua vida, quando nós também, escreve Lina Boff:

nos deixamos encher de seu dinamismo que irrompe do Espírito, quando nos deixamos invadir pela sua riqueza, pela serenidade e confiança, pela sua união profunda, que Ele – o Senhor – mantém com o Pai (cf. Jo 17,21-23). Esse dinamismo cria uma tensão dialética, a de viver a vida escatológica e definitiva com Cristo, embora com os pés fincados na terra e no presente cheio de tentações e provocador do mal. Contudo o Memorial do Senhor glorioso pode e deve ser tornar fonte e raiz do ardente desejo pela vinda do Senhor, desejo que se manifesta na calorosa e repetida invocação das primeiras comunidades, quando celebravam o Memorial e O suplicavam com fé: Maranathá Vem, Senhor Jesus!³⁶³

Tal invocação ressoa incessantemente no nosso contato direto com Jesus, centralidade da vida de fé. Sentido absoluto da participação no Corpo do Senhor, que pela doação da sua vida, atraiu tudo a si (cf. Jo 12,32). Francisco

³⁶² Cf. BETTONI, E. La vocazione francescana. Terzo progetto di un documento spirituale. In: ESSER, K.; GRAU, E. (Org.) Documenti di vita francescana. Milão: EBF, 1980, p. 302-303; TAMAYO, J.J. Escatologia. In: *NDT*, p.171.

³⁶³ BOFF, Lina. Índole escatológica da Igreja peregrinante. Op. Cit., p. 17.

celebra a Eucaristia do ressuscitado com decisivo compromisso, como um sinal de fraternidade sob o impacto da tensão escatológica, expressão da maturidade, da sua experiência do amor de Deus, que se dá através do Espírito de Cristo, vivo e verdadeiro (Ad 1,9-12.21;26,3; Gv 6;1Cl 1-4;2Cl 1-4;1Ct 2-6; 2Ct4; 1Fi1,2-2,18; 2Fi24.34;Ord 12.14.16)³⁶⁴.

A adesão de Francisco à Eucaristia é ação de amor na qual si integram maravilha, adoração, oração, êxtases. Para o santo de Assis a única e verdadeira realidade do mundo se dá na experiência do contínuo vir do céu sobre a terra do Corpo e o Sangue de Cristo, num milagre perene que Deus opera na Eucaristia da Missa pelas mãos do sacerdote. E a realidade da vida mística é plasmada no encontro do Cristo com o Espírito Santo numa alma que saiba imolar a si mesma à semelhança do sacrifício de Cristo. Por isso Francisco abraça, na oração adorante, todas as criaturas, sofrendo, sacrificando-se, louvando todas as espécies do Criador³⁶⁵.

Na mística eucarística pessoal, original do santo de Assis emerge na forma mais clara a sua experiência do mistério de Cristo, de Deus e da Igreja e ao mesmo tempo a visão da sua vocação mística e da sua fraternidade minorítica original, informa um específico estilo de vida dentro da Igreja e significativa oferta de testemunho humano, como dom da paz e da reconciliação, na sociedade³⁶⁶. A vida eucarística para Francisco não é uma das tantas formas de devoção cristã, mas é a realização da obra de Deus na vida cotidiana do frade menor e de toda pessoa cristã³⁶⁷.

A Eucaristia é para Francisco o sacramento do caminho difícil e incompreendido de Jesus Cristo, um caminho de pobreza e de exclusão. Deste ponto de vista, Francisco vai bem além da ‘devoção’ à Eucaristia que a Igreja exatamente naqueles anos, pedia com particular insistência a seus filhos submissos e fiéis: porque na Eucaristia ele revê e redescobre a humanidade

³⁶⁴ Cf. FRANCESCHINI, E., L’Eucaristia negli scritti di san Francesco. *Op. Cit.* p. 38-49.

³⁶⁵ Cf. *Ibid.*, p. 48-49; LÓPEZ, Sebastián. La Eucaristia en la experiencia cristiana de Francisco y de Clara. In: *SF* 72 (1995), p. 350-355.

³⁶⁶ O dom pascal da paz e da reconciliação continua presente na história dos homens através da Eucaristia. E não só na história dos homens, como também na história do universo. Observa O. Schmucki a este propósito: “embora não o diga expressamente, o Santo deveria ter consciência de que a pacificação cósmica de Cristo não é só uma recordação do passado longínquo, mas está misteriosamente presente em cada celebração eucarística”. SCHMUCKI, O. La lettera a tutto l’Ordine. In: *IF*, 55(1980), p. 245.

³⁶⁷ Cf. IAMMARRONE, G. La spiritualità francescana. *Op. Cit.* p. 95.

pobre e submissa que Cristo assume com sua encarnação, o sinal das maneiras concretas de sua própria opção³⁶⁸.

A partir do que foi exposto, o centro da relação pessoal de Francisco com Deus é constituído pela Eucaristia. O pão cotidiano da Eucaristia é para Francisco a memória do amor do Senhor, manifestado em toda a sua vida terrestre, cujo ápice é a sua cruz.

3.3.5.

Francisco de Assis e a paixão de Jesus

A história da paixão e morte de Jesus se nos revela, em máximo grau, e a Francisco constitui uma das causas e expressões da sua mística, o ilimitado amor que Deus Pai prova pelo ser humano caído e fechado em si mesmo. “E também não foram os demônios que o crucificaram, mas tu, com eles, o crucificaste e ainda o crucificas, deleitando-te em vícios e pecados” (Ad 5,3). Francisco corresponsabiliza o ser humano no gesto de entrega que o Pai faz do próprio Filho, de maneira singular revela o caráter incondicional do amor de Deus para com cada ser humano e para com toda a humanidade³⁶⁹. Deus nos revela sua extrema misericórdia mediante o perdão reconciliador e a entrega generosa para além de toda e qualquer expectativa humana. Revelando, assim a missão de Jesus e denunciando o fechamento humano, emite o seu juízo sobre o mal³⁷⁰.

O mistério da paixão de Jesus Cristo comove o mais fundo do seu ser. Francisco vive este mistério na sua alma e deseja “andar pelo mundo chorando a paixão do Senhor” (CA 77-78; cf. 2EP 92; 3Cel 3; LTC 14)³⁷¹. São Boaventura registra a mística da paixão de Cristo revelada a Francisco:

³⁶⁸ Cf. MICCOLI, G., Francisco de Assis. *Op. cit.* p. 72.

³⁶⁹ No contexto de uma teologia da criação no horizonte escatológico afirma a teóloga Lina Boff: “A glória do Pai Criador resplandece na pessoa do Filho humilhado. O escândalo da cruz traz de volta a origem da criação, que exige do Pai sair de si mesmo para chegar à sua criatura e suplica do Filho que renegue a si mesmo, esvaziando-se no sacrifício da cruz”. BOFF, L. Da esperança à vida plena. *Op. Cit.* p. 88.

³⁷⁰ Cf. TAVARES, S.S., Trindade e Criação. *Op. Cit.*, p. 27-28.

³⁷¹ Após o encontro de Francisco com o Crucificado na capela de São Damião, o biógrafo Celano descreve esta comoção de forma notável: “A partir daquela hora, a alma dele se derreteu, assim que o amado lhe falou. Pouco depois, o amor do coração se manifestou por meio das chagas do corpo. Desde então, não consegue, por esta razão, conter o pranto, chora também em alta voz a paixão de Cristo, como que sempre colocada diante de seus olhos. Enche de gemidos os caminhos, não admite qualquer consolação, ao recordar-se das chagas de Cristo.

Na verdade como nas três aberturas do livro sempre ocorria a paixão do Senhor, o homem cheio de Deus compreendeu que, como havia seguido a Cristo nos atos da vida, assim devia ser conforme a ele nas aflições e dores da paixão, antes de passar deste mundo...a cruz de Cristo, proposta e assumida no início da conversão e daí em diante carregada continuamente em si mesmo no desenvolver da sua vida por meio de uma vida provadíssima (LM 13,2.10;14,4).

A paixão do Senhor é uma das dimensões cristológicas que mais intensamente é vivida pela mística de Francisco, diz respeito ao sofrimento e ao modo como ele procurou identificar-se com Cristo através do sofrimento. Nessa ânsia de identificação, Francisco deixa-se sacrificar pelo mistério da paixão do Senhor³⁷².

Francisco é profundamente devoto da cruz de Cristo e de sua paixão. Conta-nos Celano: “a humildade da encarnação e a caridade da paixão ocupavam sua memória de maneira toda especial e de tal forma que dificilmente queria pensar em outra coisa” (1Cel 84). Quando ferve dentro de Francisco a mais suave melodia do espírito, ele a expressa exteriormente em língua francesa. E frequentemente, todas as suas alegrias interiores, porque místicas, terminam em lágrimas: “E este júbilo se convertia em compaixão para com a paixão de Cristo” (2Cel 127, 4)³⁷³.

Esta atitude não significa que o *Poverello* de Assis ama o sofrimento enquanto sofrimento. Ao contrário, o que ele aí descobre é a expressão da bondade de Deus que oferece o Filho como testemunho de amor pelos seres humanos. Isso explica a vontade que o Santo de Assis acalenta, após a conversão e ao longo da sua vida, de ver atualizado em si os sinais sensíveis desse mesmo mistério³⁷⁴.

A alusão a uma das principais vertentes da mística de Francisco recorda-nos bem como o seu enamoramento pelo Crucificado significa um desejo de

Encontrou-se com um amigo íntimo e, tendo-lhe exposto a causa da sua dor, o amigo imediatamente é provocado a amargas lágrimas” (2 Cel 11).

³⁷² A cruz é o caminho do seguimento, isto é, o caminho da vida e do amor que triunfa na morte e da morte, que vence o medo, todo medo: o do futuro, o da precariedade, o da impotência, e nos torna perseverantes na busca das condições de existência diferentes. Cf. MONGILLO, D. Seguimento. *Op. Cit.*, p. 1047.

³⁷³ Cf. DOYLE, E. *Francisco de Assis e o Cântico da fraternidade universal*. São Paulo: Paulinas, 1985, p.38.

³⁷⁴ Vejamos como São Boaventura descreve essa paixão na Legenda Maior: “Num certo dia, apareceu-lhe o Cristo Jesus, pregado na cruz... e a memória da paixão de Cristo ficou tão profundamente impressa no íntimo do coração dele que a partir daquela hora, quando lhe vinha à mente a crucifixão de Cristo, mas podia conter-se exteriormente das lágrimas e gemidos... por meio disto o homem de Deus compreendeu que era dita para ele aquela palavra do Evangelho: “Se queres vir após mim, renega-te a ti mesmo, toma tua cruz e me segue” (Mt 16,24) LM 1,5.

atualização da própria experiência de Jesus. No entanto, não pensemos que esta aspiração se limita a uma espécie de contrição interior ou a uma mera atitude estética e contemplativa. Francisco é alguém que sabe traduzir para a vida real e concreta as consequências inerentes a esse seu desejo. São Boaventura é categórico ao afirmar que o Santo “a partir de então, revestiu-se do espírito de pobreza, do sentimento de humildade e do afeto de profunda piedade” (LM 1,6).

Diante do Crucificado, na capela de S. Damião, em Assis, Francisco contempla o crucificado enquanto reza: “Altíssimo, glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, uma esperança certa e caridade perfeita, sensibilidade e conhecimento, ó Senhor, a fim de que eu cumpra o vosso santo e veraz mandamento” (OC).

Na paixão de Cristo Francisco descobre a obediência caridosa do Filho de Deus que não fugiu diante da dor, da humilhação e do abandono dos discípulos, e a tudo abraçou pela redenção do ser humano (cf. Ad 6; 1Cel 84).

Escreve o compilador dos *Fioretti*: “Cristo respondeu e revelou que sua vontade é que vás pelo mundo a pregar, porque ele não te escolheu para ti somente, mas ainda para a salvação dos outros” (Fior 16). A partir da Palavra de Deus ouvida na igreja da Porciúncula, Francisco compreende a sua vocação e a partir do Evangelho da *missio apostolorum* recebe impulso sua mendicância pelo mundo anunciando a todos, com palavras breves, a penitência (cf. RB 9), como veremos a seguir.

3.3.6.

Francisco de Assis e a Forma itinerante de vida apostólica

O primeiro texto bíblico interpretado existencialmente por Francisco – e que tanta importância tem na sua vida e na de sua Ordem – é representado pela passagem do Evangelho sobre a *missio Apostolorum*³⁷⁵, escutado durante a

³⁷⁵ “Para muitos autores a passagem evangélica escutada por São Francisco seria Mt 10,7-13; segundo Hilarino de Milão e Stanislao da Campagnola, a passagem evangélica seria Lc 10, 1-9”: CONTI, M., Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p.131; para um estudo da vida apostólica que resplandece na vida de Francisco e nos seus Escritos: SUESS, P. Proposta missionária de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 525-543: o autor reevoca a figura de Francisco, modelo de evangelizador. Como irmão menor, como irmão universal, como cantor da bondade do Criador em toda criatura, ele é uma brilhante e permanente luz também para o evangelizador de hoje.

Missa matinal na capela restaurada da Porciúncula³⁷⁶ onde Francisco tem a revelação de sua vocação definitiva. O acontecimento tem lugar em 12 de outubro de 1208³⁷⁷.

Terminada a celebração Francisco recorre ao sacerdote para pedir-lhe explicação sobre o sentido das palavras ouvidas. Pelo que nos é dado saber, o sacerdote limita-se a explicar o sentido literal, isto é, a repetir o conteúdo da passagem evangélica proclamada. Este sentido Francisco busca realizar *ad litteram*. Os primeiros biógrafos concordam em assinalar a interpretação literal de Mt 10, 7-13 feita por Francisco³⁷⁸. Compreendido o sentido da perícopes³⁷⁹, Francisco exclama entusiasmado: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração” (1Cel 22). E, sem apresentar qualquer demora, começa a colocar fielmente em prática o que havia escutado e compreendido. Joga fora o bastão, arranca o calçado, tira a capa, ficando com uma simples túnica, trocou a cintura de couro por uma simples corda e faz para si um hábito rude, tão pobre e mal talhado que realmente não faz inveja a ninguém, descreve os biógrafos (cf. 1Cel 22; LTC 25; LM 3,1). Francisco tinha feito grandes progressos espirituais e recebido não poucas luzes desde que

³⁷⁶ “Não sabemos quantas igrejas Francisco restaurou nos dois ou três anos desde sua ruptura com o pai até o momento em que se tornou, sem querê-lo, fundador de uma ordem. Os biógrafos mencionam três, todas nos arredores de Assis: São Damião, São Pedro e a Ponciúncula (2Cel 198), perdida em pleno bosque e hoje guardada no interior da basílica de Santa Maria dos Anjos. A minúscula capela, de sete metros por quatro, tinha dois nomes: NS dos Anjos e NS da Porciúncula. O primeiro vinha da crença de que os anjos desciam por vezes à noite para ali cantar os louvores divinos; o segundo se ligava ao fato de a igreja estar construída sobre um pedaço de terreno muito reduzido. A Porciúncula pertencia à abadia beneditina do monte Subásio e iria tornar-se o berço da epopéia franciscana, “foi para Francisco o lugar que ele mais amou no mundo”, escreve Boaventura. Tudo contribuía para torná-la amável: o seu nome associava a ideia de pobreza ao nome da Mãe de Deus, o seu isolamento em meio da vasta floresta silenciosa, assim como a proximidade dos leprosários de Santa Maria Madalena e de São Salvador, ambos próximos de Assis”. ENGLEBERT, O. Vida de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 65

³⁷⁷ Ou em 24 de fevereiro de 1209, festa de São Matias. Cf. *Ibid.* p. 66

³⁷⁸ A perícopes faz parte do discurso sobre a missão que comporta Mt 10, 1-42, composto, na maior parte, de Marcos e Q, é colocado no contexto do envio dos doze discípulos com autoridade sobre espíritos impuros e com poder de curar. Jesus concede-lhes esse poder para que proclamem o Reino. Mateus relaciona a missão dos discípulos durante o ministério com o envio apostólico depois da ressurreição (cf. Mt 28,16-20), portanto as diretrizes do sermão têm uma força permanente na missão cristã conhecida pelos leitores de Mateus. Para exegese e estudo mais completo do texto: BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 270-275; URICCHIO, F. *Francisco legge Mateo*. Rilevi sull'uso di alcuni testi del primo Vangelo negli scritti del santo. In.: MF, 82 (1982), I-IV, p. 326-416.

³⁷⁹ O padre, talvez um beneditino do monte Subásio, expôs ao jovem Francisco o conteúdo do texto: que os discípulos de Cristo tinham recebido ordem de pregar por toda parte a penitência, não levando nada consigo e colocando em Deus a inteira confiança de que não lhes deixaria faltar o necessário. Cf. ENGLEBERT, O. Vida de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 67.

iniciou a vida de penitência e caridade, mas desta vez, tem a impressão de que Deus rasga os últimos véus diante dele e inundava de luz o seu caminho³⁸⁰.

Dia memorável esse em que Francisco descobre o Evangelho do envio dos apóstolos. A partir desse dia, com efeito, a doutrina mística de Francisco, não se afasta mais do Evangelho, ele mesmo não abrirá outro livro³⁸¹. Será a característica, a originalidade, a sua loucura, aquilo que o tornará conforme ao Cristo bendito, que também passou por louco; e isto lhe valerá o título de outro Cristo – *Franciscus alter Christus* (Fior 7)³⁸² – e fará com que digam dele que, depois de Cristo, foi o ‘único’ cristão perfeito³⁸³.

O Papa Pio XI, retomando uma expressão dos Fioretti, na Encíclica *Rite Expiatis*, do dia 3 de maio de 1926, afirma de São Francisco que recte alter Christus nuncupatus est (corretamente foi chamado de ‘outro Cristo’). A expressão é assim justificada por De Lubac: “Francisco quer imitar o nosso Salvador literalmente; ele é o repetidor de Cristo, é dele o espelho e imagem”. Esclarecida a sua vocação na escuta do trecho evangélico da *missio Apostolorum* (missão dos Apóstolos), Francisco quer conformar a própria vida aos textos do Evangelho (não aos dos Atos dos Apóstolos)³⁸⁴.

Este deslocamento ótico com relação à experiência de vida religiosa precedente coloca ou pelo menos aproxima Francisco no contexto dos movimentos evangélicos dos séculos XII-XIII que buscam realizar na Igreja

³⁸⁰ Cf. CONTI, M. Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 131-132: Sobre o mandato apostólico; sobre o modo de exercer o mandato e sobre os critérios hermenêuticos: 1Cel 22-23.36

³⁸¹ Francisco não se deixa impressionar pelos textos dos autores já consagrados no seu tempo: “que tenho eu a ver com S. Agostinho, S. Bernardo ou S. Bento? Exclama em pleno Capítulo, quando lhe contrapõem esses grandes nomes. “Você é pouco razoável!”! Lhe insinua . – “Então, responde Francisco, é porque Deus quer mais um louco no mundo. Saibam, em todo caso, que jamais me guiarei por outra ciência que não seja a dele”: a ciência do Evangelho”. CA 18; Cf. 2 EP 68. Quanto ao Evangelho, Francisco não selecionando nenhum texto, acolhe o Evangelho do Reino ‘como uma criança’, aceita tudo o que há nele: a pobreza, a humildade, a providência, a misericórdia e a severidade, a cruz e a alegria, tudo ‘ao pé da letra e sem glosa’ – ad litteram, sine glossa. E para tudo bem compreender, conta com o Espírito Santo que ‘nos ensina toda a verdade’; e para tudo bem observar, conta com o Cristo que nos promete sua graça. Cf. CA 18; Test., 14; 1Cel 22.

³⁸² Na atribuição *Francisco um outro Cristo*, não se trata de enaltecer a Francisco a modo de culto da personalidade, afirmando como ele era excelente na conformidade com Cristo: Trata-se de proclamar que se algo é válido em São Francisco, se ele é digno de ser seguido e imitado, é porque ele está movido pelo princípio regente de toda a vida cristã que se chama conformidade a Cristo. Por isso o slogan “*Franciscus alter Christus*”, longe de ser um título de distinção e honra para os franciscanos, deveria ser antes um contínuo alerta e tomada de consciência crítica, na qual nos é colocado a cada momento o princípio fundamental que pauta todos os atos de Francisco, o princípio básico de todo o ser da existência cristã: a conformidade a Cristo, o seguimento de Cristo. Cf. HARADA, H. Em *Comentando I Fioretti. Reflexões Franciscanas Intempestivas*. Bragança Paulista: EDUSF/Curitiba: FSB, 2003, p. 84-85.

³⁸³ Cf. ENGLEBERT, O. *Vida de São Francisco de Assis. Op. Cit.* 68.

³⁸⁴ CONTI, M. Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 42-43.

uma nova forma de vida mística, a vivida a exemplo dos Apóstolos, na radical pobreza, sem nada de próprio, mendicantes, como já vimos.

Francisco começa compreender que Deus não o chama para restaurar igrejas de pedra, e sim para colaborar na restauração da Igreja, por isso, começa, sem demora a pregar a penitência, extremamente sensível é o relato do biógrafo:

Com grande fervor de espírito e alegria da alma, começou a pregar a todos a penitência, edificando os ouvintes com palavras simples, mas com o coração nobre. A palavra dele era como fogo ardente que penetrava o mais íntimo do coração e enchia as mentes de todos de admiração... E é certamente admirável, porque começou a pregar onde no início, quando era criança, aprendera a ler; e nesse lugar também foi primeiramente sepultado, de modo que o feliz início era exaltado por uma mais feliz consumação. Onde aprendeu, aí também ensinou, e onde começou, aí terminou de maneira feliz (1Cel 23)³⁸⁵.

Às pessoas que encontra, dirige a saudação: “Que o Senhor vos dê a paz!” (Nm 6,24-26)³⁸⁶, muitos daqueles a quem são dirigidas, fazem a paz com seus inimigos e com sua própria consciência (cf. 1Cel 23; LTC 26; LM 3,2). Sobre a “*missio apostolorum*” dos frades, quando Francisco e seus primeiros irmãos começam a anunciar o Evangelho nas cidades e nas aldeias, logo se evidencia que sua pregação não tem muita coisa a ver com o gênero de eloquência sagrada em voga entre os clérigos eruditos³⁸⁷. Aquele que fala melhor apresenta em algumas palavras claras e evocadoras o conteúdo da mensagem “apelo à conversão e à paz, perdão e alegria, fraternidade entre as pessoas em nome do Senhor Jesus”³⁸⁸.

³⁸⁵ A igreja de São Jorge: Entendem alguns, que Francisco quis experimentar logo a pregar em público e que foi na igreja de São Jorge que pronunciou seu primeiro sermão. Foi na escola anexa a essa igreja que Francisco fez seus estudos, e nessa igreja é que foi sepultado (1226), ali permanecendo até ser trasladado à basílica que leva o seu nome (1230). Cf. 1 Cel 23a. 118. 121-126; LM 3,2. 12,7. 15,5-7; LTC 25.71. Sobre a igreja de São Jorge, hoje basílica de Santa Clara: URIBE, F. Pelos caminhos de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 82-87.

³⁸⁶ A fórmula da Bênção foi uma revelação feita por Deus a Moisés para que este a levasse a Aarão e seus filhos, e que eles abençoassem os filhos de Israel, como plenitude de felicidade e prosperidade. O texto da bênção foi utilizado por Francisco no bilhete a frei Leão, na segunda metade de setembro de 1224.

³⁸⁷ Desde 1212-1213, Francisco e os seus frades passaram da pregação da penitência à evangelização dos pagãos, e começaram, alguns anos depois dos dominicanos, a entregar-se ao ministério da pregação, entendido no sentido mais largo da palavra, isto é: expunham o dogma aos católicos e aos hereges. Logo após começaram a administrar o sacramento da Penitência. Cf. FELDER, H. Os ideais de São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 371.

³⁸⁸ VAUCHEZ, A. A espiritualidade na Idade Média ocidental. *Op. Cit.*, p. 131. Ainda acrescenta o autor: “Depois disso, todos começavam a cantar os louvores de Deus, deixando que Francisco concluísse, como ele queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos os jograis (saltimbancos) do Senhor e a verdadeira recompensa que desejamos é ver que levais uma vida verdadeiramente penitente” (CA 83, 27).

A itinerância de vida é uma das características mais singulares da mística franciscana e constitui uma novidade assimilável que Francisco introduz no seu projeto de retomar aquela que é a experiência de Jesus e conformar-se ao mandato que o Senhor deixou à sua Igreja: anunciar a Boa-Nova³⁸⁹.

Embora não parta deste princípio, já que o objetivo primeiro de Francisco não é iniciar um movimento missionário, nem mesmo uma fraternidade, a verdade, mostra-nos que esta forma de vida é apostólica³⁹⁰ é, simultaneamente um projeto de vida, idêntico ao do Senhor Jesus e uma forma de testemunho e de anúncio do Evangelho. Para Francisco o Evangelho é uma forma de vida e não um conjunto de doutrinas. E esta forma de vida tem sua expressão máxima na mendicância³⁹¹, através da qual seguia de perto o exemplo do Senhor Jesus e da sua comunidade, tal como ele aduz na RNB 9,5 (cf., Test. 14)³⁹².

Francisco, na RNB 16, quando Francisco expressa seu ideal ‘missionário’, fala das missões entre os infiéis, ao insinuar que os triunfos da fé e o sucesso da pregação devem ser equacionados com a lógica da pequenez e da cruz, Francisco dá as coordenadas para a ida e o trabalho missionários. Por eles se fica conhecendo como o santo se distancia dos ideais das cruzadas e dos triunfos pastorais da Igreja. Com isso veladamente se repropõe, em toda sua pureza originária, a experiência do Evangelho. Como pregadores e portadores da paz “não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus e confessem que são cristãos”(RNB 16, 6). Para o

³⁸⁹ Francisco “inicia uma vida eremítica na mesma ermida de São Damião que reconstrói como símbolo da reconstrução eclesial. Em seguida se lança a uma pregação evangélica” CODINA, V.; ZEVALLOS, N. *Vida Religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 42.

³⁹⁰ “A vida segundo o Evangelho é o novo ideal dos adultos na Alta Idade Média. Este ideal é o critério incondicional pelo qual se vai saber se uma vida cristã é autêntica ou não. Todos se prendem à forma de vida segundo o Evangelho, que também era chamada de *vita apostolica*. Portadores desse ideal eram, especialmente, os pregadores itinerantes, em grande parte leigos que viviam em extrema pobreza, pois queriam levar uma vida segundo a pobreza evangélica nos ideais dos apostolado missionário dos primeiros Apóstolos e do próprio Jesus Cristo”. BOFF, L. São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 84.

³⁹¹ “Os mendicantes inauguram um novo ciclo de VR. Não é uma simples reforma da vida monástica, mas uma autêntica inovação. Diversas Ordens são agrupadas sob o nome de mendicantes: carmelitas, eremitãos de Santo Agostinho, servitas, franciscanos, dominicanos” *Ibid.* p. 41.

³⁹² Cf. LOURENÇO, J.D. Francisco e a Palavra de Deus. *Op. Cit.* p. 257. Acrescenta o autor: “Para além da forma itinerante, Francisco quis igualmente reforçar a atitude de simplicidade e de acolhimento que deve caracterizar essa presença evangelizadora dos Irmãos Menores. Podemos afirmar que Francisco prolonga nestes gestos não só o exemplo do Mestre pelas terras da Palestina, mas também rasga aqui novos horizontes à evangelização que hoje, mais que nunca, se mostram imprescindíveis a toda a missão pastoral e de testemunho do Evangelho”. *Ibid.* p. 258.

santo a pregação deve entrar apenas quando os missionários perceberem que é agradável a Deus pregar. Daí em diante, e só então, podem entregar-se à tarefa da conversão. O critério último continua sendo apenas Deus³⁹³.

Notamos ainda que Francisco, ao fundamentar a dimensão ‘pastoral’ da sua forma de vida em Mt 10,7-13, não guarda daí aquilo que poderíamos chamar de conteúdos, mas, fundamentalmente, a forma tal como o determina na Regra Bulada:

Aconselho, todavia, admoesto e exorto a meus irmãos no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras (cf. 2Tm 2,14), nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém. Em qualquer casa em que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa (cf. Lc 10,5). E, segundo o santo Evangelho, seja-lhes permitido comer de todos os alimentos que forem colocados diante deles (RB 3,11.14-15).

As zombarias já tinham cessado. A fama do pobre de Cristo e do cantor de Deus se difunda. O povo escuta com gosto aquele profeta otimista que anuncia aos pecadores a redenção e aos corações tristes, o segredo para reencontrar a alegria. Limita-se a anunciar o Evangelho vivido na radicalidade, com tanta humildade e convicção que lhe restituía toda eficácia e vigor originais. O discípulo faz lembrar o Mestre, e a virtude do pregador confere credibilidade à mensagem³⁹⁴.

A vida apostólica que Francisco vive é radical seguimento de Jesus³⁹⁵ nascido do íntimo da conversão do seu coração (cf. 1Cel 22), se apresenta como uma escolha completamente diferente da opção feita pelos inimigos de Jesus, escolha que brota da radicalidade da própria vida. Ocupar-se dos outros é a plena realização de si mesmo, a ponto de valer a pena morrer por este ideal. Agindo assim apresenta aos que o querem seguir a possibilidade de darem um sentido absoluto à própria vida, Alfonso Pompei confirma esta reflexão:

Esses assim serão vistos pelos homens como o revelar-se histórico, no mundo e para o mundo, daquele que sendo o Amor por essência, é o sentido absoluto, a direção absoluta rumo à qual caminhamos se vivemos do puro amor: o Verbo eterno de Deus feito verdadeiramente homem³⁹⁶.

³⁹³ Cf. BERNARDI, O. *O encanto da vida*. Elementos de Espiritualidade franciscana. Bragança Paulista: IFAN, 2005, p.99.

³⁹⁴ Cf. ENGLEBERT, O. *Vida de São Francisco de Assis*. *Op. Cit.* p. 67-68.

³⁹⁵ Cf. Nos Evangelhos Sinóticos: Mt 10, 7-10; Mc 6,8-9; Lc 9,1-6

³⁹⁶ POMPEI, A. *Jesus Cristo*, In: *DF*, p. 362.

Desvela-se assim a vocação de todos os que se fazem ouvir o apelo evangélico à vida de conversão³⁹⁷, vivência da penitência pelo Reino apresentado por Francisco na sua vida de pregação³⁹⁸.

A vida apostólica assumida por Francisco está no contexto do mandato apostólico aos discípulos. Vejamos a comparação apresentada por Martinho Conti quanto ao mandato apostólico evangélico e a RB. Compreendamos comparativamente: sobre o discurso missionário: sobre “os Pregadores” (RB 9); “Os que vão para o meio dos sarracenos e outros infiéis” (RB 12): “A caminho, proclamai que o Reinado dos céus se aproximou” (Mt 10,7) => Francisco “com grande fervor de espírito e alegria da alma, começou a pregar a penitência” (1Cel 23); “Percorria cidades e aldeias, anunciando o Reino de Deus” (1Cel 36). Sobre o modo de exercer este mandato missionário: “Que os irmãos não recebam dinheiro” (RB 4); Sobre “o modo de trabalhar”(RB 5); “Que os irmãos não se apropriem de nada; o modo de pedir esmola” (RB 6); “Os que querem assumir esta vida e como devem ser recebidos” (RB 2); e sobre “O ofício divino e o jejum e como devem os irmãos ir pelo mundo” (RB 3): “Não providencieis ouro, nem prata, nem dinheiro para guardar em vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão”(Mt 10,9-10) => Francisco “começa devotamente a colocar em prática o que ouviu. Desata imediatamente os calçados dos pés, depõe o bastão das mãos e, contente com uma só túnica, trocou a correia por um cordão” (1Cel 22).

Sobre os critérios hermenêuticos do anúncio da paz: “Em qualquer casa que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa” (RB 3)³⁹⁹; : “Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, informai-os (...). Ao entrardes na casa, saudai-a, se esta casa for digna, desça a vossa paz sobre ela” (Mt 10,11-12) => Francisco “Em toda pregação sua, antes de propor a palavra de Deus aos que estavam reunidos, invocava a paz” (1Cel 23) e “Percorria cidades e aldeias, anunciando o reino de Deus, pregando a paz, ensinando a salvação e a

³⁹⁷ A conversão aparece interiorizada e consiste, antes de tudo, em mudança na maneira de avaliar as coisas (metanóia) e, se é verdadeira, comporta a adoção de um novo comportamento (bons frutos). Cf. PAZZELI, R. Penitência, In.: *DF*, p. 551.

³⁹⁸ Cf. *Ibid*, p. 551-559.

³⁹⁹ Cf. No seu Testamento 23 (1226), Francisco recorda esta saudação associada à vida apostólica: “Como saudação, o Senhor me revelou que disséssemos: o Senhor te dê a paz” (cf. 2Ts 3,16).

penitência para a remissão dos pecados” (1Cel 36). Francisco atualiza com observância literal o modo de vida querido por Jesus aos seus discípulos, assumindo o conteúdo da missão apostólica como modo de vida próprio, como sua regra de perfeição (cf. LM 3,1,)⁴⁰⁰.

Sobre a desapropriação dos bens para o seguimento de Jesus na vida apostólica, o texto bíblico interpretado existencialmente *ad litteram* por Francisco: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me!” (Mt 19,21) (cf. 1Cel 24; 2Cel 15; LTC 28-29; AP 10-11)⁴⁰¹, é a condição que o Evangelho apresenta (cf. Mt 19,21; Mc 10,21; Lc 18,22), Francisco quer que seja atualizada *ad litteram* por todos aqueles que pedem para ser admitidos à sua Fraternidade⁴⁰².

A desapropriação dos bens torna-se “caminho e regra” (2Cel 80; LM 7,3) para todos os irmãos menores. Quem não estivesse disposto a renunciar aos próprios bens em favor dos pobres para seguir a Cristo, como exigido pelo Evangelho, não é considerado idôneo à Vida Fraterna franciscana, justamente como não apto para seguir a Cristo se demonstrara o jovem rico do Evangelho (cf. Mt 19, 16-22)⁴⁰³.

Da audição do Evangelho (cf. 1Cel 22), para, Francisco, a comportar-se radicalmente em Cristo: simples na pregação para seus irmãos, tanto na força da palavra, como na constância do exemplo. Anuncia às pessoas como às aves, ou às floresce a toda criatura (cf. 1Cel 58; 81; 3 Cel 20).. O conteúdo dessas pregações manifesta sempre a mesma preocupação, quer dizer, a necessidade

⁴⁰⁰ Cf. CONTI, M. Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 132. Id., *La missione degli Apostoli nella Regola Francescana*. Genova/ S. Maria Degli Angeli (Assisi): Tipografia Porziuncola, 1972, p. 58-59.

⁴⁰¹ A conversão de Bernardo de Quintavalle, comenta Celano, fica como exemplo, um paradigma para todos aqueles que haveriam de converter-se, tanto no que diz respeito à venda dos bens quanto à sua distribuição aos pobres, cf. 1 Cel 24.

⁴⁰² Esta condição o mesmo Francisco já havia atualizado diante do bispo Guido de Assis: 1Cel 14; 2Cel 12; LM 2,4; Jul 9; LTC 19; AP 8.

⁴⁰³ Cf. CONTI, M. Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 135-136. A mística evangélica vivida e pregada por Francisco está intimamente construída sobre o desapropriar-se de todos os bens, como ensina, refletindo Isidoro Mazzarolo, sobre o texto bíblico aqui citado: “Jesus é explícito: riquezas e Reino dos céus não se casam (Is 1,10-20). Jesus não aceita a espiritualização ou a teorização da fé: o único caminho para a vida eterna (Mt 19,16) é o seguimento ao Evangelho, do jeito que ele fez com a vontade do Pai. E esse homem, apesar do Decálogo, não conseguirá alcançar a vida eterna, porque a lógica de Deus é diferente da ganância dos homens, e muitos, como este, não conseguem viver e deixar viver, amar e abrir no deserto caminhos para o amor. Agarrados aos seus bens eles se entristecem sempre que alguém lhes propõe a partilha, a inclusão dos pobres, a gratuidade com quem tem menos. E com tantos bens não dá para seguir as pegadas de Jesus”. Evangelho de São Mateus. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005, p. 286.

de louvar, bendizer e agradecer a Deus-Criador pelos imensos benefícios realizados em cada criatura⁴⁰⁴.

A forma itinerante de vida apostólica é causa e expressão da fraternidade cósmica, enquanto está aberta para fora. Quando vão pelo mundo, os irmãos devem comportar-se evangelicamente, vivendo pobremente, comendo o que colocarem diante deles, renunciando a qualquer forma de violência, dando a quem lhes pede. A própria missão entre os sarracenos e outros infiéis não tem o sentido de expandir o sistema eclesiástico, mas de viver o Evangelho universal da fraternidade (cf. RNB 16). Esta fraternidade não seria aberta se não abrisse também para baixo, numa verdadeira democracia cósmica com todas as criaturas, não um relacionamento de posse, mas de convivência e de fraternidade⁴⁰⁵. Mística evangélica em atitude de respeito e devoção para com todos os elementos da criação. A desapropriação, a vida apostólica vivida na exemplar pobreza, desemboca numa imensa liberdade e num gozo desinteressado de todas as coisas⁴⁰⁶.

E, desde o momento em que a mística tem seu centro no amor, nem a pregação do Evangelho, nem a dedicação às tarefas servis ou a qualquer outro tipo de trabalho hão de supor uma alienação ou um perigo para a sua vida e da sua fraternidade. Portanto, o sentido da missão para Francisco não é, em primeiro lugar, para converter os infiéis e expandir o sistema cristão. É para viver o Evangelho da fraternidade universal, como irmão menor entre os irmãos e irmãs.

3.4.

O nascimento de uma mística sob a lógica da fraternidade

Francisco não quer ser um monge, uma vez que vai ao meio dos homens e mulheres e, se a Cúria não lhe tivesse feito uma imposição, teria evitado que

⁴⁰⁴ Cf. BERNARDI, O. O encanto da vida. Op.Cit. p. 79. Celano conseguiu, de modo maravilhoso, expressar a esse respeito os sentimentos que povoavam a alma do santo, quando escrevia que nas criaturas via a bondade de Deus; por elas cantava o Criador; em todas se alegrava e exultava porque saídas das mãos do Criador; através delas realizava o encontro com o Senhor, nas reconhecia e contemplava a suma Beleza, particularmente porque de todas as criaturas ouvia proclamar: “Quem nos fez (cf. Sl 99,3) é o Melhor” (2Cel 165).

⁴⁰⁵ BERNARD, C.A., *Théologie Affective*. Op. Cit. p. 69: “Não é exagero definir o espírito franciscano como uma fusão cosmos-vital com a natureza. Quando Francisco chama irmãos e irmãs, o sol, as estrelas, a lua, o ar, o vento, a água, São Francisco indica uma unidade original: Deus Criador”.

⁴⁰⁶ Cf. BOFF, L., *E a Igreja se fez povo*. Op. Cit. p. 158-159.

seus discípulos formassem uma Ordem. Seu ideal de uniformidade, de igualdade, por um lado, e de amor, por outro, leva-o à adoção do termo irmão (frade) para ele próprio e seus companheiros – aquilo que virá a ser sua ordem foi concebido por ele como uma *fraternitas*. A fraternidade se opõe à *congregatio* e *consortium*, palavras equivalentes a *universitas* que, no século XIII, evoluem de um sentido em que é forte a conotação do aspecto institucional da coletividade para um outro em que se insiste na ligação interna, função e interesses comuns, entre seus membros.

Fraternidade é um modo de definir a futura Ordem como uma família, concepção cara a Francisco, e que também se pode exprimir através de outras relações familiares, como por exemplo, e principalmente, as relações mãe-filho, expressas na Regra para os eremitérios, na qual também são apresentadas essas relações sob a forma de um modelo de fraternidade no feminino, pela referência a Marta e Maria (cf. RE 1-10)⁴⁰⁷.

Francisco, com o seu Cântico fará uma proposta, para conquista da fraternidade que inaugura o Reino de Deus, a utopia que encontra seu lugar na alegria da convivência pacífica, sinal visível desta antecipação que inquieta o coração dos filhos e filhas do Deus do Reino.

Francisco dá início a uma fraternidade utópica, radicada na radical igualdade de todos: “igualmente, nenhum irmão exerça qualquer poder ou domínio, mormente entre si. Pois, como diz o Senhor no Evangelho: os príncipes das nações as dominam, e os que são os maiores exercem poder sobre elas (cf. Mt 20,25); não será assim entre os irmãos” (RNB 5; cf. 22). É uma fraternidade aberta a andar pelo mundo, em opções de irmãos evangelicamente, pobres. O sair do mundo (*exire de saeculo*), como se depreende, implica entrar mais profundamente num mundo novo.

A fraternidade iniciada por Francisco não seria totalmente aberta e libertada se não se abrir para baixo, numa verdadeira democracia cósmica com todas as criaturas. Para ser verdadeiramente irmão importa viver fraternalmente com todas as criaturas cercando de respeito e devoção, ternura e compaixão. A relação primeira para com a criação não é de posse e de pertença, mas de convivência e convivialidade⁴⁰⁸.

⁴⁰⁷ Cf. LE GOFF, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 214-216.

⁴⁰⁸ Cf. BOFF, L. São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.*, p. 114-116.

A salvação concebida por Francisco não é egoísta, é altruísta. É sob este ângulo que ele concebe a fraternidade como meio indispensável para que o ser humano se salve, juntamente com a pessoa do outro e com toda a criação. Portanto, esta fraternidade composta de irmãos e irmãs criados à imagem do Criador, é uma comunidade mediadora de salvação. Vale dizer, que ele não a concebe em função de si mesmo ou somente de um viver em dimensões antropológicas. Viver segundo o Evangelho, é antes de tudo, o desejo de seguir Jesus Cristo, juntamente com os outros irmãos e irmãs à semelhança de Deus, no estilo evangélico do dom (cf. RB 6,3-4)⁴⁰⁹.

3.4.1.

A fraternidade sob a lógica da mística: primeiro agente de evangelização

O conceito de fraternidade se dilata e se caracteriza franciscanamente na medida em que abrange todo o criado. Assim entendido tem um significado muito mais profundo do que o de solidariedade, por mais nobre e pedagogicamente válido que este possa ser⁴¹⁰. Pode-se falar de fraternidade com relação a cada indivíduo sejam eles irracionais (coisas e animais) ou racionais (pessoas). Pode-se falar de experiência no interior de uma comunidade religiosa como também entre diversas comunidades (eclesial, civil). Em todos esses exemplos, trata-se sempre de aspectos complementares do mesmo fundamental conceito de fraternidade entendida como “experiência vivida”⁴¹¹.

A experiência fraterna franciscana, o quanto ela é o lugar próprio da vivência da mística, pode ser qualificada como uma mensagem de testemunho, oferecida ao mundo, do amor universal e aberto de Deus e da fraternidade universal de todas as criaturas⁴¹².

⁴⁰⁹ Cf. NASCIMENTO, J.R. *O Cântico das criaturas de São Francisco: Suas éticas para uma ética da ecologia*. Roma: Academia Alfonsiana, 1993, p. 124.

⁴¹⁰ Sobre o tema da solidariedade na vida de Jesus Cristo, segundo Francisco, a Tese de Doutorado de: CROCOLI, A., “Dado e nascido por nós à beira do caminho” (OFP 17,7). *Op. Cit.* p.109-260.

⁴¹¹ Cf. ZAVALLONI, R. A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p.43

⁴¹² Para Andrea Boni os conteúdos e valores desta mensagem se fundam essencialmente na experiência de vida evangélica, realizada por Francisco e seus companheiros. Cf. *Fraternidade/Irmãos*. In.: *DF*, p. 270. Ainda recorda ainda: “o conceito de fraternidade implica

Irmão de todas as coisas criadas, Francisco se torna testemunha da fraternidade de todos os filhos e filhas de Deus. O dinamismo e os componentes estruturais e espirituais desta fraternidade se qualificam em virtude do objetivo a que esta se propõe e da função confiada aos que têm o encargo de guardar o bem comum de todos os irmãos.

Em uma carta a um ministro que se queixa da má vontade e da mediocridade dos irmãos que o cercam, Francisco escreve estas frases surpreendentes:

Tudo debes ter como graça, até mesmo se te açoitarem. E ama aqueles que te fazem estas coisas. E ama-os em tudo isto; e não queiras que sejam cristãos melhores. Não haja no mundo irmão que pecar, que, após ter visto teus olhos, nunca se afaste sem a tua misericórdia (Mn 3-10)⁴¹³.

A preocupação de Francisco de fazer com que todas as funções hierárquicas sejam eletivas e provisórias, deixa evidente a sua vontade de inaugurar uma relação fraterna mística, portanto religiosa, de um tipo novo, repousando não sobre relações verticais de autoridade, mas sobre a partilha justa das tarefas e sobre a correção fraterna. Esta experiência se traduzirá no seu Cântico quando todos os elementos são convocados à fraternidade universal, incluindo as relações fraternas na justiça que gera a paz e na definitiva e fraterna relação com o fim último de todo ser humano no encontro com sua realidade mais íntima, no momento decisivo e escatológico, seja a recepção da graça de Deus, na passagem para a vida eterna, na experiência fraterna com a “irmã morte”.

3.4.2.

Dinamismo e estrutura da fraternidade mística

A primeira experiência humana e fraterna de Francisco, antes mesmo que fosse constituída a sua fraternidade e o estilo pobre, é inaugurada a partir da descoberta do outro e com o qual ele se identifica porque semelhante e irmão usando da mesma misericórdia que o Senhor o tratara quando conduz sua vida

um acolhimento recíproco, como dom, pelo qual se participa na vida fraterna, como verdadeiros irmãos” Id., Componenti essenziali della fraternità. *Op. Cit.* p. 157.

⁴¹³ Para aprofundar esta questão: Cf. VAUCHEZ, A. A espiritualidade na Idade Média Ocidental. *Op. Cit.* p. 129.

à realidade da fraternidade evangélica⁴¹⁴. A sua experiência de fraternidade se dá preeminente através da descoberta da dimensão de proximidade para com o outro, e do outro, esta descoberta conduzida pelo Senhor. O que lhe suscita a atitude do ser conduzido pelo Senhor é a revelação de que o outro lhe representa a imagem de Cristo irmão, permitindo encontrar-se consigo mesmo, com a sua criaturalidade e identificando-se com outros irmãos e irmãs. Viver na fraternidade, para Francisco se constitui em uma vocação divina que lhe é revelada pela misericórdia de Deus Criador do ser humano⁴¹⁵ e de toda a criação: “E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles” (Test. 2)⁴¹⁶.

A fraternidade iniciada pelo mestre de Assis se qualifica como uma fraternidade apostólica-itinerante em virtude da vocação-missão de Francisco, enviado pelo Crucifixo de São Damião para restaurar a sua casa que esta em ruína (cf. 2 Cel 10). A Igreja, que recebe e autentica todo dom da graça que seu Senhor lhe concede, confiou à fraternidade franciscana a missão de pregar a conversão ao Evangelho com a palavra e com o exemplo de vida: deu-lhe a tarefa de pregar a penitência⁴¹⁷.

A fraternidade franciscana tem como objetivo, antes de tudo, permitir aos frades que, ajudando-se mutuamente, realizem sua personalidade espiritual,

⁴¹⁴ É a partir da radical experiência com as pessoas dos pobres, doentes e leprosos. A experiência destes últimos constitui para Francisco o pressuposto existencial para que pudesse acontecer (constituir) o encontro místico e de fé com o crucifixo de São Damião e iniciasse a nova vida, de fraternidade, sua experiência e seu estilo de vida cristã. Sem a experiência de encontro com as pessoas dos leprosos, Francisco jamais teria vivenciado a radical experiência com a cruz e seu mandato, envio. A experiência com os leprosos antecipa e se torna pressuposto que permite ao seu ser se abrir ao encontro místico com o Crucificado e confirmação a Francisco que a vida é tornar-se irmão de misericórdia. Podemos concluir que a experiência humana de Francisco com as pessoas leprosas em Assis e Gúbbio, humaniza sua vida de fé, e a experiência com o Crucificado de São Damião, encontro místico e pessoal com Deus, ‘humaniza’ o rosto de Deus na sua relação com o mistério de Deus na sua vida. Cf. MARANESI, P. L’*intuizione e l’istituzione. Il travaglio dell’identità di Francesco e dei suoi frati nei testi giuridici*. In.: *MF* 108(2008) P.177-178.

⁴¹⁵ Na base da tradição judaico-cristã está o reconhecimento de que o ser humano é criado por Deus. A teologia cristã destaca a originalidade dessa afirmação fundamental ao perceber com clareza que somente a fé nos faz confessar, sem hesitação, que Deus é o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Cf. CATÃO, F. *Espiritualidade cristã. Op. Cit.* p. 17. Ainda: “as criaturas são fruto da livre deliberação divina, de sua Sabedoria e de seu Amor” p. 18.

⁴¹⁶ Cf. NASCIMENTO, J. R. O contributo franciscano para uma ética da ecologia. In: *CF* 11 (1997), p. 18-19.

⁴¹⁷ Tomás de Celano 33: “Exortando-os e admoestando-os a respeito de muitas coisas, o Papa Inocêncio III, abençoou a S. Francisco e aos irmãos e disse-lhes: “Irmãos, ide com o Senhor e pregai a todos a penitência, como o Senhor se dignar inspirar-vos. E quando o Senhor onipotente vos multiplicar em número e graça, relatar-me-eis com alegria, e eu vos concederei mais coisas”. Cf. 2Cel 17;LTC 49;51;AP 35-36; LM 3,10

oferecendo ao mundo um serviço de salvação através do anúncio do Evangelho, anúncio da paz. A fraternidade franciscana só pode ser entendida em sua natureza e sua finalidade no esforço de colocar-se a serviço da “história da salvação”: os valores sócio-culturais que ela exprime devem necessariamente ser colocados sob esta luz⁴¹⁸.

Tendo em mente os dados a respeito da fraternidade humana e cristã perguntamo-nos se caberia a reflexão a respeito da fraternidade franciscana, como um valor específico com relação à fraternidade humana e cristã. Uma tal análise não somente é possível, mas necessária, ainda que não se tratem de conteúdos novos de forma absoluta⁴¹⁹.

A fraternidade franciscana trata-se de um testemunho oferecido à Igreja e ao mundo. Este testemunho constitui o espaço natural da vida fraterna franciscana que assume os mesmos conteúdos tendo em vista o que Francisco fez e disse ao “medir-se” com Cristo e com o seu Evangelho. A fraternidade franciscana se traduz essencialmente pelo testemunho oferecido ao mundo da paternidade universal de Deus e da fraternidade universal da pessoa humana⁴²⁰ dos seres humanos com todas as criaturas.

Chamado por Deus para a restauração de sua Igreja, Francisco se deixa impregnar da responsabilidade de construir o Reino com todas as potencialidades da mente e do coração. Francisco se faz fraternidade para restituir a cada criatura o amor da paternidade de Deus e a alegria de dos irmãos e irmãs. Através da “transparência” de sua conformidade com a vida de Cristo, a experiência evangélica de Francisco aparece como “regra de vida” e como proposta de segura observância evangélica⁴²¹.

Francisco quer que seus irmãos sejam “frades menores”, ou seja, os irmãos que sejam menores entre os pequenos da grande família de Deus-Pai. Os frades menores são irmãos entre si antes de tudo porque são filhos do Pai que está nos céus (Mt 23,8) e irmãos de Cristo. Ninguém deve ser chamado de

⁴¹⁸ Cf. BONI, A. Fraternidade, irmão. *Op. Cit.* p. 276.

⁴¹⁹ A estrutura da fraternidade iniciada por Francisco não se organiza em base do direito da Igreja, ao contrário, seu único fundamento é o Evangelho, a relação fraterna entre Jesus e seus discípulos é exemplar e, posteriormente a estrutura da comunidade apostólica, o que muito contradiz a Igreja contemporânea (LM 6,5). Cf. BÓRMIDA, J. Datos históricos para una Eclesiologia Franciscana. *Op. Cit.* p. 162

⁴²⁰ Cf. BONI, A. Fraternidade, irmão. In.: *DF*, p. 270-271.

⁴²¹ Na verdade, como testemunha o bispo Jacques de Vitry (Tm. Vitry c. A Ordem e pregação dos Frades Menores - História Orientalis), não se trata de uma nova regra de vida, mas sem dúvida de uma regra de vida renovada, porque fundada no Evangelho.

“pai” porque o pai de todos é Deus (Mt 23,9). Francisco quer ser designado pelos seus, simplesmente, como seu “servo” (ministro) e quer que sejam considerados servos todos entre seus irmãos que tiverem encarregados de responsabilidade⁴²².

O amor e as relações fraternas do Filho de Deus estão na base da fraternidade universal de todas as coisas: a fraternidade com todas as criaturas, através de um canto de louvor e de amor a Deus, santíssimo e onipotente, está apoiada na visão cristocêntrica desenvolvida por Francisco. Com o santo de Assis todas as criaturas encerram “significação” da paternidade divina, mas a atenção de Francisco privilegia aquele que é a imagem e semelhança perfeita de Deus: o Cristo⁴²³. Autor da fraternidade, o irmão e salvador de toda criatura.

Com Francisco a elevação da fraternidade à forma essencial da relação entre os que se associam à sua forma de vida e entre os seres humanos comporta originalmente a aplicação às relações sociais da revolução evangélica que devem transformar o mundo, de *régio dissimilitudinis*, esse reino das desigualdades que constitui o mundo dominado pelo pecado, no mundo da igualdade dentro das diferenças que é o mundo de irmãos e irmãs.

3.4.3.

A fraternidade franciscana: expressão de amor às criaturas

A fraternidade é a expressão franciscana para a relação entre todos os membros da família de Deus, as criaturas: expressão desse amor: “Desde que o Senhor me deu irmãos...”, escreve Francisco no seu Testamento, neste momento da sua vida ‘irmãos’ e ‘irmãs’, para ele é a compreensão de todo o criado, e como amor é a substância da relação de Deus com as criaturas e a da resposta dos seres humanos a Deus, também o amor regerá as relações entre os filhos e filhas do Pai comum⁴²⁴.

⁴²² Os frades menores devem considerar-se os irmãos menores da grande família de Deus-Pai, “submetendo-se” a todos e a toda criatura por amor do Pai, para lançar os sólidos fundamentos da verdadeira humildade na construção a caridade, tornando-se pedras vivas do templo do Espírito Santo. Cf. 1 Cel 38.

⁴²³ Cf. BONI, A. Fraternidade, irmão. *Op. Cit.* p. 272. São Boaventura afirma que não deve causar admiração que a caridade de Cristo tivesse tornado Francisco ainda mais irmão dos que trazem em si a imagem do Criador e foram redimidos pelo sangue do Redentor, porque a piedade do coração o tinha tornado irmão de todas as criaturas (cf. LM 9,4).

⁴²⁴ Cf. VELASCO, J. M. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e de oração. *Op. Cit.* p. 65.

Francisco emprega palavras cheias de amor e de emoção para se referir à qualidade do relacionamento entre os irmãos mais próximos e a todos os seres humanos. No seu Testamento de Sena, expressa o essencial de sua mensagem, sua última vontade: “Sempre se amem uns aos outros” (TestS 3).

Aos poucos, atraídos pela coerência de sua vida e pelo fascínio de seu carisma pessoal, pelo brilho do testemunho do próprio estilo de vida, ou seja, pela força da convicção religiosa e da novidade da sua experiência mística, o número dos que desejam seguir o estilo de vida de Francisco cresce e se diversifica. Desde o início, Francisco a todos acolheu como dádiva do Senhor. A fraternidade – uma decorrência do encontro entre Francisco e o dom do Senhor manifestado nos que o procuram - constitui-se aos poucos, espontaneamente. Alguns são homens sem currículo escolar, sem cultura literária; outros, no entanto, são pessoas que provem de contextos culturais mais elaborados; alguns são padres, portanto, com uma razoável iniciação cultural⁴²⁵.

Francisco realiza a mística da fraternidade com os companheiros que, atraídos pela motivação de seu estilo místico de vida pobre, a ele se juntam, constituindo uma fraternidade que lembra o estilo de relações que a nova sociedade provinda das comunas idealiza. Não são mais relações de maiores com menores, de vassalos com suseranos, mas sim, de caráter igualitário, liberdade e aspirações⁴²⁶.

É precisamente num contexto de pobreza que Francisco compreende a fraternidade que se inaugura à sua volta. A pobreza de cada um implica para o outro em desafio num sentido de cuidar do outro, criando ao redor dele uma atmosfera de ternura e segurança. Por isso na RB, pede que os irmãos se

⁴²⁵ Cf. PIVA, E.D., Os franciscanos e a ciência. A Escola Franciscana. In. MOREIRA, A. da S., (org.). *Herança Franciscana*. Festschrift para Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1996, p.102-102.

⁴²⁶ Cf. PIVA, E.D. Francisco de Assis., uma nova linguagem. In: et al. *A tradição Monástica e o Franciscanismo*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais UFRJ, 2002, p. 217. Com efeito, as novas associações, recebendo, por vezes, a designação de confraria, fraternidade, comunidade, *communio*, *universitas*, apontam para esta utopia nas relações. “Pode-se dizer que, com o advento das comunas, a idéia de fraternidade paira no ar. A palavra ‘fraternitas’ e a realidade que exprime conhecem então um grande sucesso. As novas formações sociais têm designações como estas: confraria, fraternidade ou comunidade. Por detrás dessas designações, há uma aspiração fundamental que vem à luz e que busca concretizar no tecido social” LECLERC, E. *O retorno ao Evangelho*. Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1983, p. 22. cf. SILVEIRA, I. A sociedade medieval. O mundo de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 20-21.

mostrem domésticos *inter se*⁴²⁷, quer dizer, devem comportar-se como membros de uma verdadeira família, como verdadeiros irmãos, manifestando um ao outro suas necessidades, que devem ser atendidas de forma maternal (cf. RB 6).

Na fraternidade de Assis a posição e procedência não entravam em consideração. Com isso é superada radicalmente a concepção medieval da mentalidade dos estados, que em última análise reduz a Deus mesmo a ordem dos estados existentes no mundo. Conhecedor pertinaz da concepção de Francisco, Tomás de Celano descreve:

Nenhuma falta de nobreza e nenhuma fragilidade de pobreza constituíam obstáculo a que fossem edificados em obra de Deus aqueles que Deus queria edificar (cf. At 20,32), pois ele se compraz em estar com os que são rejeitados pelo mundo e com os simples (cf. Pr 3,32) (1Cel 31,5)⁴²⁸.

Com isso a estrutura, reinante até então, é caracterizada muito claramente como proveniente ‘do mundo’ e com isso como obstáculo para a ação livre de Deus, como também em oposição ao que ele mesmo fez na terra, dando um exemplo. Logo a fraternidade de Francisco se origina do fato essencial de que perante Deus não há acepção de pessoa (Rm 2,11)⁴²⁹.

Théophile Desbonnets relata bem quanto a intuição de Francisco, recordada no seu Testamento, a relação entre o dom, iniciativa do Senhor e, o início da sua fraternidade. Este autor afirma que o movimento de Assis, com Francisco e seus frades menores⁴³⁰, nasceram como um fenômeno popular espontâneo. Num tom calmo que não polemiza e que não deixa transparecer traço algum de anticlericalismo, afirma explicitamente: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o

⁴²⁷ O termo *domesticus*, na constelação familiar da Idade Média, possivelmente influenciada pela concepção bíblica de casa, indicava todo aquele que morava na mesma casa: pai, mãe, filhos, filhas, parentes, servos, servas e outras pessoas que eventualmente morassem aí; essa relação mútua de proximidade era designada pelo termo *domesticus*; por seu caráter de familiaridade. Cf. Nota 15 ao texto: RB 6, In.:*FFC*, p. 151.

⁴²⁸ Tomás de Celano ainda acrescenta que Francisco de Assis: “Queria, em suma, que a Religião fosse acessível aos pobres e iletrados, não somente aos ricos e sábios. Dizia: “Em Deus não há acepção de pessoas” (Cf. Rm 2,11), e o ministro geral da Religião, o Espírito Santo, pousa igualmente sobre (cf. Is 11,2) o pobre e o simples” (2Cel 193).

⁴²⁹ Sobre a procedência social dos primeiros companheiros de Francisco de Assis, o rigoroso estudo: ESSER, K. *Origens e espírito primitivo da Ordem franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 49-57. A RNB 22, quanto à *admoestação aos irmãos*, parece reunir todas as passagens dos Evangelhos relativas ao assunto.

⁴³⁰ “A *fraternitas* é qualificada de menor. Menores se intitularam também os que não pertenciam à nobreza; Francisco adora a terminologia, mas lhe dá um novo sentido, não mais sociológico, mas evangélico” PIVA, D. Francisco de Assis, uma nova linguagem. *Op. Cit.* p. 218.

Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segunda a forma do santo Evangelho” (Test. 14)⁴³¹.

Ainda diz, Francisco, no seu Testamento sobre si mesmo, terminando o texto sobre a memória descritiva da sua conversão com a frase, que indica a sua aspiração: “Demorei só um pouco e sai do mundo” (Test. 4). Ele mesmo e todos os que o seguem deixam o mundo, para começar uma vida que corresponda inteiramente às exigências do Evangelho. (cf. RNB 22,9). Para o homem medieval porém isto não significa outra coisa senão levar vida religiosa, aqui especificamente expressa na vida fraterna⁴³².

Francisco designa de preferência como *fraternitas* a comunidade que se forma ao seu redor (cf.. Ord 2; RB 8,1-2; 12,3; RNB 5,4; 18,2; 19,2; 2Fi 52-56; 1Fi 20; Test 14.27.33.), porque nesse conceito seguramente se acha expresso a característica essencial desse primeiro grupo. Mas com a mesma frequência também a chama de *religio e ordo*⁴³³. Podemos constatar, por exemplo: “E seja definitivamente expulso da nossa Religião” (RNB 13,1) e “Se, porém, algum se extraviar da fé e da vida católica no dizer e no fazer e não se emendar seja definitivamente expulso da nossa fraternidade”. (RNB 19,2).

Compreender-se irmão e uma irmã é um dom de Deus. Através deste dom Deus exprime seu amor e seu cuidado para com o ser humano. O dom do primeiro irmão que Deus deu a Francisco, o enche de extraordinária alegria, como já tivemos oportunidade de apontar: “Parecia a Francisco que o Senhor se preocupava com ele, já que lhe mandara um companheiro tão necessário e um amigo tão fiel” (1Cel 24). Francisco Ama os seus irmãos “como herdeiros de uma fé especial e coparticipantes da herança eterna”(2Cel 172). Para Francisco ofensas contra a vida fraterna são ofensas contra a paternidade de Deus, que ama com intenso amor todos os seus filhos.

⁴³¹ Cf. DESBONNETS, T. *Da Intuição à Instituição*. Petrópolis: Cefepal, 1987,p.27-28.

⁴³² Cf. ESSER, Kajetan. *Origens e espírito primitivo da Ordem franciscana*. *Op. Cit.*, p. 29-30. Ainda lemos a afirmação categórica, que mostra a evolução imediata da primeira fraternidade em torno a Francisco, e a sua compreensão: “Temos pois a constatação clara de que a vida dos frades menores sempre foi considerada pelos seus contemporâneos como vida religiosa e a sua comunidade sempre tida por ordem religiosa” p. 30.

⁴³³ Tomás de Celano diz com toda a clareza que Francisco de Assis mesmo escolheu a designação ‘ordo’: “Ele próprio plantou no início a Ordem dos frades menores e naquela ocasião lhe impôs este nome... e ainda “Quero que esta fraternidade se chame Ordem dos frades menores” (1Cel 38, 2-3).

Para Francisco, mais importante do que libertar-se das formas de convivência daquele tempo, é libertar-se para uma nova forma de sociabilidade. Francisco imagina uma fraternidade verdadeiramente utópica, radicada na igualdade de todos: “Nenhum irmão exerça qualquer poder ou domínio, mormente, entre si... e quem quiser tornar-se o maior seja servo; e quem é o maior entre eles faça-se como o menor” (RNB 5,9-10). “E ninguém se denomine prior, mas todos, sem exceção, sejam chamados de irmãos menores. E um lave os pés do outro (cf. Jo 13,14)” (RNB 6,3; cf. Ad 4; 2Fi 42). Diante dos fracassos e dificuldades, o remédio está no espírito de fraternidade (cf. RNB 5)⁴³⁴.

Nós compreendemos como revelador o depoimento de Francisco a respeito de sua conversão. A experiência com os leprosos o faz descobrir neles o irmão. Se o leproso é o primeiro irmão, é também o sacramental da presença de um Deus que é Pai e que se fez nosso irmão. O mendigo é sacramental do Cristo e de sua Mãe (cf. 2Cel 85).

Francisco compreende: o mais importante não é tanto relacionar-se com os semelhantes, mas é o modo de relacionar-se com eles. No regime feudal, Francisco conhece o relacionamento piramidal: senhores sobre vassalos, vassalos sobre servos. Francisco prefere entre os frades – e isto se constitui em um modelo alternativo de relacionamento entre as pessoas – o relacionamento circular, a exemplo da *távola* redonda (cf. 1Cel 24). Todos são iguais: nenhum exerça domínio e poder sobre os outros... Todos devem obediência mútua... Todos devem serviço mútuo (cf. RNB 6,12).

É sumamente significativo que Francisco não tenha querido ser monge nem fundar uma Ordem de monges. Quis uma fraternidade de irmãos, de frades. Pela própria definição dos termos, percebemos em Francisco o homem relacional. Sua experiência monástica, em Assis, como em Gubbio, faz conhecer que o monge é o ser isolado, que se isola, que busca a solidão para encontrar-se com Deus; o frade (*frater*) é irmão, o ser que se relaciona e que

⁴³⁴ Cf. CAYOTA, M. *Semeando entre brumas*. Utopia franciscana e humanismo renascentista: uma alternativa para a conquista. Petrópolis: Cefepal, 1992, p. 149-150; BOFF, L. E a Igreja se fez povo. *Op. Cit.* p. 157-158. “Para que a fraternidade não se perverta, Francisco concebe a autoridade nela como um ministério: “Ninguém se chame prior, mas todos sem exceção se chamem de irmãos menores”, e recomenda a todos: “Cada qual ame e alimente seu irmão espiritual como uma mãe ama e alimenta seu filho”. VELASCO, J. M. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. *Op. Cit.* p. 66.

busca a convivência com os seus semelhantes e encontra Deus sacramentalmente presente na vida fraterna. Não foge da relação com o mundo para contemplar a Deus; Francisco busca Deus presente no mundo dos seres humanos e de todas as criaturas.

3.5.

O nascimento de uma mística sob a lógica da alegria

Depois da conversão, Francisco implorando com ardente fervor a misericórdia de Deus, o Senhor lhe fez compreender que em breve haveria de lhe revelar o que deveria fazer: “A partir de então, ficou repleto de tão grande júbilo (cf. Sl 125,2) que, não cabendo em si de alegria, mesmo não querendo, proferia algo deste segredo aos ouvidos dos homens” (LTC 13).

Francisco aprende a viver a alegria mística no dia-a-dia gratuitamente, o que exige compreender que não obterem como resultado apenas o levar a vida como graça, mas significaria também fazer da alegria uma companheira que marca presença em todos os momentos e em cada ação. Tem-se a impressão que o seu estado de alegria permanente tem muito a ver com uma visão otimista da vida e do mundo⁴³⁵.

A alegria sob a lógica da fraternidade mística que Francisco compreende como estado permanente de união com a pessoa de Jesus no seu seguimento. Desnecessário dizer que a mística da perfeita alegria⁴³⁶ no entender de Francisco significa alegrar-se não com os sofrimentos, mas com Jesus Cristo sofredor⁴³⁷. Consiste em suportar com paciência e resignação injúrias e

⁴³⁵ Cf. BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. Cit.* p. 81.

⁴³⁶ A expressão perfeita alegria à primeira vista sugere de imediato excelência na alegria. Alegria é satisfação, contentamento por se estar realizado. Por isso, poderíamos substituir a expressão por perfeita realização. Quando na caminhada nos aviamos do início ao fim, por meio de lutas, dificuldades, vicissitudes e desafios e perseveramos até o fim e assim nos perfazemos, somos ‘perfeitos’. Compreendemos esta perfeita alegria, à luz da experiência mística de Francisco, como significado da plena realização da existência humana que, através de uma longa e árdua experiência humana, chegou à meta, se consumou. Nesse sentido Francisco orienta frei Leão, e naturalmente todos os seres humanos, ensinando que a perfeita realização da existência da vocação franciscana é da cruz e para a cruz, i. é, seguimento de Jesus Cristo para tornar-se como ele, crucificado. Cf. HARADA, H. Em comentando I Fioretti. *Op. Cit.*, p. 183-184.

⁴³⁷ “As grandes testemunhas da fé cristã, os santos, que se conformaram em sua experiência espiritual com Cristo sofredor, não permaneceram passivos diante da mudança do destino do homem, porém personificaram valores novos e originais e semearam germes fecundos de nova vitalidade. Basta pensar na mensagem revolucionária de um São Francisco de Assis...” SANNA, I. Mistério Pascal. In: *DE*, p. 768.

humilhações “pensando nos sofrimentos de Cristo bendito”, segundo a sua própria expressão (Fior 8). Esta alegria perfeita a ser atingida resulta do dom de Deus. E Francisco, tal como São Paulo, só se gloria de haver recebido tal dom: “Eu, por mim, nunca vou querer outro título de glória que a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo; por ela o mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo” (Gl 6,14)⁴³⁸.

Francisco é a encarnação da alegria: a alegria de se libertar, de dar tudo e de se dar a si mesmo, a alegria de encontrar irmãos e irmãs pelo caminho. A alegria de saber que tem sempre diante de si a perfeita alegria a que aspira: a alegria de seguir a Jesus Cristo pobre e sofredor, fonte de alegria inesgotável.

A experiência da alegria de Francisco é o que ele pode dar a Deus e a seu Filho Jesus Cristo da sua parte de filho e irmão, como empenho místico da imagem e semelhança, para acolher e melhor, o mais excelente carisma que Deus dá a seus amigos mais íntimos, a saber: seguir a Jesus Cristo no chamamento. Trata-se, pois, do tesouro precioso, da herança que por nada no mundo Francisco quer perder, por ser a identidade da sua existência, Jesus Cristo, fonte de Alegria (Ad 6,11; 14,15).

3.5.1.

Jesus Cristo, fonte de alegria

O prazer do mundo de Francisco se manifesta mais claramente no comportamento alegre. Nisso, ainda, há aproximação entre religiosos e leigos, enquanto que o modelo monástico faz do monge um especialista em lágrimas. Ao contrário, abunda textos que mostram Francisco alegre. A palavra de ordem de Francisco é *paupertas cum laetitia* (cf. Ad XXVII,3): pobreza com alegria. A fonte dessa alegria é também de ordem divina. É uma experiência transcendente, um sinal de graça, efeito do ES nada pode contra ela (2Cel, 88)⁴³⁹.

⁴³⁸ Cf. GUITTON, G. *Descobrir São Francisco de Assis*. Braga: EF, 2004, p. 130-131. O autor do I Fioretti, reproduz o texto de Paulo, no texto da Perfeita Alegria cap. 8. É o ânimo da busca para se perfazer numa tal experiência, da cruz e para a cruz, é a coragem, a determinação, sim, a nitidez e claridade da compreensão e do querer de um seguimento de Jesus Cristo disposto a dar a sua vida de boa vontade. Vencendo-se a si mesmo transcender, superar-se, desempenho do eu à pronta disposição a modo de libertar-se para a alegria do Reino de Deus.

⁴³⁹ Cf. GOFF, L. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 228-230.

Francisco busca fazer a vontade de Deus, “como tivesse invocado mais plenamente a misericórdia do Senhor, foi-lhe mostrado o que ele precisava fazer. E, em seguida, enche-se de tão grande alegria (cf. Sl 125,2)” (1Cel 7). Depois que lhe chegam irmãos, Francisco pede ao Senhor clareza sobre o que deve fazer. Depois de rezar volta aos irmãos e lhes diz cheio de alegria: “Confortai-vos, caríssimos, alegrai-vos no Senhor (cf. Fl 3,1)” (1Cel 27).

Escreve o seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano, que o Senhor esta com Francisco em todos os lugares, alegrando-o com revelações e cumulando-o de dons (1Cel 33):

Os irmãos que conviveram com ele sabiam quão cotidiana e contínua fora na boa dele a conversa sobre Jesus, quão doce e suave (cf. Ez 33,32) a sua maneira de falar e quão benigna e cheia de amor a maneira de conversar sobre ele(1Cel 115; cf. 2Cel 95).

Um dia, caminhando com frei Egídio na direção das Marcas de Ancona, durante uma viagem, exulta ardentemente no Senhor, enquanto Francisco canta em francês⁴⁴⁰, louvando e bendizendo o Senhor. Estão de tal forma cumulados de alegria que dão a entender que haviam descoberto um grande tesouro (cf. AP 15; LTC 33). A alegria acompanha Francisco. De modo especial, no Alverne, experimenta ao mesmo tempo alegria e dor. Sente alegria pela maneira tão delicada como o Crucificado lhe aparece sob a forma de um Serafim. Experimenta profunda compaixão por vê-lo pregado na cruz⁴⁴¹. Alegria e tristeza, no coração de Francisco, são expressão profunda de sua emotividade humana conduzida por Deus até o limite do ser humano⁴⁴².

Francisco segue a Jesus Cristo, como já refletimos, até a estigmatização, porém esta não será a etapa final, somente a penúltima. A meta definitiva é a glória, a alegria, a dança eterna, tal como as intuem, as possui e as contempla no crucificado do Convento de São Damião que o interpela e o chama por seu próprio nome, desde este momento Francisco sabe a que glória se destina, a

⁴⁴⁰ “Todavia, era perfeitamente fluente em francês, língua universal do comércio da época. Todos os biógrafos antigos tecem loas à sua voz: “forte, doce, límpida, e sonora” diz Celano (cf. 1Cel 83). Francisco tinha à sua disposição um vastíssimo repertório de canções, tanto licenciosas quanto de cavalaria. Era coetâneo dos trovadores franceses que percorriam toda a Itália divertindo a nobreza encastelada (os maiores), bem como o populacho (os menores) durante os torneios e festivais religiosos que anualmente chegavam a 150 em Assis”. FRANCKE, L. B. Na estrada com São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p.23.

⁴⁴¹ Cf. LM 13,3; 1Cel 94; Fior, Terceira Consideração sobre os estigmas.

⁴⁴² Cf. BOUGEROL, J.G. Alegria, Júbilo, In: *DF*, p. 45.

que alegria o chama. E não somente a ele. Cristo o envia a convidar, por fim, todas as pessoas, todas as criaturas⁴⁴³.

3.5.2.

O caráter de Francisco de Assis: ponto de partida da alegria

A alegria do caráter de Francisco move o ritmo do reconhecimento e do louvor de Deus. E nessa alegria mística, Francisco intui que a criação tem voz para cantar e beleza para revelar o rosto de Deus, como numa dimensão sacramental. Na convivialidade com tudo que o cerca, Francisco se relaciona de modo cortês com cada criatura, deixando-as ser o que são e deixando-as transparecer o inefável de Deus que elas encerram. Imerso no mundo criado e em comunhão com tudo o que vive e respira, percebe o profundo parentesco e a comum filiação, que o liga a cada coisa, o santo jogral celebra, qual sacerdote do mundo, a eucaristia cósmica⁴⁴⁴.

A Legenda dos Três Companheiros ressalta em Francisco o temperamento “mais alegre e liberal” (LTC 2) do que seu pai. A alegria de Francisco se manifestou na experiência de pobreza, de humildade, de sofrimento, nas diversas tribulações e mesmo na morte. Sua vida é orientada pelo encontro com o Deus vivo, Jesus Cristo, cuja voz ele ouviu, esse Deus vivo que ele viu, em São Damião, inclinar a cabeça em sua direção. Inicia-se o processo de unificação dos elementos de seu caráter. Sua emotividade se transforma completamente, no seu Testamento Francisco confirma: “Parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles... aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo” (Test 2-3)⁴⁴⁵.

⁴⁴³ Visto por este ângulo, o Cântico das Criaturas parece um prólogo a esse ato final da história no qual Deus mesmo será “todo em tudo” para o eterno louvor da sua glória, assim nos ensina MANDELLI, Sor Maria. *El Crucifijo Gososo*. *Op. Cit.* p.427.

⁴⁴⁴ Cf. PALUDO, F. O louvor em São Francisco. In: *Cadernos da ESTEF* 1 (1986), p. 66.

⁴⁴⁵ Ainda no Testamento Francisco, nova pessoa, recorda o verdadeiro motivo da sua alegria: “e depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostro o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho... e mais não queríamos ter” (Test. 14-17). O primeiro biógrafo descreve esta mudança: “de porta em porta, Francisco pede alimentos cozidos e, vendo o prato cheio com diversas misturas, primeiramente fica horrorizado (cf. Jó 7,14), mas, lembrando-se de Deus (cf. Sl 76,4) e vencendo-se a si mesmo, come-o com o prazer (‘gaudio’) do espírito. O amor suaviza tudo e torna doce todo amargo”: 2 Cel 14.

A alegria de Francisco é vibrante. Depois do sonho com escudos e objetos de guerra no Palácio, se levantou cheio de entusiasmo⁴⁴⁶: “Despertando, levantou-se de manhã, animado e alegre... tornou-se tão mais alegre do que de costume que a muitos, que se admiravam e perguntavam de onde lhe vinha tão grande alegria” (LTC 5). A mudança do objeto de emotividade aparece muito claro e impressionante no episódio do encontro com o leproso:

Francisco, que tinha uma aversão natural pelos leprosos, num certo dia encontrou um leproso, quando cavalgava perto de Assis. Embora este lhe causasse não pouco incômodo e horror, no entanto, para não quebrar como transgressor o juramento feito, saltando do cavalo, correu para beijá-lo... repleto, a partir daí, de admiração e de alegria (cf. 2Cor 7,4), depois de poucos dias, trata de fazer oba semelhante... assim, toma as coisas amargas como doces (cf. Pr 27,7)(2Cel 9).

Francisco desenvolve uma alegria espontânea. Não há nele tristeza e melancolia. Aos irmãos escreve na sua Regra: “E cuidem para não se mostrar exteriormente tristes e sombriamente hipócritas; mas mostrem-se alegres no Senhor (cf. Fl 4,4), sorridentes e convenientemente simpáticos” (RNB 7,16)⁴⁴⁷. Para Francisco, no entanto, risos e palavras frívolas não são expressão de verdadeira alegria, porque desta maneira não se exprime alegria espiritual, mas leviandade e vaidade⁴⁴⁸.

São Boaventura testemunha significativo relato da alegria de Francisco, alegria que brota da pobreza e da simplicidade (cf. Lm 3,6). Francisco admoesta aos frades: “Onde há pobreza com alegria, aí não há nem ganância nem avareza” (Ad 27,4). A alegria de Francisco se manifesta mesmo antes da

⁴⁴⁶ LTC 5: “Despertando, levantou-se de manhã, animado e alegre... tornou-se tão mais alegre do que de costume que a muitos, que se admiravam e perguntavam de onde lhe vinha tão grande alegria”.

⁴⁴⁷ Bem compreende Celano ao descrever: “Viu (Francisco) uma vez um companheiro seu que apresentava um rosto desanimado e triste e, sentindo-se incomodado, disse-lhe: “Não convém que o servo de Deus (cf. Dn 6,20) se mostre triste e carrancudo (cf. Is 42,4) aos homens, mas se mostre sempre alegre. Dissipa tuas ofensas em teu quarto (cf. Ecl 10,20), chora e geme diante de teu Deus (cf. Gn 6,8). Quando voltas para junto dos irmãos, tendo deposto a tristeza, conforma-te aos outros”. E amava tanto o homem cheio de alegria espiritual que por ocasião de um Capítulo, para admoestação geral, mandou que se escrevessem estas palavras: “Cuidem os irmãos para não se mostrar exteriormente sombrios e tristes hipócritas, mas mostrem-se alegres no Senhor (cf. Is 61,10), sorridentes, agradáveis e convenientemente simpáticos” 2Cel 128; cf. EP 96

⁴⁴⁸ “Bem-aventurado o religioso que não tem prazer e alegria a não ser nas palavras e obras do Senhor e com estas leva os homens, com satisfação e alegria, ao amor de Deus (cf. Sl 50,10). Ai do religioso que se deleita em palavras ociosas e fúteis e com estas leva os homens ao riso”. Ad. 20; Cf. EP 96

conversão, quando em peregrinação a Roma, se reveste dos trapos de um mendigo e se sente cheio de alegria, entre os pobres⁴⁴⁹.

O pobre de Assis canta com o mais ardente amor e alegria cheio de júbilo os salmos que enalteciam a pobreza⁴⁵⁰. Possui tanto amor pela pobreza que, ao longo da estrada, perto de Rocca Campilia, as três mulheres pobrezinhas que lhe aparecem em visão (idênticas em sua pobreza, como se fossem três exemplares da mesma forma), inclinam a cabeça e dirigem a Francisco esta saudação original: “Bem-vinda, senhora pobreza”⁴⁵¹. Essa saudação é bem apropriada, porque Francisco é verdadeiramente pobre e gosta de viver entre os pobres: sua escolha, sua opção e sua preferência. Desta maneira deixa expresso aos frades: “E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua” (RNB 9,2)⁴⁵².

Francisco, o *Poverello*, intui este segredo de Deus. É assim que descobrindo o valor recôndito das situações insignificantes, realiza a experiência singular do encontro com o Deus de Jesus Cristo e, em comunhão com os pobres, aprende a cultivar e a apreciar a beleza desta intimidade⁴⁵³.

Francisco empreende um caminho que o leva aos braços da verdadeira alegria (cf. Fior 8). Como ele mesmo escreve, despertado à missão da alegria evangelizadora: “Bem-aventurado o religioso que não tem prazer e alegria a não ser nas palavras e obras do Senhor e com estas leva os homens, com satisfação e alegria, ao amor de Deus (cf. Sl 50,10)” (Ad 20). Alegre e

⁴⁴⁹ “Ao fazer uma peregrinação a Roma, depôs as vestes delicadas por amor da pobreza e, coberto com as vestes de um pobre, no átrio diante da igreja de São Pedro, que é um lugar cheio de pobres, sentou-se alegremente entre os pobres e, considerando-se como um deles, come avidamente com eles” 2 Cel 8; cf. LM 1,6; LTC 10. O mesmo Celano afirma: “Ninguém foi tão ávido pelo ouro, quanto ele pela pobreza... Por isso, alegre, seguro e livre para correr, tinha o prazer de ter trocado as riquezas que perecem pelo cêntuplo” 2 Cel 55.

⁴⁵⁰ “Ligado à senhora pobreza com vínculo indissolúvel, espera não o presente, mas o futuro dote dela. Cantava com mais fervoroso afeto e com mais alegre júbilo os Salmos que falam da pobreza, como aquele: A paciência dos pobres jamais será frustrada (cf. Sl 9,19); e: Vejam os pobre e se alegrem (Sl 68,33)” 2 Cel 70.

⁴⁵¹ Tomás de Celano ainda destaca que “Imediatamente, o santo ficou repleto de indizível alegria” 2 Cel 93

⁴⁵² Limitamo-nos aqui a uma simples referência ao célebre episódio dos Fioretti que relata a Perfeita Alegria (Fior 8): é suficiente mencioná-lo mais uma vez, pois já citado acima. O núcleo primitivo desta bela narrativa aparece no texto Da Verdadeira e Perfeita Alegria (VPAl). Mais densa ainda é a Compilação de Assis: “A pobreza era sua riqueza” (CA 53). Da mesma forma o Espelho da Perfeição: “Como naquele tempo os irmãos, os sadios e os doentes, com grande alegria viviam na pobreza como se estivessem na abundância” EP 28; cf. 2 Cel 176. Cf. HARADA, H. Em Comentando I Fioretti. *Op. Cit.* 185-187.

⁴⁵³ Cf. TAVARES, S.S. Trindade e Criação. *Op. Cit.* p. 226.

maravilhado com a vida, seu testemunho fala alto ainda hoje aos homens e mulheres do novo milênio⁴⁵⁴.

A alegria de Francisco situa-se para além da pobreza e da humilhação. Alimenta-se também dos sofrimentos, da morte. A morte de cruz é para Francisco a fonte mais genuína da verdadeira e perfeita alegria. Na cruz encontra ao mesmo tempo paradoxal e evidente, a expressão da maior das dores e do mais eloquente e sublime amor. A verdadeira e perfeita alegria brota tão somente do verdadeiro e perfeito amor⁴⁵⁵.

A alegria perfeita de Francisco se alimenta no sofrimento tem sua origem em Jesus Cristo, a fonte de alegria e salvação. O alimento e a força da mística os encontram e retiram daquele manancial que é o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ser alegre e prazeroso é a consequência natural desse estilo de vida, quando vivido em plena consciência e realizado em completa liberdade. Daí se segue também que, com semelhante modo de viver, contagie os homens e mulheres levando-os alegremente ao amor a Deus e a experimentar como é bom o Senhor⁴⁵⁶.

Em Santa Maria da Porciúncula Francisco é atormentado por gravíssima tentação espiritual, que chega a se subtrair da presença dos irmãos, porque não se sente em condições de mostrar-se alegre como de costume (cf. 2EP 99). No momento em que chega a morte, frei Elias⁴⁵⁷ aconselha que Francisco pense mais na morte do que na alegria. Ao que Francisco manifesta citando o apóstolo Paulo: Fl 4,4; 2 Cor 12,9-10⁴⁵⁸.

⁴⁵⁴ BINGEMER, M.C.L. *A perfeita Alegria*. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br>. Acesso em 22.09.2009.

⁴⁵⁵ Cf. OMAECHEVARRÍA, I. Cruz. In.: *DF*, 130, reproduzimos o autor: “Francisco é o santo da alegria na cruz. Basta prestar atenção na conclusão do diálogo com Frei Leão, ovelhinha de Deus, segundo a redação do belíssimo cap. 8 dos Fioretti, que desenvolve, no estilo próprio deste livro imortal, um texto anterior, mais breve (cf. De vera et perfecta laetitia; e também Admoestações 5): “Se suportamos todas estas coisas pacientemente e com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo bendito, pelo que devemos suportá-las por amor, ó Frei Leão escreve que aqui e, nisto está a perfeita alegria”. Para compreender a tonância do sentido do texto, como Francisco expôs a Frei Leão o que constitui a perfeita alegria, cf. HARADA, H. Comentando I Fioretti. *Op. Cit.* p.165-194.

⁴⁵⁶ Cf. BERNARDI, O., O encanto da vida. *Op. cit.* p. 92.

⁴⁵⁷ Companheiro e confidente de Francisco de 1212 a 1226 (ano da morte de Francisco). Veio a ser Ministro Geral da Ordem Franciscana desde 1220- 1227 e 1232-1239. cf. Primoroso estudo do Ministro geral da Ordem dos Frades Menores Conventuais: GIERMEK, J., *Litterae Circulares ad universum Ordinem de: 750º anniversario della morte di Frate Elia da Cortona*. In.: *COFMC*, 2004, p.16-28

⁴⁵⁸ Belíssima a narrativa do autor do Espelho da Perfeição: “E logo acrescentou com grande fervor de espírito: “Permite-me, irmão, que, nas minhas enfermidades (cf. 2Cor 12,9), eu me alegre no Senhor (cf. Fl 4,4) e nos seus louvores, pois, com a cooperação da graça do Espírito

Num definitivo diálogo de oração diante do Senhor, momento determinante que antecede o nascimento do hino das criaturas ao seu Senhor, ele também se coloca na presença do Senhor como a mais pobre das criaturas, chega aos céus do seu coração sob o encantamento da alegria vinda deste encontro orante, a certeza da alegria, como dom do Senhor, antecipação da vida definitiva em Deus, expressa bem esta compreensão o biógrafo Celano, Francisco:

Rezando a Cristo... enquanto rezava, assim posto em luta, obteve finalmente do Senhor a promessa da vida eterna. Disse o santo: “É claro que me alegraria, alegrar-me-ia acima da medida. Disse-lhe o Senhor: “Então exulta”...Então, compôs os Louvores das Criaturas e exortou-as a de algum modo louvarem o Criador(2Cel 213)⁴⁵⁹.

Dominado pela alegria de sentir-se dentro de uma segurança arrebatadora de Deus, animado e inspirado pelo dom da alegria, Francisco explode em canto alegre, o Cântico da alegria verdadeira, alegria perfeita (cf. Fior. 8). Francisco, admirado com toda criação, compreende o mundo como um semblante de Deus. Pobreza, sofrimento, tribulação e a própria morte, parecem animados, como se fossem pessoas vivas, tornando-se a Senhora Pobreza, o irmão sofrimento, o irmão fogo, a irmã morte. Há uma unidade que tem origem na simplicidade. Esvaziamento e plenitude, renúncia e posse, dor e alegria, morte, porque precisamente é o ponto no qual o ser humano livre criatura se “funde” em Deus⁴⁶⁰.

Comprendemos que se trata da inversão da experiência comum do fruir da criação e da vida. Esta inversão é vivida como fonte de alegria para Francisco. Sua experiência espiritual está de tal modo calcada no concreto da vida, no tecido das ações humildes e insignificantes do viver cotidiano que sua raiz e substância invisível se lhe aderem como a alma ao corpo, de maneira a constituir uma unidade viva, uma sintonia, a mais radical harmonia⁴⁶¹.

Santo, estou tão unido e ligado ao meu Senhor que, por sua misericórdia bem posso alegrar-me no Altíssimo” 2EP 121; cf. 1Cel 109; 2Cel 213; LM 14,5; CA 99.

⁴⁵⁹ Especificamente sobre o nascimento do Cântico, CA 83; 2EP 100. Cf. ARAUJO, J. W. C., *Exigências éticas de uma corresponsabilidade com a criação* – Uma proposta de ética ecológica. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC, 2001, p. 61.

⁴⁶⁰ Francisco registra sua sublime experiência transcendente na Regra Não Bulada: “Restituamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens” RNB 17,17.

⁴⁶¹ O autor do Espelho da Perfeição captou este desejo de Francisco: “Por alegria do rosto entendia o fervor e a solicitude, a disposição e a preparação da mente e do corpo para fazerem

Francisco está de tal modo unificado interiormente que é capaz de tornar concreta uma presença total em Deus e nas outras pessoas como se tivesse se tornado transparente diante dos irmãos e irmãs como o é diante de Deus. Neste sentido, alegria é liberdade unificadora e definitivamente reencontrada como dom do Senhor⁴⁶².

3.5.3.

Fraternidade mística na alegria diante da criação

Para Francisco a natureza das criaturas ao é obstáculo à graça, porque em si mesma esta natureza não está corrompida, mas é a vontade do ser humano que a deteriora. O santo tem consciência de que a natureza e a vida procedem de Deus e existem para manifestá-lo. O mundo da criação torna-se assim um grande coro de onde brota contínua oração. Francisco canta as criaturas com amor de pobre. Não quer possuí-las. Nunca materializa o espírito, mas espiritualiza a natureza. Em sua materialidade contempla apenas seu significado espiritual⁴⁶³.

A hagiografia⁴⁶⁴ mais antiga descreve esta alegria diante da criação, a ternura do homem de Assis pelos irmãos e irmãs se estende alegre diante de todas as criaturas: Francisco prega aos passarinhos e cheio de alegria os abençoa⁴⁶⁵, acolhe alegre e cuidadosamente o peixe do Lago Transimeno⁴⁶⁶,

de bom grado todo o bem, porque, às vezes, os outros são mais estimulados por este fervor e disposição do que pelo próprio ato bom. Além disso, se o ato, embora bom, parece que não é feito de boa vontade e com fervor, gera mais tédio do que estimula ao bem” 2EP 96.

⁴⁶² Por isso mesmo, o mal nada pode fazer contra Francisco, cheio da alegria do Espírito. Cf. 2Cel 125; 2EP 95-96;98; 2Cel 64; 128; LM 3,6. Cf. BOUGEROL, J.G. Alegria, Júbilo, In.: *DF*, p.47.

⁴⁶³ *Ibid.*, Cf. p. 46.

⁴⁶⁴ Enquanto o biógrafo se caracteriza pela humanidade e historicidade de um personagem, o hagiógrafo se caracteriza pelo seu aspecto cristológico, à medida que Cristo constitui o referente máximo a partir do qual se explica a história da salvação e a própria vida do santo. Geralmente, a hagiografia tem finalidade catequética, é escrita com a intenção de edificar os leitores, de propor as virtudes do santo como programa de vida para os cristãos. Cf. TEIXEIRA, C. M., Francisco de Assis: o homem e seu mundo. *Op. Cit.* p. 15.

⁴⁶⁵ O hagiógrafo captou a sensibilidade alegre do Santo de Assis e descreve: “Quando Francisco, o beatíssimo servo de Deus, as viu, porque era homem de fervor muito grande e tinha grande afeto de compaixão e doçura também para com as criaturas inferiores e irracionais, correu alegremente até elas, tendo deixado os companheiros na estrada. Saudou-as do modo habitual. Repleto de enorme alegria, rogou-lhes humildemente que ouvissem a palavra de Deus. Finalmente, abençoou-as. E o bem-aventurado pai, alegrando-se, ia com seus companheiros por seu caminho (cf. At 8,39) e rendia graças a Deus (cf. At 27,35), quem todas as criaturas veneram com humilde confissão” 1Cel 58

⁴⁶⁶ Situado na Província de Perúgia. Durante o século XIII, ao que parece, era habitado. Francisco escolheu este lugar para fazer a quaresma do ano de 1211 ou 1213 numa choupana

chama-o de irmão (cf. 1Cel 61). Francisco faz-se amigo de um faisão, de uma cigarra, de ovelhas, de uma ave aquática e dos lobos de Greccio (cf. 2Cel 35-36.170-171; LM 8,7-11; Fior XXI).

O ser de Francisco se inunda de júbilo quando convida as criaturas a louvar o Criador e contempla o sol, a luz e as estrelas do firmamento. Como ao salmista, Francisco exulta encantado por todas as obras das mãos do Senhor (cf. Sl 91,5;8,7)⁴⁶⁷.

Os sentidos e a corporeidade de Francisco afinam-se à beleza do criado de maneira a sentir-se irmão de tudo e de todos. Vivendo a dimensão de uma fraternidade universal, Francisco apaixonou-se por tudo o que existe e respira: do lobo ao cordeiro, da água a terra, do perdão à paz, da vida à morte. Seu olhar maravilhado transforma em canto de louvor toda experiência de vida por mais simples que seja. Tudo se transfigura e se revela grávido do Espírito divino diante de seu coração extasiado⁴⁶⁸.

A alegria de Francisco é completa a partir do momento em que o Senhor lhe dá os irmãos (cf. Test. 4-5)⁴⁶⁹. A conversão de Bernardo de Quintavalle⁴⁷⁰ encheu Francisco de imensa alegria⁴⁷¹, alegria que ia aumentando com a

improvisada na Ilha Maior. Dois lugares ali recordam a presença de Francisco na ilha: a capela do desembarcadouro e a que se eleva sobre a colina, provavelmente construída sobre a cabana que ele habitou. Cf. 1 Cel 60; LM 8,8b; Fior. 7. Sobre a história e descrição dos acontecimentos ali, cf. URIBE, F. Pelos caminhos de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 164-167.

⁴⁶⁷ Francisco “enchia-se muitas vezes de admirável e inefável alegria, quando olhava o sol, quando via a lua, quando contemplava as estrelas e o firmamento” 1Cel 80.

⁴⁶⁸ Cf. BINGEMER, M.C.L. A perfeita alegria. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br>. Acesso em 22.09.2009. Ainda para uma visão otimista da vida e do mundo, na experiência mística de Francisco, rigoroso estudo, com intensa pesquisa bibliográfica: BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. cit.* p. 101.

⁴⁶⁹ A redação do Testamento (Cf. Test. 4-5) contém uma indicação cujo alcance é mister sublinhar: somente depois que o Senhor lhe deu irmãos é que Francisco soube qual o caminho a trilhar. Francisco é um homem que encontrou seu caminho a partir do dia em que alguns companheiros se uniram a ele. Não tem nada do “gênio solitário” que inventa sozinho o itinerário. É com seus frades que vai assumir as feições que a história reconhece. Sem eles não tem este rosto. Somente depois de terem vindo juntar-se a ele, poderá, com eles, planejar viver segundo os moldes do Evangelho, isto é, pôr-se a caminho no seguimento de Jesus Cristo. Cf. SANTANER, Marie-Abdon. *Francisco de Assis e de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 35.

⁴⁷⁰ Sobre este primeiro companheiro de Francisco, o aristocrático Bernardo, sua personalidade, sua conversão, sua presença e fidelidade a Francisco, sua atuação no movimento franciscano e sua peregrinação como primeiro franciscano no Caminho de Santiago de Compostela, Cf. CELIGUETA, D. E. *I primi compagni di s. Francesco*. Padova: Messaggero, 1995, p. 30-53; SIDNEY, W. *San Francesco e i suoi Amici*. *Op. Cit.* p. 97-102.

⁴⁷¹ Tomás de Celano fala que “o primeiro que devotamente seguiu o homem de Deus foi alguém de Assis que tinha o espírito piedoso e simples”, mas não se tem notícias de quem seja. Celano continua: “depois deste, Frei Bernardo, abraçando a paz, correu alegremente atrás do santo de Deus (cf. Lc 4,34) para adquirir o Reino dos céus... associou-se a S. Francisco na vida e no hábito e estava sempre com ele. A conversão de Bernardo a Deus tornou-se, para os que haveriam de converter-se, modelo na maneira de vender as posses e de distribuí-las aos pobres.

chegada de novos companheiros (cf. 1Cel 31), transbordando de indizível alegria e felicidade no Espírito do Senhor (cf. LTC 32, AP 14), os irmãos saem a esmolar com alegria e Francisco os acolhe na chegada com exultação, beijando-lhes o ombro do qual pende o alforje (cf. CA 98; 2Cel 76; EP 25).

Em síntese, a coerência com as convicções e resoluções introduz a construção dessa nova e audaciosa proposta cristã de viver um cristianismo original e contundente. Dentro deste contexto se entende a indicação do porteiro para que Francisco se dirija aos crucíferos (cf. Fior 8: “Pensando nos sofrimentos de Cristo bendito”) o leva novamente para situar-se na periferia e na marginalidade como o lugar do constante retorno, à experiência mística como despertar evangélico.

É a partir desse novo centro que a mística de Francisco assume os contornos do rosto de Jesus Cristo. Cabe aqui reler o tão citado texto de Celano: “Comecemos, irmãos, porque até esse momento pouco ou nada fizemos” (1Cel 103), dentro da lógica do seguimento e da cruz. A verdadeira fraternidade e a verdadeira alegria só encontram lugar e somente contam dentro de um esquema em que prevalece a lógica da encarnação e da cruz. É esse também o esquema de Francisco e de sua perfeita alegria, por isso a mística que brota dele fomenta sempre mais a capacidade de viver na alegria gratuita do Espírito.

Conclusão parcial

Neste capítulo enfatizamos os aspectos centrais, mais expressivos e relacionados à realidade mística do Santo, à realidade mesma da vida de Francisco que mais falam à nossa condição e a aproximação do centro da nossa pesquisa.

Ao longo deste capítulo buscamos a reflexão e as contribuições muito próprias e pessoais de Francisco. Descemos à originalidade da experiência mística de Francisco, o despertar evangélico de uma época e o seu despertar

E São Francisco alegrou-se com júbilo muito grande (cf. Mt 2,10) com a chegada e a conversão de tão grande homem, pelo fato que o Senhor parecia ter cuidado dele, dando-lhe o companheiro necessário e o amigo fiel” 1 Cel 24; cf. 2Cel 15; 109; LM 3,3; LTC 27-29; AP 10-11; Fior. 2.

evangélico totalmente original, único. No contexto da baixa Idade Média italiana.

Primeiramente destacamos a pobreza solidária e a solidariedade do pobre de Assis para com todas as criaturas, a partir do inusitado encontro místico paradigmático com o leproso nas proximidades de Assis.

Seu processo de conversão, sua audaciosa mudança de classe social, para baixo, a mudança de sonhos e planos futuros, para a conquista da irmã minoridade libertadora dos bem-aventurados, a nova morada de Francisco, novo ser humano, mas sempre em construção. A partir da escuta, assimilação e adesão do Evangelho do envio apostólico.

Destacamos alguns traços da fisionomia evangélica de Francisco, sua personalidade cristã e, desdobramentos essenciais da sua experiência vital, mística religiosa, sem romper com a Igreja, totalmente católico.

Analisamos na perspectiva e à luz dos seus Escritos mais relevantes, como a Regra, o Testamento, as Admoestações, as Cartas, todos Escritos anteriores ao Cântico das Criaturas, descobrimos e contemplamos o seguimento do Cristo pobre e o seguimento de Cristo na obediência radical. Nossa pesquisa é iluminada pelos hagiógrafos contemporâneos a Francisco.

Detivemo-nos sobre os mistérios de Jesus, vividos e encarnados criativamente por Francisco, intensamente sua religiosidade marcadamente litúrgica, como a devoção ao menino Jesus no mistério da Encarnação, a adoração e respeito ao Corpo do Senhor, o sacramento central da Eucaristia, a paixão de Jesus emocionalmente vivida que caracterizam sinais no seu corpo, os estigmas em razão da contemplação do mistério da cruz do Senhor.

Pontuamos a importância da forma itinerante de vida apostólica, condição vocacional apontada na Regra de Vida a ser professada por seus seguidores. Sua vida é contemplação na vida apostólica, se destaca como mestre de mística encarnada o pobre de Assis, seu mandato vocacional e da sua fraternidade a exemplo da vida pública de Jesus. A pregação da conversão, a metánoia, pelo exercício da penitência, como próprio elemento da pregação da época.

Detivemo-nos na prática da fraternidade e da alegria. Não como conceitos, mas como articuladas características que estão na construção da vida franciscana, na raiz da sua essência mesma. Fraternidade e alegria, próprias da

mística de Francisco, projetam para o Cântico uma aproximação e o fundamenta, pois compõem o despertar evangélico.

A fraternidade, como vimos, nos aspectos relacionados à mística de Francisco e os irmãos que o Senhor lhe deu, nascidos da graça de Deus, a fraternidade com empenho e dom para a formação do franciscano possui um dinamismo próprio e se expressa em amor mútuo e às criaturas, em mobilidade, em subjetividade aberta, transparente, para o mundo dos irmãos e irmãs, com todos, principalmente com os mais pobres.

A alegria mística, fruto da visão otimista de Francisco e dom messiânico. Jesus é a fonte da alegria, inesgotável e permanente. E o caráter do pobre de Assis compõe a ação de graças contínua, a fraternidade iniciada na vontade do desejo de Deus, vive e é chamada a viver na alegria da pobreza, a exemplo do Filho de Deus. A alegria diante da criação, com os irmãos e irmãs, todos os seres, todas as criaturas. A alegria polifônica em harmonia com a realidade paradisíaca, em louvor como fruto do Espírito.

A elevação da vida fraterna à forma essencial da relação entre os que se associaram à forma de vida de Francisco e entre os seres humanos todos com todas as criaturas, comporta originalmente a aplicação às relações sociais da revolução evangélica que deveria transformar o cosmos, de *regio dissimilitudinis*, esse reino das desigualdades que constitui o mundo dominado pelo pecado, no mundo da igualdade dentro das diferenças que é o mundo de irmãos e irmãs.

Francisco é contemporâneo à sua época e sua forma de vida evangélica é uma resposta aos desafios sentidos no mundo em que lhe toca viver. Mas o seu sentido não se restringe ao quadro histórico do século XIII; não é uma fonte de águas mortas, mas de água viva que gera sentido para nossas vidas hoje. Ele é uma fonte de inspiração para a comunidade cristã e de alento para os pobres que buscam a sua libertação.

O que constitui o interesse da experiência mística de Francisco é a sua autenticidade cristã e a sua capacidade de gerar uma teologia mística original e com fundas raízes na tradição bíblica⁴⁷². Esta experiência seduz numerosos discípulos que a propõem ainda hoje aos cristãos e cristãs uma outra visão

⁴⁷² Cf. OGUI, G. L'homme et son univers: création ou destruction. In: *Revue de l'Université Catholique de l'Afrique de l'Ouest*. 25 (2005), p. 79.

possível do cosmos. Assim, quando João Paulo II, no dia 29 de novembro de 1979, proclama Francisco padroeiro dos ecologistas⁴⁷³, quer convidar os homens e mulheres a lançarem sobre o mundo um olhar benevolente e fraterno, respeitoso e convival, sobre uma natureza hoje ameaçada ou monopolizada pelos poderes do mundo em detrimento dos mais fracos e suas mais singulares e primárias necessidades.

Em toda pessoa, Francisco encontra a imagem de Jesus que na encarnação se faz nosso irmão; dialoga com todos os seres, fazendo-se irmão de todas as criaturas, tornando-se, para o seu tempo, o apóstolo da fraternidade e da paz. Com os seus frades ele trabalha servindo aos irmãos leprosos e trabalham no campo para ganhar o necessário para viver. Pacifica as cidades em discórdias, a todos anuncia a penitência e o amor evangélico pelo Reino, fraternidade e plena reconciliação sob a lógica do perdão.

Como veremos a experiência mística do Cântico revela o quanto Francisco cresceu para dentro do coração das criaturas sob a iniciativa do “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor” (Cnt 1). Em nossos próximos capítulos, o objetivo é analisar esta questão, propriamente o Cântico e a articulação mística com a experiência de Francisco com as criaturas. Em alguma medida, observaremos a presença de alguns dos autores analisados neste capítulo para melhor articular com a obra de Francisco, expressão do seu amor ao Criador e à criação inteira.

Creemos que a mística de Francisco resulta bem fundamentada e consegue ser propositiva para uma abordagem aprofundada do seu Cântico. O romancista francês, Émile Zola⁴⁷⁴ diz que só há dois caminhos para um escritor: a sátira e o cântico. A afirmação vale perfeitamente para o arauto do Evangelho, Francisco. Seu proceder pode ser como o do panfletista que denuncia e desacredita a Igreja estabelecida em nome da pobreza redescoberta ou como o do poeta que celebra uma experiência mística extraordinária. Este último foi o itinerário de Francisco. O retorno ao Evangelho o distingue dos reformadores de seu tempo, não sob o signo da contestação ou da polêmica, mas tendo como pano de fundo o canto e o Cântico. A partir desta postura despoja-se de toda e qualquer agressividade.

⁴⁷³ Ver anexo.

⁴⁷⁴ Cf. Apud. LECLERC, E. Canto, cântico. In: *DF*, p. 72.

Existe uma estreita ligação, liame realmente essencial, entre sua experiência mística e o Cântico. O seu carisma não é o de ter descoberto a Revelação de Deus pobre, o Evangelho da pobreza outros também o fez naquele tempo, como já apontamos, mas o de ter redescoberto na Palavra de Deus, na Revelação a associação do Cântico à ação de graças. Em Francisco o Cristo do Evangelho da pobreza é idêntico ao Evangelho do Cântico. Ele é um pobre de Deus, irmão de todas as criaturas. Ele é o pobre que com todas as criaturas descobre o *motivo, o Senhor*, para sua vida e para seu canto à vida de todas as criaturas.

No próximo capítulo desenvolveremos uma introdução ao Cântico na vida de Francisco, nos ocuparemos a introduzir ao Cântico, sua originalidade, sua autenticidade, o gênero literário, a influência bíblica e sua hermenêutica bíblica contundente, as circunstâncias da original composição de Francisco, de grande impacto para exemplar e síntese mística franciscana posterior. É o que passaremos a refletir no capítulo a seguir.